



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING ESPECIAL

Acordos Automotivos

27.08.2015

Edição e Seleção
Fernanda Preve

Sumário

O GLOBO	6
Economia.....	6
Brasil ajuda Argentina do ponto de vista diplomático, diz Mauro Borges	6
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	8
Geral	8
Brasil e Argentina fecham acordo no setor automotivo.....	8
TÉLAM.....	9
Economia.....	9
El Gobierno le garantizó a las terminales las importaciones de vehículos y autopartes.....	9
VALOR ECONÔMICO.....	10
Brasil.....	10
Acordo com Argentina deve ser renovado por um ano	11
PÁGINA/12	12
Economia.....	12
Un nubarrón tras el buen tiempo	12
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	14
Economia.....	14
Um terço da queda na produção de carros no Brasil se deve à crise argentina	14
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	16

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Economia.....	16
Montadoras elevam corte na produção e tentam destravar vendas à Argentina	16
EL PAÍS	17
Economia.....	17
Acuerdo automotor entre Brasil y Argentina está cerca	17
PÁGINA/12	18
Economia.....	18
A la mesa con Brasil.....	18
O GLOBO	19
Carros	19
Brasil e Argentina criam grupo para destravar exportações de carros.....	19
TÉLAM.....	20
Economia.....	20
La industria automotriz confía en la reactivación del intercambio con Brasil.....	21
Argentina y Brasil acordaron implementar un comercio equilibrado.....	22
TÉLAM.....	23
Economia.....	23
"Están dadas las condiciones para la sustentabilidad del complejo automotriz", aseguró Capitanich.....	23
El presidente de la Cámara del Comercio Automotor sostuvo que las terminales "deben asumir responsabilidades"	24
Produção e vendas de veículos no Brasil têm pior julho desde 2006, diz Anfavea.....	25
LA NACIÓN (ARGENTINA).....	27
Economía.....	27
Se volvieron a desplomar en abril la producción, las ventas y las exportaciones de autos.....	27
VALOR ECONÔMICO.....	29
Empresas.....	29
GM para de exportar carros do Brasil para o mercado argentino.....	29
Empresas.....	31
Governo argentino pede planilha de custo em carros	31
VALOR ECONÔMICO.....	33
Empresas.....	33
Falta investimento em peças na Argentina	33
VALOR ECONÔMICO.....	35
Empresas.....	35
Anfavea tenta abrir mercado latino para carros brasileiros.....	36
O ESTADO DE SÃO PAULO.....	37

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Economia.....	37
Brasil e Argentina tentam acordo sobre regime automotivo	37
Reuniões na Argentina terminam sem acordo automotivo	39
Anfavea: dólar em alta prejudica importação de peças para veículos	40
FOLHA DE SÃO PAULO	41
Mercado.....	41
Brasil substituirá importação de peças de automóvel alemãs por argentinas	42
Economia.....	43
Brasil vai ampliar compra de autopeças da Argentina	43
Negociação garante aumento de 40% na venda de veículos para a Argentina	45
VALOR ECONÔMICO	46
Brasil	46
Novo acordo automotivo com Argentina não avança.....	46
VALOR ECONÔMICO	48
Empresas.....	48
Restrições na Argentina voltam a afetar montadoras.....	48
Produção de carros na Argentina ficou estagnada no mês passado	49
Anfavea admite negociar regra para autopeças com Argentina.....	51
BNDES vai desembolsar R\$ 16 bi para a exportação este ano	51
ESTADO DE SÃO PAULO	53
Economia.....	53
Volks argentina tem estoque de 15 mil veículos	53
AGÊNCIA BRASIL.....	54
Economia.....	54
Acordo automotivo entre Brasil e Argentina entra em vigor	54
O ESTADO DE SÃO PAULO	55
Industria	55
Brasil e Argentina terão pacto renovado	55
Internacionales.....	56
La producción brasileña de automóviles cayó un 18%.....	56
VALOR ECONÔMICO	57
Brasil	57
Montadoras podem obter ajuda para exportar à Argentina	57
Borges: Argentina aceita pagar à vista vendas do Brasil	60
Borges: acordo automotivo com Argentina será prorrogado	60
LA NACIÓN (ARGENTINA).....	62
Economía.....	62

General Motors de Brasil suspende sus envíos al país	62
PÁGINA 12	65
Economia.....	65
"Vamos a exportar 130 mil autos más"	65
Economia.....	66
Arreglo con Brasil para equilibrar la cancha	67
LARED 21	68
Economia.....	68
Argentina y Brasil renuevan acuerdo comercial para enfrentar caída de ventas de autos en ambos países	68
EL PAÍS	70
Información	70
Rocha: puerto aprobado sin habilitación ambiental	70
AGÊNCIA BRASIL	72
Economia.....	72
Anfavea: IPI para automóveis sobe em 1º de janeiro	72
Economia.....	74
Brasil vai ampliar compra de autopeças da Argentina.....	75
Negociação garante aumento de 40% na venda de veículos para a Argentina	76
VALOR ECONÔMICO	78
Brasil	78
Novo acordo automotivo com Argentina não avança	78
VALOR ECONÔMICO	80
Empresas.....	80
Restrições na Argentina voltam a afetar montadoras	80
Produção de carros na Argentina ficou estagnada no mês passado	81
Anfavea admite negociar regra para autopeças com Argentina	82
BNDES vai desembolsar R\$ 16 bi para a exportação este ano.....	83
ESTADO DE SÃO PAULO	85
Economia.....	85
Volks argentina tem estoque de 15 mil veículos.....	85
AGÊNCIA BRASIL	85
Economia.....	85
Acordo automotivo entre Brasil e Argentina entra em vigor	85
O ESTADO DE SÃO PAULO	86
Industria.....	86
Brasil e Argentina terão pacto renovado.....	87

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Internacionales.....	87
La producción brasileña de automóviles cayó un 18%.....	88
VALOR ECONÔMICO.....	89
Brasil.....	89
Montadoras podem obter ajuda para exportar à Argentina	89
Borges: Argentina aceita pagar à vista vendas do Brasil	91
Borges: acordo automotivo com Argentina será prorrogado	92
LA NACIÓN (ARGENTINA).....	93
Economía.....	93
General Motors de Brasil suspende sus envíos al país.....	93
Economía.....	96
LA MINISTRA DE INDUSTRIA DESTACO EL IMPACTO DEL ACUERDO AUTOMOTOR CON BRASIL	96
Economía.....	98
GOBIERNOS Y EMPRESAS AUTOMOTRICES ACORDARON MAYORES EXPORTACIONES DESDE ARGENTINA	98
LARED 21	99
Economía.....	99
Argentina y Brasil renuevan acuerdo comercial para enfrentar caída de ventas de autos en ambos países	100
EL PAÍS	101
Información	101
Rocha: puerto aprobado sin habilitación ambiental	101
AGÊNCIA BRASIL	103
Economía.....	103
Anfavea: IPI para automóveis sobe em 1º de janeiro.....	103

Economia

01/07/2014 15h24 - Atualizado em 01/07/2014 16h08

Brasil ajuda Argentina do ponto de vista diplomático, diz Mauro Borges

Alexandro Martello - Do G1, em Brasília

O Brasil está ajudando a Argentina – que enfrenta uma batalha judicial que pode levar o país a dar um novo calote em sua dívida – do ponto de vista diplomático, afirmou nesta terça-feira (1º) o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges. Segundo ele, a ajuda diplomática é "natural" e acrescentou que a possibilidade de emprestar recursos para o país vizinho "não está na mesa de demanda argentina e nem brasileira" neste momento.

ENTENDA A CRISE DA DÍVIDA DA ARGENTINA

"O Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) está chamado uma reunião e acreditamos em uma solução diplomática. Envolve a renegociação de uma dívida de um país soberano. Esperamos que não crie precedentes que cria instabilidade para outros países do mundo. Esperamos que seja sendo bem sucedida", declarou Mauro Borges, acrescentando que o Brasil tem "posição cativa" na OEA.

Calote

A Argentina enfrenta uma batalha jurídica em torno dos pagamentos de suas dívidas.

Na quinta-feira, a Argentina pagou a parcela que pertence à chamada renegociação da dívida de US\$ 100 bilhões, definida em 2005, e referente à renegociação após o "megacalote" do país em 2001. Esse sistema de pagamento, com descontos e parcelamentos, foi aceito pela maioria dos credores.

Na sexta-feira, no entanto, o pagamento de US\$ 1 bilhão feito na véspera pela Argentina a credores da dívida (que recebiam em parcelas) foi considerado "ilegal" pelo juiz Thomas Griesa, dos Estados Unidos. Com isso, os recursos do depósito foram bloqueados. Sem o pagamento, que vencia no dia 30 de junho, o país entraria em "calote técnico". Um seguro feito sobre essa dívida, no entanto, dá à Argentina mais 30 dias antes de se tornar inadimplente.

Para a Justiça dos EUA, os argentinos só podem pagar as parcelas quando honrarem o pagamento dos que exigem receber o valor sem descontos ou parcelas.

Acordo automotivo

O ministro do Desenvolvimento lembrou que, quando foi fechado recentemente um novo acordo automotivo com o país vizinho, o governo brasileiro apresentou "alternativas de financiamento para o comércio bilateral", mas que o governo argentino considerou que os "mecanismos privados" já existentes era "satisfatória". "A linha [de crédito] foi colocada como alternativa, mas não vai ser acionada neste momento", afirmou ele.

Mauro Borges observou que, com o fechamento do acordo automotivo com a Argentina, metade do comércio bilateral com o país vizinho foi coberto e, desta forma, sem restrições. "Não está tendo retenção administrativa, que era o que a gente queria com o acordo. Não vai ter restrição ao fluxo de comércio dentro dos parâmetros estabelecidos. O acordo foi relevante para manter o fluxo de comércio", afirmou.

Ele avaliou porém, que a Argentina terá uma taxa de crescimento menor do que no ano passado por conta do nível de atividade mais fraco no país vizinho. De acordo com o secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Daniel Godinho, a Argentina reduziu as importações de todos os países, não somente do Brasil, nos cinco primeiros meses deste ano.

Negociações com credores

O governo argentino informou nesta segunda-feira (30) que iria mandar uma delegação aos Estados Unidos para negociar o pagamento da dívida com os fundos que não aceitaram a renegociação. De acordo com comunicado do ministério da Fazenda da Argentina desta segunda-feira (30), uma delegação do país vai se reunir com o mediador indicado pelo juiz para conduzir as conversas.

"Assim, a Argentina reitera sua vocação para negociar em condições justas, equitativas e legais que contemplem os interesses de 100% dos credores, o que significa pontualmente que se possa cobrar dos credores reestruturados (que aceitaram negociar a dívida) o vencimento", diz a nota do governo, de acordo com a Telám.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/brasil-ajuda-argentina-do-ponto-de-vista-diplomatico-diz-mauro-borges.html>

<http://www.estadao.com.br>

Geral

Brasil e Argentina fecham acordo no setor automotivo

RENATA VERÍSSIMO - O ESTADO DE S.PAULO

04 Junho 2014 | 02h 01

Governo brasileiro teria aceitado o modelo 'flex' em torno de US\$ 1,6 ou US\$ 1,7; Anfavea não concorda e queria prorrogar termos atuais por 2 anos

BRASÍLIA - Os governos do Brasil e da Argentina acertaram a renovação do acordo automotivo por mais um ano com a volta do mecanismo "flex", pelo qual se cria uma proporção entre exportações e importações para que o comércio bilateral fique isento de Imposto de Importação.

O Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado, apurou que o acordo fechado ontem em Brasília pela ministra de indústria da Argentina, Débora Giorgi, e o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Mauro Borges, não agradou à Associação Nacional de Veículos Automotores (Anfavea).

O governo brasileiro, segundo fontes, concordou em restabelecer o flex em torno de US\$ 1,6 ou US\$ 1,7. A Anfavea era contra a volta do flex, mas para evitar uma perda maior defendeu que o índice ficasse pelo menos no mesmo patamar que vigorou até junho do ano passado, de US\$ 1,95. A entidade chegou a sugerir um flex de US\$ 2,05. Buenos Aires queria que para cada dólar importado pelo Brasil em produtos automobilísticos da Argentina, o Brasil teria direito de exportar US\$ 1,3 para o país vizinho sem tarifa.

Piso baixo. A preocupação da Anfavea é que o novo flex crie um piso baixo para o acordo definitivo que ainda será negociado ao longo dos próximos 12 meses. Na prática, o flex entre US\$ 1,6 e US\$ 1,7 atende às necessidades do comércio bilateral. As exportações brasileiras não atingem esse patamar. O valor definitivo será fechado nos próximos dias.

Desde julho do ano passado, as vendas bilaterais de automóveis e autopeças estavam no livre-comércio.

A Anfavea defendia a prorrogação do acordo por mais dois anos nos termos atuais. Porém, os negociadores argentinos, mais uma vez, foram duros nas reuniões. Sem uma renovação do acordo

automotivo, que vence no dia 30 de junho, as vendas dos dois países poderiam voltar a ser taxadas por Imposto de Importação.

Uma nova reunião foi marcada para quarta-feira da próxima semana em Buenos Aires. Em nota, o governo argentino informou que ambos os lados "coincidiram na importância de definir os últimos aspectos das negociações na capital argentina", com a presença do ministro de Economia Axel Kicillof. Se o valor do flex for fechado até lá, há uma possibilidade de que o termo de renovação do acordo seja assinado nesse dia.

Além do acordo, ambos os governos se comprometeram a trabalhar nos próximos quatro meses na composição de uma lista de autopeças que podem ser fabricadas e homologadas no bloco regional. E quais devam ser importadas. O objetivo é reduzir a importação de autopeças de terceiros países de fora do Mercosul. / COLABOROU MARINA GUIMARÃES

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-argentina-fecham-acordo-no-setor-automotivo-imp-,1505130>

TÉLAM

<http://www.telam.com.ar>

Economia

04.02.2014 - 20:18

INDUSTRIA AUTOMOTRIZ

El Gobierno le garantizó a las terminales las importaciones de vehículos y autopartes

El Gobierno nacional aseguró a las empresas automotrices radicadas en el país que están garantizadas las importaciones de vehículos y autopartes, por lo que no se verá alterado el normal desenvolvimiento de la industria.

La ministra de Industria, Débora Giorgi, y el secretario de Comercio, Augusto Costa, se reunieron con los titulares de las terminales automotrices radicadas en la Argentina, con quienes analizaron la planificación para el sector.

Los funcionarios ratificaron las políticas industriales para el sector automotriz y aseguraron que, "dentro de los parámetros establecidos por el Gobierno, están garantizadas las importaciones".

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

De esta manera, resaltaron que "no se verá alterado el normal desenvolvimiento de esa industria, contemplando el aumento de la producción y la preservación de los puestos de trabajo".

La cartera industrial informó que durante el encuentro se detallaron las pautas planteadas para el sector automotriz por el Estado Nacional, teniendo en cuenta objetivos macroeconómicos y de política industrial.

Entre los puntos principales abordados se mencionó el establecimiento de plazo mínimo para el pago de las importaciones realizadas por las terminales y que cada compañía presente una proyección pautada para este año, en forma trimestral, de sus planes de importaciones y exportaciones, tanto de vehículos terminados como de autopartes.

También se anunció en el encuentro de hoy el reinicio de las mesas de integración de autopartes a partir del próximo 15 de febrero, para profundizar el proceso de nacionalización de componentes en el sector.

La ministra Giorgi aseguró que una vez recibidas las proyecciones realizadas por las terminales, "se realizarán reuniones individuales con cada una de ellas para trabajar en forma específica empresa por empresa".

Del encuentro participaron los presidentes de General Motors, Isela Costantini; Toyota, Daniel Herrero; Fiat, Cristiano Ratazzi; Renault, Thierry Koskas; Iveco, Natale Rigano; y Peugeot, Luis Ureta Sáenz Peña; y ejecutivos de Volkswagen, Ford, Honda, Mercedes Benz, Scania, y el director ejecutivo de la Asociación de Fabricantes de Automotores (Adefa), Fernando Rodríguez Canedo.

También estuvieron presentes los secretarios de Industria, Javier Rando; de Planeamiento Estratégico Industrial, Horacio Cepeda; y, por el Ministerio de Economía, los subsecretarios de Comercio Exterior, Paula Español; y de Coordinación Económica y Mejora de la Competitividad, Mariana González.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201402/50457-el-gobierno-garantizo-a-terminales-importaciones-de-vehiculos-y-autopartes.html>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Acordo com Argentina deve ser renovado por um ano

Por Daniel Rittner | De Brasília

07/05/2014 às 05h00

Em meio às incertezas vividas pela indústria automotiva nos dois lados da fronteira, Brasil e Argentina devem renovar por um ano o acordo bilateral no setor. Um acerto temporário tem sido a solução mais cogitada pelos negociadores de Brasília e de Buenos Aires para evitar prejuízos ainda maiores ao intercâmbio comercial. O acordo atual expira em 30 de junho e a tendência é que seja prorrogado por 12 meses, enquanto os dois países não chegam a um entendimento em torno do sistema "flex". A Argentina propõe um índice de 1,30 a partir de julho. Isso significa que, para cada US\$ 1 milhão em veículos argentinos exportados ao Brasil, as fábricas brasileiras podem embarcar até US\$ 1,3 milhão à Argentina sem a incidência de tarifas. O Brasil resiste.

Até junho de 2013, vigorava um "flex" de 1,95. No mês seguinte, esse sistema de cotas foi extinto, mas o acordo automotivo ainda estava vigente. Com isso, ficou instituído o livre comércio no setor - fato inédito nas duas décadas de Mercosul. Agora, o próprio acordo em si deixaria de valer. Portanto, todo o comércio de veículos passaria a pagar 35% de tarifa de importação.

Os negociadores brasileiros defendem índice entre 1,30 e 1,95. Na avaliação do governo, o pior cenário é que não haja nenhum acordo e o intercâmbio comercial passe a sofrer com as alíquotas de importação. Entende-se em Brasília, no entanto, que isso não favorece Buenos Aires e as próprias autoridades argentinas não têm interesse em ficar descobertas pelo incentivo tarifário. Quase todas as exportações das montadoras na região platina têm o Brasil como destino. Assim, renovar temporariamente o acordo visa dar mais tempo para as discussões em torno do "flex" aceito pelos dois lados.

A Argentina também quer que autopeças fabricadas no país façam parte do Inovar-Auto, o programa brasileiro para estimular a produção de veículos, que tem exigência de conteúdo local. Para o governo argentino, essa é uma forma de dar mais equilíbrio à balança, hoje favorável ao Brasil.

Além disso, os dois países discutem mecanismos para destravar o financiamento às exportações, com foco não só no automotivo. Essas negociações estão mais tranquilas, principalmente com a informação vinda de Buenos Aires de que o banco central do país não está mais retendo dólares das montadoras argentinas às suas congêneres aqui.

O presidente da Anfavea, Luiz Moan, disse que a reunião técnica entre Brasil e Argentina ontem no Ministério do Desenvolvimento não foi conclusiva: "As análises foram boas, mas não foi possível

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

chegar a uma conclusão". Ele informou que uma reunião do governo com a indústria de autopeças deve ocorrer hoje, no ministério. Questionado se obteve algum aceno a respeito da recomposição gradual do IPI, Moan disse que o governo não deu a entender que as alíquotas ficarão reduzidas por mais tempo.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3538934/acordo-com-argentina-deve-ser-renovado-por-um-ano#ixzz31266HsC7>

PÁGINA/12

<http://www.pagina12.com.ar>

Economía

Peugeot-Citroen suspende a 1100 operarios por la caída de ventas

Un nubarrón tras el buen tiempo

"Ante el primer nubarrón, se olvidan de los años de fuerte crecimiento", cuestionaron desde el sindicalismo la actitud de las terminales. Anteriormente, habían aplicado recortes de turnos Iveco, Renault y Volkswagen.

Por Javier Lewkowicz

La automotriz Peugeot-Citroën suspendió uno de los turnos de producción de su planta en Villa Bosch. La medida afecta a 1100 trabajadores, que pasan a cobrar el 65 por ciento del salario por un lapso que en principio será menor a dos meses. La filial de la compañía francesa tomó esa decisión en función de la caída de las ventas al mercado interno y de las exportaciones. Desde el sindicalismo critican que las terminales "ante el primer nubarrón hagan pagar el costo a los trabajadores, después de muchos años de fuerte crecimiento". Otras automotrices y autopartistas aplicaron suspensiones parciales al personal de planta y jubilaciones anticipadas. Más allá de algún caso puntual, que desde el sector definen como "hormigueo", todavía no se registran despidos de trabajadores.

Según datos de Adefa, entidad que nuclea a las terminales automotrices, la producción de autos cayó en el primer trimestre 16,2 por ciento, aunque el desempeño es dispar por empresa. Peugeot-Citroën es la segunda más afectada, con una baja del 33 por ciento, detrás de Renault (-35,5 por ciento). Luego aparecen Honda (-30,2), Fiat (-21,1), General Motors (-17,6) y Volkswagen (-10,6). Toyota y Mercedes-Benz están estables, mientras que Ford (10,5) e Iveco (35,6 por ciento) registraron avances en el nivel de fabricación. De todas maneras, las caídas se calculan con respecto a valores altos en términos históricos. En 2013 se produjeron 791 mil autos, sólo un 5 por ciento por debajo del record histórico de 2011.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Desde hace unas semanas que las empresas aplican medidas puntuales de suspensión, como el caso de Iveco, del grupo Fiat, que suspendió a 600 trabajadores por un par de días, y de Renault, que aplicó la misma medida para 500 de sus 1600 operarios. Volkswagen, en tanto, concertó con el Smata jubilar en forma anticipada a algunos trabajadores con más de 60 años de edad y 30 años de aportes y suspendió el trabajo los viernes de mayo. En el sector autopartista fueron aplicadas licencias a los trabajadores para acompañar la situación de las terminales.

La medida tomada por Peugeot-Citroën es hasta ahora la más relevante del sector. "Es un análisis que se viene haciendo desde el año pasado, cuando comenzó a observarse la caída de las ventas en Brasil. Hasta ahora se había suspendido algún día la producción, pero el mes pasado se decidió arrancar mayo con un turno en lugar de los dos que normalmente tenemos", dijo a este diario Cecilia Marola, del Grupo PSA Peugeot-Citroën.

La empresa suspendió a 1100 de sus casi tres mil operarios y pasó a trabajar con un turno de 9 horas, bajo un ritmo de despacho de 34 vehículos por hora, una reducción del 50 por ciento en la producción con respecto al año pasado. Los trabajadores suspendidos recibirán el 65 por ciento del salario bruto. Como mínimo, la medida rige hasta la semana que viene y puede extenderse por un período de dos meses. Ese fue el acuerdo al que llegaron Luis Ureta Sáenz Peña, presidente de la compañía, y Antonio Caló, titular de la Unión Obrera Metalúrgica (UOM), gremio al que están afiliados los trabajadores de la firma automotriz. El Gobierno, que en paralelo negocia con Brasil la nueva política automotriz del Mercosur, transmitió que "la prioridad es que no haya despidos".

El secretario general del Smata, Ricardo Pignanelli, días atrás advirtió que "en este momento hacerles un paro a las automotrices es hacerles un favor". En diálogo con este diario, el sindicalista detalló que –además de Peugeot-Citroën–, General Motors y Renault tienen problemas. En cambio, "el mercado brasileño tracciona con la Sprinter, la Hilux y la Ranger, con lo que Ford, Toyota y Mercedes-Benz están mejor".

Pignanelli indicó también que en el Gobierno se baraja la posibilidad de morigerar el efecto de la suba de las tasas de interés bancaria y con ello incentivar el consumo de autos con financiamiento más barato para el cliente. Las ventas al mercado interno que dio a conocer días atrás Acara, que agrupa a los concesionarios, cayeron en los primeros cuatro primeros meses del año un 18,3 por ciento.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-245693-2014-05-07.html>

<http://www.estadao.com.br>

Economia

Um terço da queda na produção de carros no Brasil se deve à crise argentina

Argentina responde por 80% das exportações de carros do Brasil, mas de janeiro a setembro comprou 155 mil veículos menos do que no mesmo período de 2013

CLEIDE SILVA - O ESTADO DE S.PAULO

15 Outubro 2014 | 02h 05

Um terço da queda da produção das montadoras brasileiras, que chega a 16,8% até setembro em relação ao mesmo período de 2013, vem da crise argentina. Parte das medidas que o setor está adotando, como férias coletivas e suspensão de contratos de funcionários, é reflexo da redução das exportações para o principal cliente externo de veículos do Brasil. O cenário para 2015 não é muito diferente e põe em risco as exportações.

De janeiro a setembro, a indústria automobilística produziu 481,5 mil veículos menos do que em igual período de 2013. O total de carros exportados para a Argentina teve uma diferença de 155 mil unidades por causa da falta de dólares no país. A Argentina também insiste em adotar medidas restritivas ao produto brasileiro, apesar de o acordo automotivo feito em junho, estabelecer um equilíbrio na balança comercial entre os dois países.

Uma das empresas que enfrentam restrições é a Jofund, de Joinville (SC), que produz discos e tambores de freio da marca Fremax. "Nossas exportações caíram 50% porque não conseguimos liberação das Djai", diz Carlos Birckholz, presidente da empresa. A Djai (Declaração Juramentada Antecipada de Importação) é um documento que desde 2012 passou a ser obrigatório para quem exporta para a Argentina.

Fornecedora de peças para o mercado de reposição argentino, onde é líder de vendas, a Jofund exportava de US\$ 500 mil a US\$ 600 mil por mês ao país, "mas hoje é excepcional quando consigo mandar de US\$ 250 mil a US\$ 300 mil", diz Birckholz. A empresa tem 480 funcionários e só não reduziu o quadro porque conseguiu compensar a perda na Argentina com vendas para outros mercados, como EUA e Europa.

De tudo que a fabricante de caminhões e ônibus MAN/Volkswagen exporta de sua fábrica em Resende (RJ), 35% vão para a Argentina. As vendas para o país caíram 33% de janeiro a agosto, para 1.059 veículos.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Juntando com a crise do mercado interno, que resultou até agora em queda de 13,9% nas vendas de todas as marcas de caminhões do País e de 16,8% nas de ônibus, a MAN já deu férias coletivas aos funcionários duas vezes neste ano e tem 200 trabalhadores em lay-off (suspensão temporária dos contratos) até janeiro.

"A Argentina contribui para esse quadro. Sem a crise lá, metade dessas pessoas não estaria em lay-off", diz Roberto Cortes, presidente da MAN Latin America. Ele não vê alterações no cenário no próximo ano, mas lembra que houve crises piores na Argentina. "Em 2001, exportamos só 40 caminhões para lá." De 2005 a 2006, em contrapartida, foram enviadas mais de mil unidades anuais.

Cerca de 80% dos carros exportados têm a Argentina como destino. Com a crise no maior cliente, o Brasil corre o risco de se tornar ainda mais irrelevante no comércio internacional, apesar de ser o 7.º maior produtor mundial de veículos.

Enquanto o mercado brasileiro crescia a taxas de 12% ao ano na última década, a indústria praticamente abandonou os mercados sul-americanos. As vendas também foram afetadas pela falta de competitividade.

Sobrou a Argentina, de certa forma, vista como uma extensão do mercado brasileiro por causa do acordo automotivo entre os dois países, que prevê uma complementação de produtos. Agora, com as vendas derretendo tanto no mercado vizinho quanto no doméstico, as empresas tentam recuperar parte do mercado perdido.

O presidente da Anfavea (associação das montadoras), Luiz Moan, tenta novos acordos com Colômbia, Uruguai, Equador e México para reduzir a dependência com a Argentina. Em 2005, o Brasil chegou a exportar, ao todo, mais de 700 mil veículos completos e, este ano, o volume será inferior a 400 mil unidades.

"A expectativa que as montadoras tinham de exportar 1 milhão de veículos até 2017 foi para o ralo", diz Rodrigo Biaggi, analista do setor automotivo da consultoria Tendências, referindo-se a um plano anunciado pela Anfavea no início de 2013.

O cenário para 2015 será ainda pior, avalia o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro. A situação da Argentina tende a se deteriorar em razão da dificuldade em gerar divisas diante das previsões de queda dos preços de commodities como soja e milho.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,um-terco-da-queda-na-producao-de-carros-no-brasil-se-deve-a-crise-argentina-imp-,1577023>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Economia

Montadoras elevam corte na produção e tentam destravar vendas à Argentina

Fiat anunciou férias coletivas para 800 funcionários da fábrica de Betim (MG), a 11ª montadora a tomar medidas para reduzir a produção; empresas se reuniram com o governo para discutir saídas para retomada das exportações à Argentina

16 de abril de 2014 | 3h00

Cleide Silva e Vinicius Neder, de O Estado de S.Paulo

SÃO PAULO/RIO - Mais uma montadora, a Fiat Automóveis, deu férias de 20 dias a 800 funcionários da fábrica de Betim (MG). Segundo a empresa, o objetivo é o "balanceamento de estoques". É a 11.ª montadora a adotar medida de corte de produção. O setor acumula estoques para 48 dias de vendas, média mais alta desde novembro de 2008.

Com as férias, fica suspenso um dos dois turnos da linha de produção dos modelos Bravo, Doblò, Idea e Linea. Ao todo, 2.400 unidades deixarão de ser fabricadas no período.

Além da queda de vendas no mercado interno, a redução das exportações para a Argentina, destino de cerca de 13% da produção brasileira de veículos, é outro fator que leva a indústria a cortar produção.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, se reuniu nesta terça-feira, 15, em São Paulo com o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luis Moan, para tratar do assunto.

"É uma questão de prioridade para o setor", disse Moan. Ele também levou ao ministro as preocupações sobre a situação atual do mercado. Afirmou, porém, que a nova alta do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), prevista para julho, não foi abordada.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Moan afirmou que a entidade apresentou propostas para o memorando assinado no fim de março entre os governos brasileiro e argentino, que prevê uma linha especial de crédito aos argentinos para destravar o fluxo de comércio entre os dois países.

Segundo ele, o setor propõe três possibilidades de financiamento: via bancos regionais, bancos estrangeiros e autofinanciamento. Nos próximos 15 dias haverá outra reunião para finalizar a proposta.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,montadoras-elevam-corte-na-producao-e-tentam-destravar-vendas-a-argentina,182180,0.htm>

EL PAÍS

www.elpais.com.uy

Economía

Acuerdo automotor entre Brasil y Argentina está cerca

Argentina y Brasil acercaron ayer posiciones sobre la renovación de su acuerdo bilateral de comercio de automóviles, en una reunión que el ministro argentino de Economía, Axel Kicillof, calificó de "excelente" y que continuará en Brasilia la próxima semana.

En la cita, celebrada en el Palacio de Hacienda argentino, participaron, por parte de Brasil, el ministro de Desarrollo, Industria y Comercio Exterior, Mauro Borges, mientras que del país anfitrión asistieron Kicillof, la ministra de Industria, Débora Giorgi, y el presidente del Banco Central, Juan Carlos Fábrega.

Tras una hora de negociaciones, el portavoz de la delegación brasileña, Alexandre Sosa, calificó de "positiva" la reunión, que resultó "un avance" sobre los debates iniciados entre ambos países en marzo.

A la salida, Fábrega anunció que las conversaciones continuarán "el martes o el miércoles" de la próxima semana, en territorio brasileño.

El pasado 14 de marzo, Borges apuntó a julio próximo como plazo para "la renovación del acuerdo" de exportaciones e importaciones automotrices entre los dos países, después de que el anterior caducase a mediados del año pasado.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El sector automotor es uno de los que quedó fuera del tratado del Mercosur (el otro es el azúcar) y el comercio entre los socios se da por acuerdos bilaterales.

En 2013, la caída de las exportaciones de Argentina a Brasil, su principal socio comercial, perjudicó a la industria automotriz, cuya producción se desplomó un 28,4 %.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/economia/noticias/acuerdo-brasil-argentina-cerca.html>

PÁGINA/12

<http://www.pagina12.com.ar>

Economía

NEGOCIACIONES AUTOMOTRICES

A la mesa con Brasil

La Argentina está negociando con Brasil un nuevo acuerdo automotor que incluirá a los sectores autopartistas. Funcionarios de las carteras de Economía, Industria y Cancillería estuvieron reunidos ayer con sus pares brasileños para llegar a un acuerdo sectorial que permita mejorar la balanza comercial entre ambas naciones. Por la tarde se sumaron a las reuniones los representantes de las empresas autopartistas y los fabricantes de autos de los dos países. El encuentro continuará hoy a la mañana y se extenderá hasta la tarde. En este contexto, el titular del gremio Smata, Ricardo Pignanelli, se manifestó preocupado por algunas suspensiones en empresas de autopartes. "Tenemos licenciamientos en varias terminales. Tengo una calentura perra. A esta altura, estoy apuntando para todos lados porque a mí me tocan a los trabajadores y están tocando a mis hijos y, con mis hijos, nada", sostuvo el gremialista.

El encuentro entre los funcionarios de ambos países forma parte de una agenda de trabajo conjunta que tiene por objetivo alcanzar un nuevo régimen de intercambio comercial para el sector automotor, que probablemente esté concluido para el próximo año. Dentro de ese esquema, las autoridades de ambos países están negociando los mecanismos para reducir el déficit de autopartes para Argentina, pero también el que padecen ambos países con el resto del mundo (comercio extrarregional).

"Se están dando todos los pasos necesarios para lograr una recuperación en los mercados domésticos y externo de automóviles que permitan revertir las suspensiones de trabajadores del sector", manifestó Jorge Capitanich durante su conferencia de prensa matinal.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Los patentamientos de vehículos registrados en los primeros 20 días de mayo darían cuenta de una baja del 40 por ciento en comparación con el mismo período del año pasado, con cerca de 50.000 nuevos autos patentados. "La situación de todas las empresas del sector no es equivalente. Se han comunicado suspensiones, pero habrá recuperación en el mercado doméstico y externo porque se están dando todos los pasos necesarios para que la industria automotriz vaya recuperando mercado", enfatizó Capitanich.

Por otro lado, la fabrica autopartista Gestamp Baires S.A. denunció ayer "el ingreso ilegal y la toma violenta" de una de sus plantas ubicada en la localidad bonaerense de Escobar "por parte de un grupo de personas no identificadas". La toma se realizó en protesta por los despidos de 67 trabajadores. Según la compañía, los despidos no fueron por razones económicas, sino como forma de aplicar "sanciones disciplinarias".

Fuente: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-247255-2014-05-28.html>

O GLOBO

Carros

Brasil e Argentina criam grupo para destravar exportações de carros

Governo e setor farão grupo de trabalho para elevar comércio entre países.

Eles vão se reunir nos dias 6 e 7 de maio, em Brasília.

Do G1, em São Paulo

29/04/2014 21h31 - Atualizado em 29/04/2014 21h31

Após reunião em Brasília, governos e representantes do setor privado de Brasil e Argentina vão formar um grupo de trabalho para estudar formas de aumentar as compras bilaterais do setor automotivo, segundo nota do ministério da Fazenda desta terça-feira (29).

O grupo de trabalho composto por representantes dos governos e dos setores privados vai definir parâmetros e metas para o incremento do comércio na região. O grupo se reunirá nos dias 6 e 7 de maio, em Brasília.

A busca por estimular o comércio entre os dois países ocorre em meio a redução de vendas de veículos no Brasil e dispensa de mais de 8 mil funcionários em fábricas, que estão com pátios cheios. A produção de veículos no país no primeiro trimestre foi 8,4% menor do que no mesmo período de 2013, segundo números da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). A redução é motivada pela queda nas vendas internas e externas.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A situação é agravada pela queda das exportações para a Argentina – de 32,7% no primeiro trimestre –, país que recebe 3/4 dos veículos exportados pelo Brasil e colocou novas restrições à compra de carros brasileiros.

"Incrementar as exportações de ambos os lados"

De acordo com a nota do ministério da Fazenda, os governos de Brasil e Argentina se comprometeram, a "incrementar as exportações de ambos os lados". Também será estudado o uso de instrumentos financeiros para garantir as operações comerciais e elevar o comércio bilateral.

Na saída da reunião, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, defendeu uma maior integração produtiva entre Brasil e Argentina. "A ideia é avançarmos rapidamente na formulação de um fluxo de comércio maior e melhor, assim como no fluxo de pagamentos. A questão do financiamento também será estudada pelos dois países", disse.

Segundo a Reuters, o encontro desta terça entre autoridades brasileiras, entre elas o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e argentinas, como o ministro da Economia, Axel Kicillof, terminou sem conclusão, mas foi considerada positiva por Moan.

A expectativa das montadoras é que as exportações de grãos da Argentina devem ajudar no problema de baixo nível de divisas externas na Argentina e ajudar as exportações brasileiras a destravarem.

Participaram ainda da reunião desta terça, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, e a ministra da Indústria da Argentina, Débora Giorgi. Também estavam presentes os representantes dos setores privados para os dois países.

Fonte: <http://g1.globo.com/carros/noticia/2014/04/brasil-e-argentina-criam-grupo-para-destravar-exportacoes-de-carros.html>

TÉLAM

<http://www.telam.com.ar>

Economia

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

RELACIÓN BILATERAL

La industria automotriz confía en la reactivación del intercambio con Brasil

30.04.2014 - 10:05

Fabio Rozenblum, presidente de la Asociación de Fábricas Argentinas de Componentes, se mostró "esperanzado" tras el acuerdo entre autoridades argentinas, brasileñas y el sector privado.

"En la experiencia de más de 30 años que tengo participando de reuniones en el ámbito del Mercosur vinculadas con el sector, puedo decir que luego del encuentro de ayer hay muchas posibilidades de reactivar el comercio porque existe la voluntad política de hacerlo", dijo el empresario que participó del encuentro.

En declaraciones a Télam, Rozenblum adelantó: "la semana que viene ya se van a sentar representantes de los dos países para buscar mecanismos en conjunto, mecanismos que por mi parte creo que existen y se van a poder desarrollar".

"La reunión fue muy buena -agregó-, de gran respeto entre las partes y sobre todo, los integrantes del sector privado tuvimos la sensación de que lo primordial es que se trabajará en forma integrada. No era un problema de un país, sino un problema conjunto de la región", afirmó el presidente de AFAC.

En el mismo sentido, destacó la posibilidad del aumento del comercio intra y extra zona, y el aprovechamiento de las oportunidades que da América Latina en el contexto internacional.

Remarcó también la importancia de la actividad en su característica de "efecto multiplicador", y consideró que son "variables" que se tienen en cuenta a la hora de establecer las medidas que se tomarán a futuro.

Rozenblum dijo que si bien "no se delinearon las acciones que se van a realizar" en el "corto plazo", el incremento de la actividad "puede producirse".

La reunión de ayer fue encabezada por los ministros de Economía, Axel Kicillof; y de Industria, Débora Giorgi, con sus pares del vecino país, donde acordaron reactivar el comercio automotriz.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201404/61343-la-industria-automotriz-confia-en-la-reactivacion-del-intercambio-con-brasil.html>

EN EL SECTOR AUTOMOTRIZ

Argentina y Brasil acordaron implementar un comercio equilibrado

29.04.2014 -20:36

El comercio bilateral, que el año pasado cerró con un déficit de 3.100 millones de dólares para nuestro país, contempla un incremento en la compra de autopartes argentinas de parte de las automotrices brasileñas.

El acuerdo fue alcanzado esta tarde en Brasilia, durante una reunión en la que participaron los ministros de Economía, Axel Kicillof, y de Industria, Débora Giorgi, con sus pares brasileños de Industria y Comercio, Mauro Borges, y de Hacienda, Guido Mantega, junto con representantes de las empresas automotrices de ambas naciones.

"Hubo un acuerdo para crear un cronograma por el cual las empresas automotrices brasileñas comprarán, de manera creciente, más cantidades de autopartes argentinas", informaron fuentes oficiales.

De esta manera, Argentina busca revertir el déficit comercial que en el sector autopartes alcanzó el año pasado 2.767 millones de dólares con Brasil, sobre un rojo total de 3.100 millones de dólares con el vecino país.

En ese marco, el acuerdo contempla también que tanto Argentina como Brasil "aumenten la compra de autos terminados de manera recíproca", actividad que había caído de manera sensible en los últimos meses, y donde Argentina había terminado el 2013 con una ganancia de 389 millones de dólares.

"Con todo esto compensado, se pueden aceptar las políticas de financiamiento" por un monto aproximado de 2.000 millones de dólares para financiar la compra de productos producidos en el vecino país, agregó la fuente.

Argentina busca revertir el déficit comercial que en el sector autopartes alcanzó el año pasado 2.767 millones de dólares

En la reunión, realizada en la sede del Ministerio de Hacienda, participaron también el secretario Ejecutivo de esa cartera, Paulo Cafarelli; y la secretaria de la cartera de Desarrollo de la Producción, Heloisa Menezes.

Por el sector privado estuvo el secretario ejecutivo de la Cámara de Comercio Exterior de Brasil (CAMEX) Andrés Rizzo, y los representantes de las empresas General Motors, Volkswagen y Fiat,

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

tanto de Argentina como de Brasil; junto a directivos de ADIMRA, (metalúrgica) ADEFA (automotrices), AFARTE (autopartes) y AFAT (tractores), entre otras.

Este encuentro se da en el marco de una caída en la producción automotriz del 8,4% en Brasil durante el primer trimestre, y del 16% en Argentina, según cifras de las cámaras empresarias.

Luego del acuerdo alcanzado hoy entre los ministros, y avalado por los empresarios, está previsto que funcionarios técnicos de ambas naciones se vuelvan a reunir el martes que viene, otra vez en Brasilia, para cerrar la "letra chica" de lo alcanzado.

En el 2013 Argentina tuvo un crecimiento casi nulo en sus ventas a Brasil, al sumar 16.463 millones de dólares, mientras que las importaciones se elevaron 9% interanual, alcanzando a 19.616 millones.

En marzo, según el Ministerio de Comercio, Desarrollo y Comercio Exterior de Brasil, las exportaciones argentinas hacia ese país sumaron 1.218 millones de dólares, 16,8% menos que en el mismo mes de 2013, debido a menores compras en autos, autopartes, trigo y medicamentos.

En tanto, las importaciones provenientes de Brasil sumaron 1.183 millones, 15,3% menos que en marzo del año pasado.

Fuente: <http://www.telam.com.ar/notas/201404/61265-brasil-comercio-bilateral-comercio-argentina-kicillof-giorgi.html>

TÉLAM

<http://www.telam.com.ar>

Economía

INDUSTRIA

"Están dadas las condiciones para la sustentabilidad del complejo automotriz", aseguró Capitanich

05.06.2014 - 08:51

El jefe de Gabinete remarcó la necesidad de que las empresas incrementen sus inversiones en producción de autopartes en el país, y hagan un esfuerzo para reducir los precios de los automóviles.

"Están dadas las condiciones para la sustentabilidad del complejo automotriz. Pretendemos una estrategia que permita incrementar la inversión en producción de autopartes a efectos de mejorar la balanza comercial y lograr mayor participación de componentes nacionales en el producto final", dijo Capitanich en su habitual conferencia de prensa matutina.

El Jefe de Gabinete agregó que en el mercado doméstico es necesaria una estrategia del sector público para mejorar el financiamiento destinado a créditos prendarios y un esfuerzo para conservar precios, en tanto que a nivel internacional genera las condiciones necesarias el acuerdo con Brasil y con el Club de París.

Fuente: <http://www.telam.com.ar/notas/201406/65984-estan-dadas-las-condiciones-para-la-sustentabilidad-del-complejo-automotriz-aseguro-capitanich.html>

INDUSTRIA

El presidente de la Cámara del Comercio Automotor sostuvo que las terminales "deben asumir responsabilidades"

05.06.2014 - 06:30

El presidente de la Cámara del Comercio Automotor, Alberto Príncipe, expresó que las automotrices deberían "asumir responsabilidad" de la situación que padece el sector, en un día en que se conoció que cayeron las ventas de autos un 36% internanual en mayo, según las cifras del sector.

"No es el momento para correrse de la situación y dejar todo en manos del gobierno" dijo acerca de la posición tomada por las terminales en cuanto a los problemas en el sector automotriz.

"Hay una responsabilidad y deberían asumirla", afirmó Príncipe.

En una entrevista radial concedida a Radio de la Ciudad, dijo que "hay un incumplimiento en cuanto a lo que tenían que hacer ellos que era producir con la mayor cantidad de insumos nacionales; no lo han hecho nunca, al contrario, lo han reducido", precisó. Sostuvo que "eso ha implicado que haya una cantidad de insumos no previstos en el armado de los autos y una salida de divisas que ya no se puede sostener".

Príncipe criticó que "de una vez por todas las terminales tienen también que colaborar en épocas de crisis".

Y agregó: "Siempre el pueblo argentino ha tenido que tener que responderle a ellos, alguna vez les toca también".

Finalmente, consideró que la crisis brasileña del sector ha influido en el país entre un 70 y un 80 por ciento de la exportación.

"Brasil está teniendo una crisis importante en el sector y el consumo de automóviles en el país", explicó.

Y sostuvo que "este es el importador más importante de la Argentina en Mercosur, el complemento" pero aclaró: "digamos que en el crecimiento tendría que haber estado en la inversión y no la estuvo", culminó.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201406/65961-el-presidente-de-la-camara-del-comercio-automotor-sostuvo-que-las-terminales-deben-asumir-responsabilidades.html>

Produção e vendas de veículos no Brasil têm pior julho desde 2006, diz Anfavea

Economia & Negócios – texto atualizado às 16h20

06 Agosto 2014 | 12h 11

Segundo Anfavea, queda tem sido causada por fraquezas no mercado interno e nas exportações. A indústria de veículos do Brasil teve em julho seu pior resultado de produção e vendas para o mês desde 2006, segundo dados divulgados nesta quarta-feira, 6, pela associação que representa o setor, Anfavea.

A produção das montadoras no mês passado somou 252,6 mil carros, comerciais leves, caminhões e ônibus, queda de 20,5% sobre julho de 2013.

Ante o mês anterior, houve alta de 17%. No acumulado do ano, a indústria se retraiu 17,4%, com 1,82 milhão de unidades produzidas. Em julho de 2006, foram produzidos 221,7 mil veículos.

A queda tem sido causada por fraquezas no mercado interno, atingido por reticência dos bancos na concessão dos crédito, e das exportações, que em julho caíram 36,7% sobre um ano antes, para 34,2 mil veículos, segundo a entidade. O cenário tem feito uma série de montadoras a ajustar produção por meio de concessão de férias, suspensão de contratos de trabalho e redução de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

jornadas em fábricas e obrigou o governo federal a adiar para o fim do ano aumento de carga tributária que deveria ter ocorrido no final de junho.

Segundo a Anfavea, o nível de emprego nas montadoras fechou julho em 150.295 postos ocupados, queda de 4,2% sobre um ano antes.

Por segmento, a produção de carros e comerciais leves caiu 19,9% em julho em relação ao mesmo período do ano passado. Já o volume produzido de caminhões recuou 30,5%, enquanto ônibus tiveram queda de 22,9%.

As vendas de veículos novos no mercado interno no mês passado subiram 11,8% na comparação com junho, diante de um período maior de comercialização, mas tombaram 13,9% sobre julho de 2013, para 294,8 mil unidades, segundo a Anfavea. No acumulado do ano, o setor acumula vendas de 1,96 milhão de veículos, queda anual de 8,6 por cento.

Em julho, a Anfavea reduziu suas projeções de desempenho da indústria este ano, prevendo queda de 10% na produção e recuo de 5,4% nas vendas no mercado interno. A projeção para as exportações é de queda de 29%. Na ocasião, os estoques de veículos novos à espera de comprador eram de cerca de 400 mil unidades, suficiente para mais de 40 dias de vendas.

Com produção caindo mais do que as vendas, o estoque de veículos nas fábricas e nas concessionárias caiu de 395,5 mil para 382,6 mil unidades de junho para julho.

BC e Argentina. O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, diz que as medidas adotadas recentemente pelo Bando Central para reduzir o compulsório bancário, que injetarão quase R\$ 45 bilhões na economia, devem ter um impacto positivo no setor automobilístico.

"As medidas foram uma surpresa positiva, a economia brasileira precisava desta liquidez. Mas nós entendemos que a rede bancária precisa de uma análise apurada para decidir onde aplicar", comentou Moan. Segundo ele, os primeiros efeitos positivos das medidas devem ser sentidos já no final deste mês e início de setembro.

Moan também comentou que a questão do novo calote da Argentina não deve ter um grande impacto no setor automotivo brasileiro, "apesar de o país ser o destino de quase 75% das nossas exportações". Segundo ele, os governos dos dois países estão trabalhando na expansão do comércio e o acordo bilateral fechado em junho prevê um aumento de integração produtiva. Com isso, os vizinhos poderão negociar, em conjunto, a abertura de novos mercados externos.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Estamos trabalhando fortemente em uma maior integração na América do Sul, e num segundo momento vamos trabalhar o mercado africano", comentou o executivo, lembrando que o Mercosul ainda negocia um acordo comercial com a União Europeia.

(Com informações da Reuters)

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,producao-e-vendas-de-veiculos-no-brasil-tem-pior-julho-desde-2006-diz-anfavea,1539641>

LA NACIÓN (ARGENTINA)

Economía

Se volvieron a desplomar en abril la producción, las ventas y las exportaciones de autos

La situación es similar en el mercado de motos, donde los patentamientos cayeron 45% el mes pasado; algunas fábricas ya debieron suspender personal

Por José Hidalgo Pallares | LA NACION

08/05/2014

El informe difundido ayer por la Asociación de Fábricas de Automotores (Adefa) no hizo más que poner cifras exactas a una realidad que ya se había manifestado en las suspensiones aplicadas por varias terminales en las últimas semanas. En abril, según ese informe, la producción de autos cayó, por segundo mes consecutivo, más de 20% como consecuencia de la contracción en las exportaciones y en las ventas a los concesionarios.

El mes pasado, las automotrices instaladas en el país produjeron 59.165 vehículos, 21,6% menos que en abril de 2013. En marzo, la producción había registrado una baja interanual de 26,2 por ciento. Para el acumulado de enero a abril la caída fue de 17,9 por ciento.

Las exportaciones del sector, en tanto, registraron en abril una caída de 20,5%, menos pronunciada que la baja de 30,8% de marzo. En el acumulado del primer trimestre, las exportaciones arrojaron una caída interanual de 18,6 por ciento.

La mayor parte de la baja en las exportaciones se explica por los menores despachos a Brasil. En el acumulado de los primeros cuatro meses del año se exportaron 95.215 vehículos a ese país, casi 19.000 menos que en el mismo período de 2013. Pese a esto, Brasil siguió concentrando cerca del 90% de las exportaciones del sector automotor argentino. Esto se debe a que también cayeron las ventas a otros destinos. En términos relativos, las bajas más pronunciadas se registraron en las

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

exportaciones hacia Chile y Uruguay: en el primer cuatrimestre de este año se exportaron alrededor de 1200 autos a cada uno de esos mercados, la mitad que un año atrás. También bajaron las exportaciones a Europa, México y Colombia.

Los despachos desde las terminales hacia los concesionarios locales arrojan resultados aún peores que los de las exportaciones: en abril las ventas a los concesionarios cayeron 40% interanual y acumulan una baja de 29,8% en el primer cuatrimestre. El desplome -que se sintió casi por igual en todos los segmentos de vehículos (automóviles, utilitarios y pesados)- va de la mano con la caída de 35% que los patentamientos registraron en abril, luego de una baja similar en marzo.

"La menor demanda interna que se viene registrando en el último período, la situación particular por la que atraviesa el principal mercado de exportación y los conflictos gremiales en el interior de algunos proveedores han impactado en la actividad de varias asociadas y se reflejaron principalmente en los volúmenes de producción y exportación", dice el informe de Adefa.

"No podemos seguir acumulando inventario", dicen en algunas terminales que han suspendido -o están por suspender- turnos de producción. En las últimas semanas Peugeot, Fiat, Iveco y Renault han tomado esa medida, que afecta a varios centenares de operarios. Otras, como Volkswagen y General Motors, están negociando con el sindicato (Smata) las medidas para limitar la producción. La crisis que atraviesa el sector automotor se repite en el de las motos. Ayer la Asociación Argentina de Motovehículos (Mottos), que agrupa a los concesionarios del sector, informó que en abril se patentaron 34.532 motos, 45% menos que en el mismo mes de 2013. En el acumulado del primer cuatrimestre, los patentamientos mostraron una baja interanual de 25 por ciento.

"Abril ha sido un mes calcado a marzo, con un nivel de patentamientos muy similar y replicando una caída que preocupa, lo que nos indica que si no se aplica ninguna medida seguiremos con la misma tendencia", dijo el presidente de Mottos, Diego Dinitz.

Los números son incluso peores para las terminales. Según el presidente de la Cámara de Fabricantes de Motovehículos (Cafam), Lino Stefanuto, en marzo y abril la producción de algunas fábricas se contrajo entre 60 y 70 por ciento. "Las importaciones de componentes y de motos desarmadas cayeron 50% y eso es un indicativo del nivel de producción", dijo el ejecutivo, quien añadió que también se desplomaron las ventas a los concesionarios porque éstos, ante una menor demanda, no están renovando todo su stock.

Según Stefanuto, la situación de su sector también ha llevado a algunas terminales -que no nombró- a suspender turnos de producción. El titular de Cafam dijo, además, que las compras a proveedores locales están paralizadas porque los fabricantes tienen un excedente de inventario.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

En el sector tienen pocas esperanzas de que se revea la suba a los impuestos internos (que tiró abajo las ventas de los modelos más caros, que abarcan una tercera parte de la facturación), pero esperan que el Gobierno abra un plan de financiamiento, con tasas subsidiadas, para levantar las ventas de algunos modelos seleccionados.

Fonte: <http://www.lanacion.com.ar/1688609-se-volvieron-a-desplomar-en-abril-la-produccion-las-ventas-y-las-exportaciones-de-autos>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Empresas

GM para de exportar carros do Brasil para o mercado argentino

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

11/09/2014 às 05h00 1

A General Motors suspendeu a exportação de veículos produzidos no Brasil para a Argentina, segundo o presidente da GM na América do Sul, Jaime Ardila, em decorrência das restrições do país vizinho à liberação de dólares para importação. As montadoras tendem a sacrificar o embarque de veículos para dar prioridade ao envio de peças, já que suas fábricas argentinas dependem dos componentes fornecidos pelo Brasil.

Faz um mês que a indústria automobilística não consegue obter a moeda americana no Banco Central da Argentina, diz Ardila. Segundo executivos locais, as montadoras têm US\$ 2,5 bilhões a receber. Fontes do Banco Central informaram que a situação do setor automotivo é particular e, por isso, as negociações estão a cargo do governo federal. A exposição cambial preocupa as empresas, sobretudo diante da perspectiva de novas desvalorizações do peso.

O presidente do grupo Fiat/Chrysler na América Latina, Cledorvino Belini, diz que a tendência é a indústria diminuir os volumes de exportações do Brasil e continuar a importar os carros fabricados na Argentina. Isso deve fazer com que o resultado da balança comercial do setor, tradicionalmente superavitária para o Brasil, se reverta em favor dos argentinos. Em 2013, as exportações de veículos e peças do Brasil para o mercado vizinho somaram US\$ 11,2 bilhões e as importações, US\$ 8,8 bilhões.

O Brasil perderá, portanto, encomendas do mercado que praticamente sustenta todas as suas exportações de veículos. É para a Argentina que seguem 85% das vendas externas da indústria

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

automobilística, que hoje apresenta pouca competitividade para disputar outros mercados da própria América Latina.

Para Ardila, a situação é temporária. "As coisas devem se normalizar quando o problema com os 'holdouts' for solucionado ", diz o executivo, ao referir-se à batalha que a Argentina trava com credores. Diante da sentença da Justiça dos Estados Unidos favorável a um grupo de credores que se recusou a renegociar a dívida externa, a Argentina ficou impedida de continuar pagando aos que aceitaram a reestruturação.

O país está em "default" e sem acesso aos mercados internacionais. Daí a necessidade de segurar as reservas, que hoje somam US\$ 28,3 bilhões. O setor automotivo, que sustenta no intercâmbio comercial Brasil-Argentina toda a sua estratégia de manufatura na América do Sul, é o primeiro a sentir o impacto das restrições.

Os dirigentes do setor também querem evitar a exposição cambial. Em um mês, o dólar oficial subiu 1,5%. A moeda valia 8,29 pesos em 11 de agosto e ontem fechou em 8,42. Nesse ritmo, os importadores sempre pagarão pela moeda estrangeira mais do que quando o carro ou peça cruzaram a fronteira. "Isso é prejuízo diário que vai direto para os resultados", destaca Ardila.

Um executivo de outra montadora que prefere não ser identificado diz que para evitar o excesso de exposição cambial a tendência é que a produção seja reduzida nos dois países. "A quantidade de dólares diminuirá lentamente. Caberá a cada empresa definir o nível de exposição cambial que quer arriscar. Mas vai chegar um momento em que essa situação exposta nos balanços vai chamar as atenções das auditorias, que podem apontar os riscos de a empresa não receber aquele dinheiro", diz a fonte.

O impacto da falta de divisas será, porém, compensado pela retração nas vendas. Mesmo que o resultado passe a ser favorável aos argentinos, os volumes tanto de importação como de exportação vão cair em razão da forte retração da demanda. Ardila prevê quedas de 10% e 30% nas vendas de veículos no Brasil e Argentina em 2014, respectivamente. Assim como no Brasil, as fábricas argentinas reduziram as jornadas de trabalho.

Mesmo assim, a falta de carros será sentida pelo consumidor argentino entre o último trimestre e o início de 2015, segundo Dante Sica, diretor da Abeceb, uma das maiores consultorias de Buenos Aires. "Os estoques estão diminuindo por falta de importação e de peças para produzir", destaca.

A GM já deixou de enviar Onix, Prisma e a picape S-10, produzidos no Brasil. A fábrica de Rosário produz só o Corsa Classic. A Volkswagen brasileira fornece o Gol, carro mais vendido também na

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Argentina. A Toyota produz a picape Hilux em Zárate, mas para isso depende de peças do Brasil, de onde é também exportado o Corolla.

A Ford dividiu as linhas do Mercosul por tamanho de carro. Pequenos, como Fiesta, saem do Brasil. Já o Focus e a picape Ranger são feitos em General Pacheco, na Grande Buenos Aires. Hoje, a Fiat é a única que produz um mesmo modelo nos dois países - o Palio sai de Betim (MG) e de Córdoba.

Foi, aliás, decisão de Belini paralisar a produção em Córdoba na crise de 2001, data do último calote argentino. Ele lembra que na época o mercado local encolheu de 400 mil para 90 mil veículos por ano, um décimo do que foi em 2013. "Era inviável manter a linha", diz

Por isso, entre 2001 e 2004, apenas as áreas de manutenção e vigilância funcionaram em Córdoba. "Não fechamos a fábrica porque sabíamos que um dia a situação ia melhorar". É a mesma esperança que o executivo mantém hoje. E voltar a paralisar a produção em Córdoba está longe dos seus planos. "Já passamos por crises piores, nos dois lados", destaca.

Além das dificuldades para importar, os executivos do setor que estão na Argentina têm passado bom tempo em reuniões com o governo para responder a acusações. Na segunda-feira à noite, eles se reuniram com a presidente Cristina Kirchner, que os acusou publicamente de "esconder" carros populares que participam de um programa de crédito especial governamental.

Segundo informações de pessoas presentes à reunião de quase três horas, Cristina gastou uma hora e meia para exibir slides com números de crescimento do setor. E pediu a todos para começar a produzir, vender e exportar.

Ontem houve reunião com o ministro da Economia, Axel Kicillof, que também vive irritado com o setor. Na terça-feira, ele disse que o setor automotivo "cresceu como nunca nos 200 anos de história da Argentina". O ministro talvez não saiba que a produção de veículos em série é mais recente, um invento de Henry Ford em 1913. Mas ao dar-se conta que havia exagerado, logo emendou: "É claro que não havia automóveis no início".

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3691174/qm-para-de-exportar-carros-do-brasil-para-o-mercado-argentino#ixzz3D0fSLSOY>

Empresas

Governo argentino pede planilha de custo em carros

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Os dirigentes da indústria automobilística na Argentina saíram frustrados de um encontro, ontem, com os ministros Axel Kicillof, da Economia, e Débora Giorgi, da Indústria. Tinham a expectativa de que o governo anunciasse uma redução no imposto para modelos de alto luxo, em vigor desde o fim do ano passado. Mas os ministros pediram um detalhamento da estrutura de preços dos veículos que justifique os últimos reajustes de preços.

Segundo divulgado pelo governo, por meio da agência de notícias oficial, a "Telam", os fabricantes de veículos se comprometeram a discutir a estrutura de suas planilhas de custos. No início da noite, representantes do governo e da indústria tentavam, ainda, alinhar um comunicado único sobre a reunião para divulgá-lo à imprensa.

O mercado de automóveis na Argentina está parado desde que o peso subitamente desvalorizou-se 23%, em janeiro. As vendas das montadoras para as concessionárias em fevereiro recuaram 19,1% em comparação com o mesmo mês do ano passado. É nítida a queda no movimento nas lojas de veículos. Principalmente as das marcas de luxo estão sempre vazias. Esse segmento sofre tanto pelo aumento do imposto como pela desvalorização do peso.

Há pouco mais de uma semana, a presidente Cristina Kirchner, criticou duramente as montadoras, durante discurso de abertura do Congresso, em razão de aumentos de preços, que chegaram passaram de 20% em alguns modelos de automóveis.

Como Cristina disse que o governo corrigiria o que estivesse errado, o setor entendeu que o imposto sobre automóveis de luxo ia baixar. A especulação travou ainda mais o mercado.

Na tentativa de frear importações, o governo criou, no fim de dezembro, uma lei que elevou em até 50% a carga tributária em automóveis com preços acima de 170 mil pesos - o equivalente a US\$ 21,8 mil. Com os reajustes de preços, o imposto adicional passou a abranger carros que inicialmente haviam escapado da cobrança, incluindo alguns modelos fabricados na Argentina.

A restrição às importações tem sido a ferramenta que o governo argentino encontrou para aliviar a perda de reservas cambiais, que hoje estão próximas dos US\$ 27 bilhões. A indústria automobilística é apenas uma das vítimas.

Mas o relacionamento do setor com a equipe econômica complicou-se depois que os preços começaram a subir. Em seu discurso, Cristina Kirchner disse que não havia razão para reajustes por conta da desvalorização do peso, uma vez que "salários não são em dólares e os componentes são fabricados no país".

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

As palavras da presidente podem até ter arrancado aplausos dos deputados governistas durante o discurso, em 1º de março. Mas na cadeia automotiva é nítida a constatação de que as fábricas instaladas na Argentina dependem fortemente de componentes importados, principalmente do Brasil.

O mercado argentino também depende dos veículos fabricados no país vizinho. Nos últimos oito anos, a participação da Argentina nas exportações de veículos produzidos no Brasil saltou de 30% para 80%. Das 596,9 mil unidades exportadas pelo Brasil no ano passado, 475,2 mil seguiram para o mercado vizinho.

A soma das exportações de veículos com as de componentes, que abastecem as linhas de montagem na Argentina, alcançou US\$ 11,19 bilhões em 2013. Isso equivale a 47,8% do total de divisas que o Brasil obteve com as vendas do setor automotivo ao exterior no ano passado. Fontes da indústria afirmam que a prevalecer esse embate com o governo, o setor tende a reduzir os volumes de investimentos na Argentina.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3477138/governo-argentino-pede-planilha-de-custo-em-carros>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Empresas

Falta investimento em peças na Argentina

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

13/11/2014 às 05h00

No próximo ano, a Argentina começará a produzir dois novos veículos de luxo, mas não conta com fábricas de algumas das peças mais elementares num carro, como o volante. Embora as montadoras continuem a investir no país, a falta de interesse dos fornecedores em acompanhar esses planos transformou-se em um dos maiores dilemas do setor.

A nacionalização das peças que compõem um veículo não é só desejo dos governos de países que produzem automóveis. Em qualquer parte do mundo, o sistema de manufatura favorece a instalação de fornecedores vizinhos à linha de montagem.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Mas na Argentina é diferente. E nem a perspectiva de mudanças no cenário econômico, a partir da troca de governo em 2016, serve de estímulo. Paulo Butori, presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças (Sindipeças) conta que quando pergunta a dirigentes de empresas do setor se pretendem voltar a produzir na Argentina, frequentemente ouve respostas como: "olha, eu já me enganei uma vez, já me enganei duas e, por isso, não quero me enganar pela terceira vez".

Mas o descompasso entre os investimentos das montadoras e os dos fornecedores começa a preocupar os executivos na Argentina. "Não adianta termos dois fabricantes de para-brisas; é preciso atrair empresas de peças que não são feitas na Argentina", afirma o diretor de compras da General Motors Argentina, José Cammileri.

A fábrica da GM em Rosário, a 300 quilômetros ao Sudeste de Buenos Aires, começou a ser expandida para receber a linha de montagem de um veículo de luxo global, que terá base de produção na Argentina e será exportado, inclusive, para a Europa. Do investimento total de US\$ 450 milhões que o projeto vai absorver, US\$ 110 milhões serão aplicados no desenvolvimento de equipamentos para a produção de peças na Argentina. Mas isso é pouco, segundo Cammileri.

Para Butori, ao final das contas, o fornecedor se instala "onde a montadora manda". Mesmo que seja assim, a situação econômica argentina dificulta as coisas.

Os problemas num país com a perspectiva de fechar o ano com inflação de 40% são o maior entrave aos investimentos, segundo o presidente da Mercedes-Benz Argentina, Joachim Maier. Ele também conta o que ouve de empresas que encerraram atividade no país: "Se não posso gerar dividendos para minha matriz por que estou aqui?"

A Mercedes, por outro lado, não desiste da Argentina, onde está desde 1951, sua estreia industrial fora da Alemanha. "É um mercado importante para nós", diz Maier. A fábrica de Virrey del Pino, na província de Buenos Aires, está em fase de preparação para receber uma linha do modelo Vito, uma nova van para transporte de passageiros e carga. Tanto a Vito como o projeto Fenix, da GM, serão lançados em 2015.

As fábricas de veículos na Argentina ainda têm alta dependência de componentes comprados no Brasil. O índice de conteúdo local é de pouco mais de 50% na média. Como o governo mantém as restrições às importações, os itens usados para produzir os veículos são prioridade na liberação alfandegária. Isso atrasa a entrada de peças para reposição, segundo Butori.

Para ele, esse problema agrava ainda mais a situação difícil pela qual o setor passa no Brasil. De janeiro a setembro, a indústria de autopeças instalada no Brasil registrou queda de 13% no

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

faturamento, segundo o Sindipeças. Houve retração nas vendas em todos os segmentos. As exportações, por exemplo, caíram 3,9%, em cálculo feito com base na moeda local, o real. Mas no suprimento a montadoras, a retração foi maior, de 16,7%.

Na Argentina, as restrições aos produtos importados aumentam à medida que o governo não resolve a batalha com credores. O país está em "default" desde 30 de julho porque não cumpriu sentença judicial dos Estados Unidos, que impede o país de quitar a dívida soberana reestruturada enquanto não pagar a credores que ganharam na Justiça o direito de receber sua parte integral.

Fora do mercado internacional, o país depende hoje das reservas em moeda estrangeira para gastos do governo. Além das licenças para importação, uma burocracia que prevalece no país, os importadores enfrentam a lentidão na liberação de dólares pelo Banco Central.

Para a ministra da Indústria, Debora Giorgi, o setor automotivo vai bem no país. Na abertura de uma feira da indústria de autopeças, a Automechanika, ontem em Buenos Aires, Giorgi apontou a crise brasileira como responsável pela queda de produção de veículos na Argentina, já que 75% da produção segue para o mercado brasileiro.

A uma plateia composta por executivos do setor, a ministra apresentou uma série de números comparativos entre os dois países. Giorgi destacou que em termos percentuais a Argentina "foi muito melhor do que o Brasil" nos últimos dez anos.

Ela apontou diferenças em volumes de investimentos: nos últimos dez anos, período que o governo chama de "década ganha", as montadoras investiram no Brasil oito vezes mais do que no outro lado da fronteira. As comparações da ministra não pararam por aí. Um quadro com o nome de quatro montadoras indicou os volumes de produção de veículos nos dois lados da fronteira. O lado brasileiro produz mais que o argentino nas seguintes proporções: 7,2 vezes mais na Fiat, 11,7 vezes na Honda, 2,4 vezes na Renault e duas vezes na GM. Muitos, na plateia, estranharam a indignação da ministra. Afinal, o mercado brasileiro é quase quatro vezes maior que o do país vizinho.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3777332/falta-investimento-em-pecas-na-argentina#ixzz3Iwr01XHG>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Empresas

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Anfavea tenta abrir mercado latino para carros brasileiros

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

18/09/2014 às 05h00

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, inicia hoje uma peregrinação em busca de novos contratos de exportação. Se for bem-sucedido, a indústria automobilística reduzirá a dependência do mercado argentino, para onde seguem hoje cerca de 80% dos veículos brasileiros vendidos a outros países. O setor é um dos mais prejudicados pelas restrições que o governo argentino impõe às importações para tentar manter o nível de reservas. O primeiro destino de Moan é a Colômbia.

"Vamos abrir um processo de negociação", diz o dirigente. Moan não estará sozinho. Ele vai acompanhado justamente de argentinos. A Adefa, a associação similar à Anfavea, que representa as montadoras na Argentina, também está em busca de novos negócios porque a queda da demanda no Brasil prejudicou a produção de veículos no outro lado da fronteira.

A Colômbia tem mercado anual de 350 mil veículos. É a metade do que se calcula vender na Argentina em 2014. Mas ganha importância para o Brasil à medida que os colombianos já têm acordos de livre comércio com outras regiões. Anfavea e Adefa se reunirão com o setor privado para, depois, levar uma proposta aos governos.

Em outubro, Moan segue para o Uruguai, um mercado em que, pela proximidade, faria mais sentido comprar do Brasil do que da China, como faz hoje. Há outros países menores da região, como Equador, na agenda de viagens do presidente da Anfavea e também está previsto retomar negociações com México, um mercado que as montadoras instaladas no Brasil perderam para países mais distantes por falta de competitividade.

Segundo Moan, avanços acertados com o governo brasileiro, como redução de burocracia, já representam pontos positivos para melhorar a competitividade da exportação do setor.

A Anfavea havia projetado a venda de 400 mil veículos ao exterior este ano. Mas a falta de embarques para a Argentina levou a uma queda de 38% nas exportações de janeiro a agosto na comparação com igual período de 2013.

Moan disse estar surpreso com as notícias de que o Banco Central argentino tem restringido a liberação de dólares para importadores, que, no caso, são as filiais das montadoras que também estão no Brasil. "O acordo automotivo é claro na questão de que devemos manter o fluxo dos

produtos e o pagamento", afirma, em referência ao entendimento entre Brasil e Argentina, renovado em junho.

Na semana passada, o presidente da General Motors na América do Sul, Jaime Ardila, disse ao Valor PRO, serviço de informação em tempo real do Valor, que a empresa suspendeu a exportação de veículos para o país vizinho por falta de liberação de dólares. Como outras empresas, a GM dá prioridade aos componentes enviados do Brasil para abastecer as fábricas argentinas.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3700702/anfavea-tenta-abrir-mercado-latino-para-carros-brasileiros#ixzz3DfeKR03b>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Economia

Brasil e Argentina tentam acordo sobre regime automotivo

28 de maio de 2014 | 20h 05

ARIEL PALACIOS, CORRESPONDENTE - Agencia Estado

BUENOS AIRES - Técnicos do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) do Brasil reuniram-se nesta quarta-feira, 28, pelo segundo dia consecutivo com integrantes do governo da presidente Cristina Kirchner em Buenos Aires para tentar avançar nas negociações sobre um acordo-tampão automotivo de um ano de duração. Esse acordo temporário regularia o comércio de veículos entre os dois países enquanto o Brasil e a Argentina discutirão o novo regime automotivo, de duração de cinco anos.

As reuniões para definir o novo regime automotivo estavam previstas inicialmente para o segundo semestre de 2012. Mas, problemas de agenda atrasaram as negociações em diversas ocasiões.

O regime automotivo, que foi renovado pela última vez em 2008, vence no dia 30 de junho. O regime impede a livre exportação e importação de veículos, na contra-mão do que estava previsto originalmente pelo Mercosul, que havia determinado o fim das barreiras comerciais automotivas entre os países-sócios a partir do ano 2000. No entanto, nos últimos 14 anos, todos os governos argentinos, desde o de Fernando De la Rúa até Cristina Kirchner, conseguiram arrancar do Brasil constantes renovações do regime. Os dois governos definem o sistema com o eufemismo de "comércio administrado".

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O setor automotivo argentino é altamente dependente das exportações para o Brasil. O país envia ao mercado brasileiro metade de sua produção, ou, o equivalente a 86% das exportações automotivas. Por esse motivo, a queda das vendas dos veículos Made in Argentina no Brasil desespera as empresas em Buenos Aires e Córdoba. Segundo a Associação de Fabricantes de Automóveis da Argentina (Adefa) entre janeiro e abril as exportações de veículos argentinos ao mercado brasileiro foi de 95.215 automóveis, o equivalente a 19 mil a menos em comparação com o mesmo período de 2013.

Greve

Córdoba foi nesta quarta o cenário de uma greve do setor metalúrgico para protestar contra as demissões, suspensões e eliminação de horas extras de operários de fábricas de autopeças e montadoras instaladas nessa província na região central da Argentina. As manifestações foram protagonizadas pela União Operária Metalúrgica (UOM), cujo líder, Rubén Urbano, sustentou que "os empresários devem entender que os trabalhadores não podem ser sempre a variável de ajuste". Segundo ele, as demissões estão ocorrendo "a conta-gotas" mas de forma persistente.

Segundo dados do ministério do Trabalho 15 mil operários foram suspensos nas indústrias do setor automotivo desde janeiro. Mais de 165 mil pessoas estão vinculadas à indústria automotiva no país.

Há uma semana a tensão escalou quando a General Motors anunciou que cortaria os salários dos operários em 35%. No entanto, devido às pressões dos trabalhadores, posteriormente indicou que discutiria o assunto com os sindicatos. Neste cenário de tensão generalizada nas últimas duas semanas sindicalistas ocuparam diversas fábricas de autopeças para exigir o fim das demissões e suspensões.

Dados das concessionárias argentinas indicam que nos primeiros 23 dias de maio as vendas de automóveis no mercado interno registraram uma queda de 39,5% em comparação com o mesmo período do ano passado. Por trás da queda estariam a escalada inflacionária, a desvalorização da moeda, o aumento de tributos sobre os veículos, entre outros fatores.

A consultoria econômica Abeceb indicou em um relatório hoje que a atividade industrial argentina terá uma queda geral de 3% neste ano. No entanto, considera que o setor automotivo sofrerá uma redução de 15% em 2014.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,brasil-e-argentina-tentam-acordo-sobre-regime-automotivo,186301,0.htm>

Reuniões na Argentina terminam sem acordo automotivo

29/05/2014 às 05h00

As equipes econômicas do Brasil e Argentina concluíram ontem, em Buenos Aires, mais dois dias seguidos de frustradas tentativas de acordo para renovação do regime automotivo. Os representantes da indústria apresentaram uma proposta para elevar a nacionalização de peças em ambos os países. Mas a ideia não foi suficiente para que os governos chegassem ao entendimento. Uma nova data e local serão definidos para continuar com o diálogo, segundo informações de técnicos que participaram das reuniões em Buenos Aires

No lado brasileiro, segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos (Anfavea), Luiz Moan, os fabricantes de veículos e de autopeças se comprometeram a, nos próximos quatro meses, estudar um plano para atrair investimentos da indústria de autopeças tanto para o Brasil quanto para a Argentina, para a produção de componentes que hoje ambos importam de países fora do continente. "Precisamos fazer um diagnóstico do potencial de cada um", disse.

A proposta das empresas, que na maioria possui fábricas nos dois lados da fronteira, não alcança, porém, a ideia do governo argentino, que, em princípio, busca uma maneira de elevar o mais rápido possível a compra de peças fabricadas no país.

Mas, segundo Moan, o setor precisa de tempo para planejar escala e, consequentemente, uma maneira de atrair mais investimentos. O dirigente cita como exemplo o conector de airbag, importado de países fora do Mercosul, tanto pelo Brasil quanto pela Argentina. "É uma peça metálica que poderia ser nacionalizada", diz.

Moan diz que nessa rodada de discussões não se falou no polêmico "flex", que representa um coeficiente usado para estabelecer limites no desequilíbrio da balança comercial do setor. Até junho de 2013, para cada dólar em produtos automotivos importados da Argentina, o Brasil podia exportar o equivalente a US\$ 1,95. A Argentina quer retomar o uso do "flex" e ainda diminuir o coeficiente para 1,25 a 1,30. Mas, segundo Moan, contrário à ideia, isso pode prejudicar a intenção de atrair mais empresas do setor de autopeças: "O flex inibirá os investidores".

Para o governo argentino, aumentar a produção de autopeças no país é importante porque é justamente nos componentes que o Brasil leva vantagem na balança comercial do setor.

Quando isolado, o intercâmbio dos veículos acabados no período entre janeiro e abril resultou em superávit para a Argentina. No caso, no quadrimestre, o Brasil exportou para o país vizinho o

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

equivalente a US\$ 1,3 bilhão e importou US\$ 1,7 bilhão. Já na soma de todos os produtos do setor, o que inclui autopeças, a vantagem é brasileira, com US\$ 2,54 bilhões em exportações e US\$ 2,26 bilhões em importações no período.

A prorrogação do acordo por mais um ano é uma questão já acertada. É consenso, segundo dirigentes da indústria, que seria loucura interromper um entendimento que estabelece o intercâmbio de veículos e componentes livre de impostos de importação. "Juntos, Argentina e Brasil se transformam no sexto maior produtor de veículos do mundo", diz Moan.

Em princípio, estava previsto que os representantes da indústria participariam apenas da primeira fase das discussões, na terça-feira. Mas eles voltaram a ser chamados ontem. Mesmo assim, não conseguiram ajudar para que o acordo fosse fechado.

O Brasil é altamente dependente do mercado argentino para a exportação de veículos. A soma de fatores, que vão da crise provocada pela desvalorização do peso às restrições impostas pelo governo argentino à entrada de produtos para evitar perda de reservas provocou uma queda de 32% no total exportado pelas montadoras instaladas no Brasil no primeiro quadrimestre.

No sentido contrário, essa indústria registrou aumento de 27% nas vendas externas durante todo o ano passado, na comparação com 2012. Foi também a Argentina a responsável por esse crescimento. A sucessiva desvalorização do peso levou grande parte dos argentinos a fazer da compra de um automóvel zero quilômetro uma maneira de investir economias.

Moan está, no entanto, disposto a acelerar os planos para reduzir a dependência do mercado do país vizinho. Ele diz que em breve visitará a Colômbia, onde se discute a possibilidade de o governo fechar com o Brasil um acordo para redução das alíquotas do imposto de importação em veículos.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3566800/reunioes-na-argentina-terminam-sem-acordo-automotivo#ixzz336vLlbjx>

Anfavea: dólar em alta prejudica importação de peças para veículos

29/10/2014 13h47 Brasília

Daniel Lima - Repórter da Agência Brasil

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan Yabiku Junior, disse hoje que o dólar em alta aumenta o custo da produção no curto prazo tendo em vista a importação de peças e de componentes. Moan, no entanto, não informou se a

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

pressão da moeda americana implica aumento de preços. Destacou que, no longo prazo, o dólar em alta “estimula a competitividade com o aumento das exportações: pois o produto brasileiro passa ficar mais barato”.

Moan esteve pela segunda vez esta semana no Ministério da Fazenda. Hoje, o encontro foi com o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Márcio Holland. O tema foi avaliação das vendas e da produção do setor.

Na última segunda-feira, esteve com o secretário executivo do Ministério da Fazenda, Paulo Rogério Caffarelli, para falar sobre o desempenho da indústria automotiva e a conjuntura econômica.

“[O nosso encontro hoje foi] algo absolutamente rotineiro. Não foi tratado nada sobre a necessidade de manutenção da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis, mas somos extremamente favoráveis [à medida, já que defendemos], sempre, a redução da carga tributária. Todos nós [defendemos a redução], mas [o tema] não foi motivo da reunião com o secretário”, disse.

Segundo ele, o segundo semestre será bem melhor do que o primeiro para as montadoras e, se consideradas as vendas de julho a setembro, o setor já cresceu 3,7%, em comparação à média dos primeiros seis meses do ano. “Se for mantido o crescimento, [o impulso produtivo] será o indicador de que, em 2015, teremos números melhores do que em 2014”, concluiu.

Sobre o aumento da mistura da gasolina com o álcool combustível (etanol), defendida por técnicos do governo, ideia que enfrenta certa resistência das montadoras, Moan disse que a Petrobras, em parceria com a Anfavea, está fazendo testes em laboratórios para verificar a viabilidade da medida, mas não há nada concluído. “Esperamos que haja uma conclusão até meados do próximo mês”, disse.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-10/anfavea-dolar-em-alta-prejudica-importacao-de-pecas-para-veiculos>

FOLHA DE SÃO PAULO

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Brasil substituirá importação de peças de automóvel alemães por argentinas

O Brasil aumentará suas importações de peças de automóveis da Argentina e as substituirá por parte das que atualmente compra da Alemanha, dentro do acordo bilateral no setor automotivo que mantém com o país vizinho, informaram neste sábado (17) fontes oficiais.

A substituição das importações, que suporá um aumento dos custos de produção de veículos no Brasil, é uma "antiga demanda argentina", segundo afirmou o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, em entrevista ao jornal "O Globo".

Em contrapartida, o banco central argentino se comprometerá a fornecer divisas, cujo acesso é restringido no país, aos importadores de automóveis para facilitar as compras do Brasil, segundo Borges.

Do mesmo modo, as autoridades argentinas se comprometerão a eliminar os impedimentos administrativos que, nos últimos meses, causaram retenções de automóveis na fronteira, segundo o ministro.

Na semana passada, Argentina e Brasil chegaram a um acordo para prorrogar por um ano seu atual acordo bilateral no setor automotivo, que expira em 30 de junho, embora as partes continuem negociando um convênio definitivo.

Um dos detalhes que ainda está sendo negociado, segundo Borges, é determinar a cota de importação de veículos que cada país fixa em função do que exporta, em uma fórmula conhecida como "flex".

O Brasil quer manter a taxa de exportação média dos últimos três anos, que é propícia, enquanto a Argentina pretende reduzir seu deficit comercial com o país vizinho, segundo Borges. O acordo vigente até agora fixa uma taxa de 1,95, o que representa que por cada milhão de dólares em veículos argentinos que chegam ao Brasil, os fabricantes brasileiros têm direito a exportar automóveis por um valor de US\$ 1,95 milhão.

Segundo Borges, a proposta argentina, que o Brasil não aceita, é conseguir uma taxa de 1,3, o que implicaria em uma redução das exportações brasileiras.

A Argentina tem um especial interesse na renovação do acordo automotivo entre ambos os países, que considera de vital importância para reativar o comércio com o Brasil, que em abril passado caiu 24% frente ao mesmo mês de 2013, segundo dados oficiais.

Os fabricantes e exportadores brasileiros também pressionaram o governo já que, no primeiro trimestre, perderam 32% das exportações previstas à Argentina, segundo dados da patronal Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1456126-brasil-substituira-importacao-de-pecas-de-automovel-alemas-por-argentinhas.shtml>

Economia

Brasil vai ampliar compra de autopeças da Argentina

Para renovar acordo automotivo, país está disposto a ceder, afirma ministro do Desenvolvimento

Publicado: 17/05/14 - 6h00 - Atualizado: 17/05/14 - 8h23

BRASÍLIA - O Brasil está disposto a atender a uma antiga demanda da Argentina: a substituição de parte das importações de autopeças de fora do Mercosul por produtos argentinos. O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, afirma que a substituição faz parte da proposta de negociação para o regime automotivo, que será retomada no fim deste mês por representantes dos dois países. Segundo ele, a oferta brasileira prevê a prorrogação do regime por 12 meses, período em que serão mantidos os atuais níveis de participação de carros do Brasil na Argentina (em torno de 50%) e de automóveis argentinos no mercado brasileiro (10%), com base na média dos últimos três anos.

Como estão as negociações com a Argentina sobre o regime automotivo?

Fechamos com os representantes do setor privado a proposta brasileira, que será apresentada a autoridades argentinas no fim deste mês.

Voltará o sistema flex?

Sim, mas não aceitamos a relação de 1,3, como quer a Argentina (para cada um milhão de carros exportados, 1,3 milhão podem ser importados com tarifa zero). Queremos um número que dê conforto ao comércio bilateral, que na prática já está nesse nível. Nossa proposta prevê a manutenção das participações nos mercados domésticos com base na média dos últimos três anos. É uma referência. Também haverá uma meta de substituição de importações de autopeças extrazona por intrazona, que é uma antiga demanda argentina.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Como assim?

Por exemplo: o Brasil exporta em torno de US\$ 20 bilhões de autopeças extrazona, ou seja, de países de fora do Mercosul. Se você deixar de comprar US\$ 100 milhões da Alemanha, para comprar da Argentina, está fazendo a substituição de extra para intrazona.

Qual a vantagem dessa medida para o Brasil?

Isso fortalece a cadeia produtiva, a integração. Quanto mais suprimento doméstico, mais você gera ganho de escala. É um estímulo para o setor de autopeças e cria empregos.

E quanto aos problemas que existem no lado argentino, como dificuldades no pagamento de importações do Brasil e imposição de barreiras?

A contrapartida é que o banco central argentino está disposto a manter a disponibilidade de divisas para a realização do comércio e, ao mesmo tempo, do lado administrativo, não haverá retenção de mercadorias.

Essa negociação terá reflexo no mercado interno?

Sim. À medida em que você estabelece que as montadoras vão envidar esforços para garantir que em torno de 50% do mercado doméstico argentino seja proveniente de exportações brasileiras, você está estimulando a produção local.

O setor automotivo reclama que está em crise.

O que estamos tentando destravar aqui é o mercado de crédito privado, com garantias sólidas e prazo um pouco mais longo. O problema do Brasil não é falta de demanda. É de acesso ao financiamento.

O governo pretende prorrogar o IPI reduzido para carros para ajudar o setor?

Isso está fora da mesa, não foi colocado em nenhum momento, não veio à tona.

Especialistas dizem que a balança comercial fechará com um déficit em 2014. O que o senhor acha?

Descartamos a possibilidade de déficit. A conta petróleo terá um déficit menor do que os US\$ 20 bilhões do ano passado. A previsão mais atualizada da ANP (Agência Nacional do Petróleo) aponta para algo em torno de US\$ 12 bilhões. Serão US\$ 8 bilhões a menos.

E quanto às exportações?

O desempenho exportador brasileiro, no mínimo, será igual ao do ano passado. Se tirássemos a conta petróleo, o Brasil teria um superávit acima de US\$ 20 bilhões. O desempenho exportador está melhor, com o crescimento de 45% das vendas para os Estados Unidos.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Há interesse em negociar um acordo entre Mercosul e EUA?

Por enquanto isso está descartado pelos dois lados. São muito mais relevantes os acordos ligados à facilitação de comércio.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/brasil-vai-ampliar-compra-de-autopecas-da-argentina-12517503>

Negociação garante aumento de 40% na venda de veículos para a Argentina

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, acredita que no setor automotivo, a situação de comércio com a Argentina está normalizada

Agência Brasil - Publicação: 23/05/2014 17:50

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, espera que haja novos avanços em relação ao acordo automotivo entre Brasil e Argentina, na reunião que os secretários dos ministérios dos dois países terão na próxima semana, em Buenos Aires. Falando nesta sexta-feira (23/5) na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Borges avaliou que o principal avanço até agora foi a suspensão dos controles de comércio do segmento automotivo.

"Como nós tínhamos acordado com o governo argentino, não está tendo retenção de autopeças e de veículos", explicou. Com isso, o comércio de automóveis brasileiros para o mercado argentino cresceu mais de 40% de abril para maio. "Esse é um indicador bastante positivo". Mauro Borges disse que o número foi repassado pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e que o ministério está acompanhando os dados, aguardando o final do mês para confirmar o resultado.

O ministro entende que no setor automotivo, a situação de comércio com a Argentina está normalizada. "Essa é a avaliação não só do governo, mas da Anfavea".

Alguns tópicos do acordo ainda deverão ser fechados na reunião de Buenos Aires. Sobre a questão do prazo, a proposta brasileira é que haja uma prorrogação automática de 12 meses, nas mesmas condições do acordo vigente. Borges informou que o único aspecto que os argentinos pediram para ser modificado em relação ao acordo atualmente em vigor é o chamado sistema flex, relativo ao limite de relação de troca bilateral que se estabelece na cadeia automotiva.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O chamado sistema flex estabelece uma contrapartida em importações da Argentina pelo Brasil para que este possa exportar sem tarifa. No acordo que venceu no final de junho de 2013 e foi prorrogado por mais um ano sem limitação de comércio, o índice era 1,95. Ou seja, para cada US\$ 1 milhão que o Brasil importa em veículos da Argentina, as montadoras brasileiras teriam direito a exportar US\$ 1,95 milhão para aquele mercado, sem imposto de importação.

Os argentinos fizeram uma proposta para que esse índice caia para 1,30. A proposta do Brasil é que haja um flex "suficiente para dar conforto e fluidez para o comércio bilateral", conforme explicou Mauro Borges. "Essa é a condição brasileira", sustentou. Esse índice é o objeto principal da reunião dos secretários dos ministérios na próxima semana. "O [índice] 1,30 hoje reflete, precisamente, o volume atual do comércio. Nós queremos uma folga, 1,60 ou 1,70".

Segundo informou a assessoria de imprensa do ministério, a pretensão é que o novo índice a ser definido valha pelo prazo de, no mínimo, um ano, ao fim do qual voltaria a vigorar o sistema de livre comércio.

Fonte: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,3/2014/05/23/internas_economia,429109/negociacao-garante-aumento-de-40-na-venda-de-veiculos-para-a-argentina.shtml

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

Novo acordo automotivo com Argentina não avança

Por Daniel Rittner e Marli Olmos | De Brasília e Buenos Aires

03/06/2014 às 05h00

Divergências em torno do estabelecimento de metas para a importação de autopeças fabricadas na Argentina por montadoras instaladas no Brasil ainda impediram o fechamento de um novo acordo automotivo entre os dois países. Uma reunião "secreta" entre autoridades brasileiras e argentinas ocorreu ontem à tarde, em Brasília, mas não conseguiu eliminar todas as pendências.

Mesmo sem nenhuma menção em sua agenda, o ministro do Desenvolvimento, Mauro Borges, recebeu em seu gabinete a ministra argentina da Indústria, Débora Giorgi, para mais uma rodada de negociações. A reunião durou mais de três horas e não foi divulgada pela assessoria de Borges.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Nem mesmo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, pôde acompanhar parte da reunião e perambulava nos corredores do ministério à espera de informações sobre o que ocorria dentro do gabinete.

O maior impasse girava em torno das compras de autopeças pelas fábricas brasileiras. Elas importam US\$ 20 bilhões por ano em partes e peças. Uma das reivindicações argentinas era ter metas progressivas para a substituição de fornecedores extra-Mercosul, como europeus e asiáticos, por produtos fabricados no país vizinho. O Brasil - tanto o governo quanto as montadoras - aceita trabalhar em um programa de estímulo à integração das cadeias produtivas, mas rejeita compromissos numéricos.

Os dois países já têm um entendimento garantido em torno do congelamento de suas atuais posições de mercado. Hoje, os carros brasileiros detêm 50% do mercado argentino; os veículos argentinos detêm 10% de fatia das vendas no Brasil. A tendência é que esses percentuais sejam mantidos, como teto, durante até três anos.

O acordo automotivo expira no dia 30. Se não for renovado, mesmo que temporariamente, volta a incidir a cobrança de tarifa de importação de 35% sobre o intercâmbio de veículos dentro do Mercosul. Diante do peso que isso representaria aos dois lados, a aposta é na renovação - pelo menos por um ano - do acordo.

Os fabricantes brasileiros tentam, até o último instante, convencer o governo a não aceitar que o novo acordo inclua a volta do "flex", que limitaria superávits na balança comercial do setor.

Caso isso não seja possível e o governo ceda a essa condição do lado argentino para fechar o entendimento, a indústria ainda tentará que o coeficiente seja igual ao que vigorou até junho de 2013, quando o flex era de 1,95. Isto é: para cada US\$ 1 milhão em embarques de carros argentinos ao mercado brasileiro, o Brasil podia vender US\$ 1,95 milhão em produtos automotivos à Argentina - ou vice-versa - sem a cobrança de tarifas.

Quem olha o resultado da balança do setor automotivo pode concluir que o flex seria uma condição aceitável para o lado brasileiro, já que o superávit brasileiro é pequeno. De janeiro a abril, a vantagem do Brasil é pequena, com US\$ 2,54 bilhões em exportações de veículos e componentes para a Argentina e importações equivalentes a US\$ 2,26 bilhões.

O problema, segundo uma fonte da indústria, é que o governo argentino conseguiu aproximar os valores à custas das chamadas Djais (Declaração Jurada Antecipada de Importação), um sistema

de controle por meio do qual a liberação de produtos importados depende de autorização das autoridades argentinas.

O fim das Djaís foi, inclusive, colocada pela indústria como sugestão de condição para o governo brasileiro oferecer uma linha de financiamento para os importadores argentinos. Os negociadores do país vizinho, entretanto, não aceitaram essa condição.

A Argentina quer um "flex" de 1,30. O governo brasileiro não vê problemas em definir a volta do sistema, mas quer alguma coisa intermediária, entre esse número defendido pelo país vizinho e o 1,95 que é o ano vigorava até o ano passado. O mais importante, conforme uma autoridade que acompanha o assunto, é ter flexibilidade suficiente para não comprometer os embarques das montadoras à Argentina. Uma nova reunião deve ocorrer, em Buenos Aires, na semana que vem.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3572102/novo-acordo-automotivo-com-argentina-nao-avanca#ixzz33a8jkCpV>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Empresas

Restrições na Argentina voltam a afetar montadoras

Por Eduardo Laguna | De São Paulo

07/10/2014 às 05h00

Barreiras à entrada de carros brasileiros na Argentina voltaram a derrubar as exportações das montadoras instaladas no Brasil, segundo a Anfavea, entidade que representa a indústria nacional de veículos. No mês passado, os embarques das montadoras brasileiras caíram mais de 41% na comparação com setembro de 2013 e 15,6% em relação a agosto, o que, conforme a associação, reflete novas medidas de restrição a produtos brasileiros no país vizinho, para onde vão quatro de cada cinco veículos exportados no Brasil.

Ao revisar o acordo automotivo com o Brasil em junho, o governo argentino se comprometeu a não colocar mais entraves ao comércio bilateral. Porém, a Anfavea diz que, diante da escassez de dólares para pagar importações, os veículos produzidos no Brasil voltaram a encontrar obstáculos em seu principal mercado no exterior. Em conversa com um pequeno grupo de jornalistas, o presidente da entidade, Luiz Moan, disse que o Banco Central da Argentina liberou em setembro

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

apenas US\$ 100 milhões para pagamento de importações de carros do Brasil, quando a média das exportações brasileiras ao parceiro do Mercosul gira ao redor de US\$ 600 milhões por mês.

Antes, em entrevista coletiva para divulgar os resultados da indústria automobilística no mês passado, Moan já tinha citado, entre as restrições, a linha especial de crédito da Casa Rosada que oferece juros subsidiados apenas a automóveis produzidos na Argentina, o ProCreAuto. Com isso, exportações brasileiras não puderam pegar carona no avanço de 18% das vendas de carros na Argentina na passagem de agosto a setembro.

Na tentativa de reduzir a dependência às frequentemente tensas relações comerciais com a Argentina, dirigentes da Anfavea deram início a uma série de viagens para costurar novos acordos comerciais com países na América Latina e na África. Moan já esteve duas vezes na Colômbia para discutir o assunto com a Andi, associação que representa a iniciativa privada colombiana. A ideia é apresentar uma proposta aos governos até o mês que vem.

O presidente da Anfavea disse que também tem viagens previstas para o Uruguai e o Equador, além de países africanos, para onde a entidade pretende ampliar as vendas de tratores agrícolas. Já no começo do ano que vem, a associação negocia com a Amia, sua correlata mexicana, como vão ficar os novos termos do acordo automotivo entre Brasil e México, no qual o regime de cotas está previsto para terminar em março. "Vou virar um caixeiro-viajante", brincou Moan.

Levantamento da Anfavea mostra que, na comparação com mesmo período de 2013, a produção de veículos no país caiu 6,7% no mês passado, como resultado da queda de 4,4% do consumo interno, além da baixa nas exportações. Os estoques seguem altos, em nível suficiente para 41 dias de venda.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3724694/restricoes-na-argentina-voltam-afetar-montadoras#ixzz3FSIIS300>

Produção de carros na Argentina ficou estagnada no mês passado

Montadoras instaladas no país vizinho sofrem com a retração das exportações de veículos para o Brasil

11 de março de 2014 | 2h 05

Ariel Palacios - Correspondente - O Estado de S.Paulo

BUENOS AIRES - O setor automotivo argentino, que desde 2003 foi a locomotiva da recuperação econômica do país, está em estado de virtual estancamento. Em fevereiro, segundo a Associação de Fabricantes de Automóveis (Adefa), a produção foi de 52.941 veículos, o equivalente a somente

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

0,1% a mais do que no mesmo mês de 2013. No entanto, a produção do primeiro bimestre foi de 89.097 unidades, com queda de 8,1% na comparação ao mesmo período de 2013.

A Adefa afirma que existe um clima de "incertezas em relação à futura evolução do nível de atividade". Por esse motivo, a entidade considera que é prudente esperar o encerramento do primeiro trimestre para fazer previsões sobre o ano.

A indústria automotiva está cautelosa. Motivos existem de sobra, já que em 2013 o setor havia iniciado o ano com expectativas de produzir 900 mil unidades. No entanto, as montadoras fabricaram 791 mil unidades, alta de apenas 3,5% em relação aos 764 mil veículos de 2012.

A indústria automotiva da Argentina sofre a queda nas vendas para o principal mercado externo, o Brasil. No primeiro bimestre do ano, o setor vendeu ao mercado brasileiro 39.986 unidades, volume inferior em 2.816 veículos em comparação com igual período de 2013.

Segundo a Adefa, "o atual contexto da queda da demanda externa de nossa produção desde o mercado do Brasil reforça a necessidade de trabalhar no fortalecimento do vínculo de longo prazo baseado na especialização e complementação industrial com o país vizinho, principal destino das exportações".

No primeiro bimestre deste ano, as exportações argentinas de veículos ao Brasil representaram metade do total da produção da Argentina nesse período.

Mercado interno. Os problemas do setor automotivo argentino também estão sendo causados por um retrocesso no mercado interno gerado pelo aumento dos impostos que o governo da presidente Cristina Kirchner aplica desde 2013 sobre os veículos mais caros. Além disso, o setor sofre a desvalorização do peso que, com a escalada da inflação, gerou um aumento do custo para a importação de autopeças.

O diretor da consultoria econômica Finsoport, Jorge Todesca, sustenta que as vendas no mercado interno teriam em 2014 queda de 32% em relação a 2013. O governo Kirchner deve receber os fabricantes nesta semana para avaliar a situação do setor e eventualmente aplicar uma redução dos impostos.

O setor automotivo argentino passou por diversos altos e baixos nos últimos 15 anos. Em 1998, a produção atingiu a marca de 455 mil veículos, um recorde na época. Mas, logo em seguida, a recessão provocou uma retração no setor.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,producao-de-carros-na-argentina-ficou-estagnada-no-mes-passado,1139411,0.htm>

Anfavea admite negociar regra para autopeças com Argentina

Por Rafael Bitencourt | De Brasília

20/05/2014 às 05h00

Na fase final do acordo automotivo entre Brasil e Argentina, a indústria nacional apresentou uma proposta, ontem, ao governo brasileiro, sem informar detalhes do seu pleito. Ao deixar reunião com a secretária de Desenvolvimento da Produção, Heloisa Menezes, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan defendeu as bases do atual regime de mercado que, segundo ele, é capaz de levar à integração produtiva almejada pelos dois países.

"Hoje estamos no livre comércio e gostaríamos que os dois países permanecessem nele", disse Moan quando questionado sobre a demanda argentina para a volta do regime anterior, de comércio monitorado, em lugar do livre comércio de automóveis. Isso representaria o retorno do regime "flex", pelo qual as vendas aos argentinos seriam limitadas a um percentual do total comprado dos vizinhos.

Para a Anfavea, pode-se até discutir a inclusão, no novo acordo automotivo, de metas percentuais para a compra de partes e peças argentinas nos carros fabricados no Brasil. "Depende. Ninguém pode ser contra objetivos e metas sem ler. Que metas são estas? Se for para aumentar a integração produtiva, sou favorável", disse Moan.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3554244/anfavea-admite-negociar-regra-para-autopecas-com-argentina#ixzz32GM9Q8bl>

BNDES vai desembolsar R\$ 16 bi para a exportação este ano

Por Francisco Góes | Do Rio

20/05/2014 às 05h00

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) deverá desembolsar R\$ 16 bilhões em operações de apoio à exportação este ano, com crescimento de 6% em relação aos R\$ 15,1 bilhões de 2013. Em dólares, porém, o banco trabalha com uma previsão de desembolsos de US\$ 6,6 bilhões para a exportação em 2014, abaixo dos US\$ 7,1 bilhões do ano passado. A

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

diferença se explica pelo fato de o banco trabalhar com uma taxa de câmbio média maior para este ano do que no ano passado, de R\$ 2,40 por dólar, ante R\$ 2,10, em média, em 2013.

A redução em dólares também reflete, além da previsão de uma taxa de câmbio média maior, menor volume de desembolsos na linha de pré-embarque, que financia a produção do bem exportado. O pré-embarque trabalha com taxas de juros maiores tanto na linha convencional quanto no Programa de Sustentação do Investimento (PSI). "Uma vez que as linhas de trade finance dos bancos privados têm volumes e taxas adequadas, o BNDES não precisa ser tão ativo nesse segmento. Podemos atuar no segmento que tem ciclos de produção mais longos e que dependem mais do pré-embarque", disse Luciene Machado, superintendente da área de comércio exterior do BNDES.

Este ano o pré-embarque vai representar 40% dos desembolsos da área de comércio exterior do BNDES, sendo os 60% restantes de operações de pós-embarque, que financiam a comercialização do bem exportado. Os desembolsos do pós-embarque devem somar R\$ 9,6 bilhões (US\$ 4 bilhões). Nesse segmento, o financiamento aos compradores de aeronaves da Embraer, sobretudo nos Estados Unidos, será um dos destaques. Outra área que vai demandar recursos importantes envolve a exportação de bens e serviços para obras de infraestrutura na América Latina e na África, incluindo projetos em Angola, Argentina, Equador e Venezuela, entre outros.

A estimativa é que o financiamento do BNDES aos compradores de aviões da Embraer, em especial do modelo E175, alcance valores de cerca de US\$ 2 bilhões este ano. As aeronaves da Embraer a serem financiadas pelo BNDES se destinam a companhias aéreas americanas como United Airlines, Republic Airways e Skywest. Só para a Skywest, haverá um grande número de entregas este ano: serão 18 aviões Embraer.

Luciene afirmou que este ano o mercado privado, incluindo bancos e o mercado de capitais, voltou a financiar com mais força a compra de aeronaves comerciais. "Estamos vendo o mercado privado voltar a financiar o setor desde 2013, mas agora [em 2014] esse movimento ganhou mais força. Imagino que em dois ou três anos, o mercado privado vai recuperar a participação que tinha antes da crise."

Em nota, a Embraer afirmou que são os seus clientes que vão ao mercado e buscam opções para financiar a compra das aeronaves. Cabe aos clientes encontrar a melhor oferta de financiamento e a solução que atenda às suas necessidades de capital. "O BNDES, por ser uma agência de crédito à exportação, pode ser uma dessas opções." Ainda não há no BNDES pedido de financiamento da American Airlines, o que pode ocorrer até o fim do ano. Em 2013, a Embraer fechou contrato de venda firme de 60 jatos E175 para a American com entrega a partir de 2015.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A Embraer também elogiou o retorno das fontes privadas de crédito ao setor aeronáutico: "É um excelente sinal para a indústria, tanto para fabricantes quanto para as empresas áreas." Para a empresa, as expectativas são de melhora progressiva na economia mundial e de crescimento da participação de bancos comerciais no setor de aviação. Já se observa no setor uma maior diversificação e entrada de novos participantes como os bancos japoneses, chineses e instituições financeiras locais do Oriente Médio e da Austrália, de acordo com a Embraer. "A participação das estruturas de leasing [aluguel] deve continuar crescendo, devendo representar 50% da frota mundial de jatos comerciais até o final da década. Já o financiamento por meio do mercado de capitais mantém-se firme, tanto para equity quanto para dívida."

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3554260/bndes-vai-desembolsar-r-16-bi-para-exportacao-este-ano#ixzz32GLrT8KD>

ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br/>

Economia

Volks argentina tem estoque de 15 mil veículos

29 de abril de 2014 | 2h 05

Ariel Palácios, correspondente - O Estado de S.Paulo

BUENOS AIRES - A Volkswagen Argentina tem 15 mil veículos em estoque na sua fábrica da cidade de Pacheco, na Grande Buenos Aires, além dos existentes nas concessionárias em todo o país. O anúncio foi realizado pela empresa em uma reunião com a ministra da Indústria, Débora Giorgi, e representantes do Sindicato de Mecânicos Automotivos (Smata).

No encontro, a Volkswagen concordou em não demitir funcionários antes do dia 31 de maio, mas negocia com os sindicatos uma redução. A empresa já implementou a aposentadoria antecipada de 320 trabalhadores e avalia a remoção de outros 400 operários, volume que equivale a 10% do total dos funcionários na Argentina.

Ao longo das últimas duas semanas as empresas Iveco e Renault paralisaram as atividades de suas fábricas na província de Córdoba, suspendendo 1.100 trabalhadores.

O automotivo é um dos vários setores da indústria que está sentindo os efeitos da crise argentina. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec), a atividade industrial caiu 5,9% em

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

março em relação ao mesmo mês do ano passado. Esse foi o sexto mês consecutivo de queda na produção. No primeiro trimestre, por sua vez, todo o setor industrial teve queda de 3,1%.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,volks-argentina-tem-estoque-de-15-mil-veiculos,1159912,0.htm>

AGÊNCIA BRASIL

Economia

Acordo automotivo entre Brasil e Argentina entra em vigor

Mariana Branco - Repórter da Agência Brasil* Edição: Graça Adjuto

Entra em vigor hoje (1º) o acordo automotivo firmado no início de junho pelo Brasil e a Argentina. O entendimento vale até 30 de junho de 2015. A previsão é que, no período, os dois países continuem em negociação, e, a partir do meio do ano que vem, implementem novo regime bilateral, com ampliação do comércio e da política industrial comum no setor de autopeças e a garantia da segurança dos veículos. O acordo reativa o sistema flex, que prevê que o Brasil poderá vender com isenção de impostos, no máximo US\$ 1,5, para cada US\$ 1 importado do país vizinho. O protocolo assinado com os argentinos prevê ainda que os setores produtivos dos dois países mantenham uma participação mínima nos respectivos mercados de veículos, de 11% de automóveis argentinos no Brasil e 44,3% de brasileiros na Argentina. Os compromissos foram assumidos pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores e o Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores, do lado do Brasil, e pela Associação de Fábricas de Automotores, Associação de Fábricas Argentinas de Componentes e Associação de Industriais Metalúrgicos da República Argentina, do lado do país vizinho.

O secretário de Indústria argentino, Javier Lando, disse nessa segunda-feira (30) que o acordo possibilitará que um maior número de veículos argentinos seja comercializado no Brasil. O país adquire 90% do total de carros exportado pela Argentina. "Ter o acordo para que haja maior participação dos veículos no Brasil vai garantir uma reativação dos terminais para o mercado externo", declarou. Segundo ele, o protocolo com o Brasil e o Procreauto, programa de empréstimos argentino, ajudarão a aumentar a produção nacional em 120 mil unidades.

O acordo começa a vigorar em um momento de vulnerabilidade econômica para a Argentina. Depois da crise financeira de 2001, Buenos Aires conseguiu chegar a acordo com 93% dos credores para reestruturar a sua dívida e está pagando regularmente o que foi acertado. Os restantes 7%, no entanto, recusaram o acordo e um juiz norte-americano, Thomas Griesa, decidiu que a Argentina tem de pagar a fundos especulativos detentores de dívida não reestruturada, conhecidos como fundos abutres. Eles reclamam 100% do valor nominal dos títulos que têm.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Apesar de na última quinta-feira (26) a Argentina ter depositado US\$ 1 bilhão destinado a pagar os credores que aceitaram negociar, Griese ordenou a restituição da verba às autoridades do país enquanto ocorrem negociações sobre as modalidades de pagamentos. Como os contratos de reestruturação de dívida dão um prazo de carência de 30 dias para pagamento da parcela vencida nesta segunda-feira, a Argentina tem um mês para evitar que seja declarado o calote.

*Com informações da Telam e Agência Lusa

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-06/para-abrir-acordo-automotivo-entre-brasil-e-argentina-entra-em-vigor>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Indústria

Brasil e Argentina terão pacto renovado

Possível acordo de Brasil, Uruguai e Paraguai com a Europa, no entanto, angustia o governo argentino

05.06.2014 - 12:15

O pacto comercial do setor automobilístico entre Brasil e Argentina, que termina no próximo dia 30, deve ser prorrogado por mais um ano. As negociações já estão avançadas para restabelecer o limite de importações sem o pagamento de imposto de importação, um instrumento denominado flex, que até metade do ano passado era equivalente a US\$ 1,95.

Segundo a proposta inicial, para cada dólar exportado no setor automotivo para o Brasil, a Argentina poderia importar US\$ 1,3. No novo acordo, o flex - que é rejeitado pela Anfavea - ficaria entre US\$ 1,6 e US\$ 1,7, números que o governo brasileiro estaria disposto a aceitar.

A maior resistência dos argentinos sobre o livre comércio é que investidores no setor de autopeças dêem preferência ao Brasil, já que ambos os países registram déficit nessa área e querem atrair investimentos para seus respectivos mercados. Os dois governos se comprometeram a trabalhar para compor uma lista de autopeças que podem ser fabricadas e homologadas no bloco regional para reduzir a importação de países de fora do Mercosul.

Outra negociação que vem sendo dificultada pelos hermanos é um acordo de livre comércio de Brasil, Uruguai e Paraguai com a União Europeia, que objetiva a importação e exportação de

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

veículos. O receio da Argentina é que sua produção, que é basicamente voltada para o mercado brasileiro, seja substituída por modelos europeus.

A ideia de que cada país negociasse de forma individual também é barrada pelos argentinos, que alegam que essa medida contraria os alicerces que sustentam o bloco econômico.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/jornal-do-carro/noticias/mercado,brasil-e-argentina-terao-pacto-renovado,19355,0.htm>

Internacionais

06 DE JUNIO DE 2014

La producción brasileña de automóviles cayó un 18%

RÍO DE JANEIRO (EFE). La producción de automóviles, camiones y autobuses en Brasil disminuyó un 18% en mayo en comparación al mismo periodo del año pasado, según los datos divulgados ayer por la Asociación Nacional de Fabricantes de Vehículos Automotores (Anfavea).

No obstante, el número de unidades manufacturadas creció un 1,9% frente a abril de este año, y alcanzó los 282.500 vehículos.

En lo que va de año, el sector registró un descenso en el número de unidades manufacturadas del 13,3% en comparación al mismo periodo de 2013 debido principalmente a la caída de las exportaciones y a una menor demanda interna, según la asociación de fabricantes brasileños.

El segmento de los camiones registró la mayor caída, con una producción total de 12.695 unidades en mayo, un 22,4% menos que en el mismo mes de 2013.

A pesar de que el mercado automovilístico brasileño se mostró estable en mayo, con ventas similares a las de abril por un total de 316.233 unidades, el sector acumula un retroceso anual del 5,5% en el número de nuevas licencias en comparación a 2013. La Anfavea explicó que la caída en la producción de automóviles responde a las medidas de ajuste adoptadas en febrero por los principales fabricantes y que incluyen la suspensión de contratos laborales y el cierre de turnos de trabajo.

El empleo también se vio reducido

El empleo en el sector se ha reducido un 2,8% en 2014 en comparación con los cinco primeros meses del año pasado.

La patronal de la industria brasileña ya había informado el martes que el sector de automotores experimentó la mayor caída de horas trabajadas en mayo (-19,4 %).

Brasil ocupa la cuarta posición en el ranking mundial de fabricantes de vehículos y posee el mayor polo de industria automotriz de América Latina.

Caídas de ventas en el exterior

El sector atraviesa momentos difíciles, presionado por la caída de las ventas al exterior, principalmente a Argentina, así como por el difícil acceso al crédito de los brasileños y el aumento de las tarifas de energía eléctrica.

A cuatro meses de las elecciones presidenciales, los fabricantes confían en que el Ejecutivo de la presidenta Dilma Rousseff consiga un acuerdo con Argentina para relajar las medidas proteccionistas adoptadas recientemente por este país y en que prolongue los incentivos fiscales que el Gobierno brasileño ofrece por la compra de automóviles, cuya retirada escalonada finaliza en el mes de julio próximo.

Fuente: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/internacionales/la-produccion-brasilena-de-automoviles-cayo-un-18-1252539.html>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

Montadoras podem obter ajuda para exportar à Argentina

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

A indústria automobilística pode ser o primeiro setor a se beneficiar da ideia do governo brasileiro de criar uma linha de financiamento para exportar bens para a Argentina. O objetivo é evitar que a crescente onda de restrições à entrada de produtos importados no país vizinho provoque um colapso na atividade das montadoras, que destinam ao mercado argentino 80% das vendas externas.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Em princípio, a operação de crédito, que visa ajudar o parceiro a poupar divisas, envolveria os bancos privados, embora nem todos da equipe econômica aprovem essa ideia.

Fontes envolvidas na negociação dizem que a proposta passa, agora, pela análise dos Ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento. A ideia agrada ao setor automotivo. Mas a inclusão dos bancos privados preocupa. A participação do BNDES ou outra instituição pública já foi descartada pelo governo. Por esse motivo, alguns dirigentes da indústria já se conformam com eventual custo financeiro extra e já chamam a provável operação de "custo Argentina".

Segundo as fontes, o financiamento valeria apenas para as montadoras com fábricas nos dois países. Ou seja, para ter direito à linha, o importador, na Argentina, teria de pertencer ao mesmo grupo que exporta a partir do Brasil. Isso engloba todos os grandes fabricantes de automóveis instalados no Brasil. Volkswagen, General Motors, Ford, Fiat, Toyota, Honda, PSA Peugeot Citroën e Renault têm fábricas nos dois lados da fronteira.

Com a crescente perda de competitividade em outros países, a indústria automobilística ficou refém do país vizinho. Nos últimos oito anos, a participação da Argentina nas exportações de veículos fabricados no Brasil saltou de 30% para 80%. Dos 596,9 mil veículos embarcados no ano passado, 475,2 mil seguiram para o mercado vizinho.

Somados a altos volumes de componentes, que abastecem as linhas de montagem na Argentina, as vendas do setor ao país vizinho alcançaram o valor de US\$ 11,19 bilhões, o que equivale a 47,8% do total de divisas que o Brasil obteve com vendas do setor automotivo ao exterior em 2013.

Do ponto de vista de intercâmbio comercial, a situação não é tão desfavorável para os argentinos. O país dificilmente conseguiria manter um parque automotivo forte como o atual não fosse a demanda brasileira. No ano passado, a exportação absorveu 54,78% da produção de veículos na Argentina, com 433,2 mil unidades. Só para o Brasil seguiram 380,1 mil (ou 87,7%) desse total.

Embora tenham amargado déficit de US\$ 2,3 bilhões quando se somam exportações e importações de todos os produtos do setor automotivo nos dois países, no ano passado, no segmento de veículos, isolado, os argentinos fecharam com superávit de US\$ 3,8 bilhões.

O problema, no entanto, não se refere ao comércio bilateral em si, que funciona, livre de impostos de importação, desde o início da década de 90, época da criação do acordo automotivo Mercosul. A dificuldade, agora, de mantê-lo sem traumas surge do desespero do governo argentino de frear

todo o tipo de importação, o mesmo motivo que levou o Banco Central a permitir a súbita desvalorização do peso em janeiro.

A criação de uma linha de financiamento para pagar os carros comprados do Brasil jogaria o custo dessas importações para o futuro. Seria uma espécie de fôlego ao país que não consegue evitar a consistente queda no nível de reservas, hoje em US\$ 27,6 bilhões.

Os dirigentes do setor automobilístico veem, ainda, nesse financiamento uma esperança de não serem mais pressionados pelo governo argentino para reduzir o déficit na balança comercial do setor.

Já se tornaram corriqueiros os pedidos da equipe econômica argentina para que as montadoras reduzam as exportações do Brasil e, ao mesmo tempo, elevem os volumes no sentido contrário.

O setor também começou a ser alvo dos frequentes discursos da presidente Cristina Kirchner contra empresários. Durante a sessão de abertura do Congresso, no sábado, Cristina criticou as montadoras pela elevação dos preços no mercado interno depois da desvalorização do peso, em janeiro. E apontou, ainda, a queda de demanda no mercado brasileiro como motivo da redução no ritmo de produção de veículos em seu país.

O setor automotivo está no foco da campanha do governo argentino contra importações desde o fim do ano passado. Em dezembro, a equipe de Cristina anunciou que, ao longo do primeiro trimestre de 2014, cada montadora teria que reduzir as importações de carros do Brasil em 20% em média, com casos de até 27,5%.

No início do ano, veio mais uma medida, envolvendo, desta vez toda a indústria. As empresas perderam acesso às reservas do Banco Central para pagar fornecedores do exterior. Para isso, deveriam buscar seu próprio financiamento.

Essas medidas parecem ter sido insuficientes. Nas últimas semanas, integrantes do governo começaram a pedir para que montadoras com balança negativa no lado argentino reduzam o déficit à metade. Isso vale para intercâmbio comercial com qualquer parte do mundo, mas o Brasil tem peso maior. Mesmo as que chegam a exportar mais do que importar, devem estar atentas para não reduzir o superávit. Não se trata de uma medida oficial. São orientações. Nos bastidores, o setor teme que essa pressão resulte em dificuldades para obtenção de futuras autorizações para importar.

Eventual conflito também traria consequências negativas para o acordo automotivo do Mercosul, que prevê o intercâmbio livre de impostos e expira em 30 de junho. Esperava-se que os governos do Brasil e Argentina já tivessem iniciado entendimentos para renegociá-lo. Mas, como diz uma fonte do setor, "não há clima".

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3453308/montadoras-podem-obter-ajuda-para-exportar-argentina>

Borges: Argentina aceita pagar à vista vendas do Brasil

08 de maio de 2014 | 14h 21

RENATA VERÍSSIMO - Agencia Estado

BRASÍLIA - O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, informou nesta quinta-feira, 8, em audiência pública na Comissão de Relações Exteriores do Senado, que o Banco Central argentino aceitou o pagamento à vista de todas as exportações que foram feitas pelo Brasil ao país vizinho. Como a Argentina estava com problemas de divisas, o governo estava limitando a saída de moeda do País. Por conta disso, as empresas brasileiras, principalmente as montadoras, estavam preocupadas que o pagamento de suas exportações fosse represado.

"O BC argentino concordou que todos os depósitos das importações fossem feitos à vista no BC para posterior transformação em dólar. Uma vez que aceitaram que esse mecanismo fosse feito, não tem problema do ponto de vista da preocupação anterior do setor privado", disse o ministro.

Para destravar o comércio bilateral, o Brasil propôs usar o Fundo de Garantia à Exportação (FGE) para viabilizar as linhas de crédito privadas para financiar o comércio entre os dois países. Para colocar em prática as operações, as instituições financeiras exigiram garantias de recebimento do crédito. A ideia do governo brasileiro é fazer as operações dentro do Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos (CCR), um sistema de compensação de pagamentos operacionalizado pelos bancos centrais. Em caso de inadimplência do país vizinho, o FGE será o garantidor final.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,borges-argentina-aceita-pagar-a-vista-vendas-do-brasil,184211,0.htm>

Borges: acordo automotivo com Argentina será prorrogado

08 de maio de 2014 | 14h05

RENATA VERÍSSIMO - Agencia Estado

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

BRASÍLIA - O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, informou nesta quinta-feira, 8, que o acordo automotivo Brasil e Argentina será prorrogado provisoriamente por um ano. O acordo atual expira em 30 de junho. Para os 12 meses seguintes, haverá um cronograma de trabalho para o fechamento de um acordo definitivo que leve o setor automotivo para o livre comércio.

Segundo Borges, o acordo provisório terá a volta do sistema "flex", mas ainda não foi definida a sua proporção. Até o meio do ano passado, o índice era de 1,95. Ou seja, para cada US\$ 1 milhão em veículos argentinos exportados para o Brasil, as montadoras brasileiras teriam direito a exportar US\$ 1,95 milhão à Argentina sem incidência de imposto de importação. O acordo venceu no final de junho de 2013 e foi prorrogado por mais um ano sem limitação de comércio.

A Argentina quer voltar com o sistema de "flex", mas com um índice menor, de 1,30. "A proposta brasileira é de prorrogação do acordo por um ano. Não temos objeção à volta do flex desde que esse flex dê conforto para a manutenção e o aumento da corrente de comércio Brasil-Argentina", disse Borges. Segundo ele, o Brasil não concorda com a proposta argentina por considerar 1,30 muito baixo. "Tem que ser 1,95 ou algo próximo que dê conforto ao fluxo de comércio", argumentou. "Mas temos condições de chegar a um acordo sobre isso", afirmou.

Segundo ele, com a prorrogação por um ano os dois países terão tempo para trabalhar um acordo de longo prazo. "O objetivo é trazer a cadeia automotiva para o livre comércio que está previsto há muito tempo nas negociações com o Mercosul, como já ocorre com todos os outros setores", disse.

Metas

Borges informou que na próxima terça-feira o setor automotivo irá apresentar as metas para a integração do comércio bilateral entre Brasil e Argentina. "Do ponto de vista do governo temos metas fixadas e o setor privado tem até terça-feira para convergir nos números que vão definir os indicadores das metas", afirmou.

O ministro informou que o Banco Central argentino também se comprometeu "a cursar todas as divisas necessárias para que o comércio bilateral se mantenha". "Isso tem que ser comemorado", disse. A Argentina estava limitando as importações do País porque estava enfrentando problemas de divisas.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,borgesacordo-automotivo-com-argentina-sera-prorrogado,184204,0.htm>

<http://www.lanacion.com.ar/>

Economía

Crisis

General Motors de Brasil suspende sus envíos al país

No quiere que aumente la deuda en dólares de su filial local; la medida se aplicaría a otras terminales

Por José Hidalgo Pallares | LA NACION

Viernes 12 de septiembre de 2014 | Publicado en edición impresa

El sector automotor atraviesa definitivamente su annus horribilis. Al [desplome en las exportaciones y en las ventas internas](#), que provocó un fuerte ajuste en los niveles de producción y suspensiones de miles de trabajadores, se suma ahora un nuevo motivo de desvelo: como consecuencia de la millonaria deuda en dólares que las terminales acumulan con sus proveedores externos, éstos están empezando a [cerrar sus exportaciones de autos hacia la Argentina](#), lo que, en un mercado donde más de la mitad de los patentamientos corresponde a modelos importados, podría provocar problemas de oferta.

La primera en adoptar esa decisión fue la filial brasileña de General Motors (GM), que suspendió las exportaciones de autos terminados hacia su par local hasta que la Argentina solucione el problema de escasez de divisas por el cual el Banco Central dejó de vender dólares a las terminales locales. En el sector temen que otros proveedores tomen medidas similares.

La decisión de la filial brasileña de GM de suspender sus exportaciones de autos a la Argentina fue dada a conocer por Jaime Ardila, presidente para América del Sur de la automotriz norteamericana que produce vehículos bajo la marca Chevrolet. De acuerdo con una nota publicada ayer en el diario brasileño Valor Econômico, Ardila vinculó la decisión con las restricciones para acceder a dólares que enfrentan las terminales argentinas. En ese contexto, GM dará prioridad al envío de autopartes para no afectar la producción local de vehículos.

"Las cosas se deben normalizar cuando el problema [de la Argentina] con los holdouts se vaya solucionando", dijo Ardila. Hasta entonces, todos los modelos que la filial local de GM importa desde Brasil se verán alcanzados por la medida. Entre esos modelos hay algunos con un peso importante en las ventas totales de la empresa en el mercado local, como el Onix, el Prisma, el

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Celta y la pick up S-10. Según cálculos de la consultora abeceb.com, sobre la base de información de la Asociación de Concesionarios (Acara), de los 63.000 vehículos Chevrolet que se patentaron en el país entre enero y agosto, casi 27.000 provinieron de Brasil. El Classic y el Agile se fabrican en la planta de GM en Rosario.

Para el presidente de Acara, Abel Bomrad, la decisión de GM Brasil "va a afectar mucho la red de concesionarios en la Argentina, porque no van a poder reemplazar los modelos que vienen del país vecino con vehículos fabricados localmente". Para Bomrad, eso es especialmente notorio con la pick-up S-10 (cuyas ventas en los primeros ocho meses del año rozan las 4000 unidades).

"EFECTO DOMINÓ"

En el sector advierten que otras empresas podrían adoptar la misma decisión de GM y suspender sus exportaciones a la Argentina. "Todos enfrentamos ese riesgo -dijeron en una terminal-. Los pagos de las empresas al exterior acumulan entre 160 y 190 días de retraso. Después de lo de GM se puede producir un efecto dominó."

La nota de Valor también cita al presidente de Fiat

Chrysler para América latina, Cledorvino Belini, según quien la tendencia de la industria es disminuir los volúmenes de exportación de Brasil y continuar con la importación de autos fabricados en la Argentina.

Como consecuencia de la escasez de divisas que sufre la Argentina, el Banco Central dejó de vender divisas a las terminales para que paguen sus importaciones. En la actualidad, según estimaciones del sector, la deuda acumula alrededor de US\$ 2500 millones.

La mayor parte de esa deuda, advirtió el director de abeceb.com, Dante Sica, es con proveedores de Brasil, de donde provienen no sólo la mayoría de los autos importados, sino también un porcentaje alto de las autopartes para la producción local. "Existe un hartazgo en Brasil por el no pago de las importaciones", dijo Sica, en cuya opinión la escasez de divisas "no se solucionará mientras no se llegue a un acuerdo con los holdouts".

En este contexto, Sica cree que "las terminales seguramente van a priorizar la importación de autopartes sobre la de autos terminados para no afectar más los niveles de producción". Una reducción forzada en las importaciones de autos (es decir, no provocada por la caída de la demanda) afectará la oferta local, ya que la mayor parte de los autos que se venden en el país son importados. Según datos de Acara, el 57% de los vehículos patentados en los primeros ocho

meses del año provienen del exterior. Algunos modelos muy populares, como el Volkswagen Gol, la Ford EcoSport o la Duster de Renault son fabricados en el exterior, particularmente en Brasil.

La deuda de las terminales también afecta a proveedores externos de autopartes. En ese contexto, algunas terminales esperan que con la prórroga del Pro.Cre.Auto -cuyas condiciones empiezan a discutirse hoy entre el Gobierno y las distintas empresas (ver aparte)-, las autoridades no sólo autoricen una actualización en los precios de los modelos incluidos, sino que también ofrezcan alguna solución para cancelar la deuda en dólares.

EMPIEZAN LAS AUDIENCIAS POR PRO.CRE.AUTO

Las automotrices francesas Peugeot-Citröen y Renault y la japonesa Honda concurrirán hoy al Ministerio de Industria, donde se reunirán en forma individual con técnicos de esa cartera, para evaluar las dificultades sobre una eventual continuidad voluntaria en la segunda fase del plan Pro.Cre.Auto.

Tras la ofensiva del Gobierno, y en especial de la presidenta Cristina Kirchner, quien criticó duramente a las automotrices en la celebración del Día de la Industria, las empresas analizarán con los ministros Axel Kicillof y Débora Giorgi si siguen en el plan hasta fin de año. Durante las reuniones individuales se analizarán los problemas particulares de cada terminal.

Algunas versiones señalan que el Gobierno accedería a cambiar los modelos incluidos en el programa o a permitir un aumento en los precios de aquellos que ya forman parte. No hay consenso, sin embargo, sobre si se autorizará a las terminales a girar divisas al exterior, para al menos reducir la deuda en dólares que mantienen con sus casas matrices.

2500

Millones de dólares

Es la deuda que las terminales locales acumulan con sus proveedores externos

57%

Participación de mercado

De cada 10 autos que se patentan, casi 6 son importados.

Fuente: <http://www.lanacion.com.ar/1726628-general-motors-de-brasil-suspende-sus-envios-al-pais>

Economía

LA MINISTRA DE INDUSTRIA DESTACO EL IMPACTO DEL ACUERDO AUTOMOTOR CON BRASIL

"Vamos a exportar 130 mil autos más"

Débora Giorgi le puso números al convenio con el país vecino: sostuvo que en los próximos doce meses se despacharán 130 mil vehículos adicionales. El mercado local también mejoraría a partir de una baja en los precios de autos nacionales próxima a anunciarse.

El acuerdo automotor con Brasil permitirá exportar 130 mil vehículos más durante el próximo año, adelantó la ministra de Industria, Débora Giorgi. Ese impulso, junto al impacto positivo sobre el consumo de las paritarias y de los programas de transferencia de ingreso como la Asignación Universal por Hijo, la nueva moratoria previsional, el plan Pro.Cre.Ar y el acuerdo con el Club de París "permitirá una recuperación económica en el segundo semestre", sostuvo la funcionaria. Se manifestaron a favor del acuerdo representantes de las terminales, autopartistas y de Smata. Por el lado brasileño también se mostraron optimistas sobre los efectos de la medida, que además consolida el diálogo entre los dos países. La semana que viene habría anuncios del Gobierno en torno de la baja de precios de hasta el 10 por ciento en los autos nacionales y también podría haber mejoras en el esquema de financiamiento para la compra de vehículos.

Los gobiernos de Argentina y Brasil firmaron el acuerdo con la idea de dar previsibilidad y reactivar ambas industrias. Va a regir por un año, hasta que se negocie en 2015 toda la política automotriz común, que incluye cuestiones de fondo en la definición de la estrategia sectorial regional. El convenio bilateral permitirá que la industria argentina incremente su participación en el mercado vecino. También restablece el coeficiente flex, que limita el nivel de desequilibrio comercial.

Ayer Giorgi explicitó en una entrevista con Radio Del Plata que el piso de participación de autos argentinos en Brasil del 11 por ciento acordado días atrás implica la exportación de 130 mil vehículos adicionales en el próximo año, teniendo en cuenta que el peso en lo que va de 2014 de los vehículos en el país vecino es inferior al 8 por ciento. La funcionaria remarcó que el acuerdo también "debilita fantasmas agoreros respecto del rol del Mercosur y su eje de crecimiento como plataforma en la región, y de ahí, hacia el mundo". Puso como objetivo que ambos países, que conforman el cuarto mercado en el mundo, avancen en sustituir 34 mil millones de dólares que en la actualidad se importan de extrazona en autopartes por producción regional.

Desde el sector privado elogiaron el acuerdo. "La industria automotriz en el Mercosur alcanzó un alto grado de integración y complementación productiva a lo largo de los años. El sector destina alrededor del 50 por ciento de su producción para abastecer el mercado de Brasil y, por ese motivo, es importante haber alcanzado este acuerdo transitorio por 12 meses que asegura la continuidad del flujo de comercio", señaló Enrique Alemañy, titular de Adefa y presidente de Ford Argentina. En tanto, Fabio Rozenblum, de AFAC, que nuclea a los autopartistas, consideró que el convenio "nos da un marco de certeza que nos permite pensar en inversiones de largo plazo. El desafío a futuro pasa no sólo por resguardar el mercado, sino también por aumentar la participación nacional en la fabricación de autopartes, y en esta materia el acuerdo ha sido muy auspicioso". El presidente de Adimra, Gerardo Venutolo, resaltó que la medida "asegura la participación del sector en la mesa de trabajo que va a elaborar las condiciones del nuevo acuerdo que se firmará el año próximo".

En diálogo con este diario, Antonio Carlos Meduna, de Abipeças (entidad que agrupa a autopartistas de Brasil), indicó que "en el último período, los gobiernos conversaron muy poco. Ahora, según las últimas reuniones, queda clara la voluntad política para definir un nuevo acuerdo automotor. Vamos a trabajar en conjunto para que no haya inversiones fuera del Mercosur que se destinen a abastecer la demanda del bloque regional".

Por el lado sindical, el titular de Smata, Ricardo Pignanelli, dijo que "el acuerdo con Brasil permitirá la venta de 40 mil unidades más que el año pasado". Adelantó también que las terminales automotrices podrían aplicar una baja de precios del orden de hasta el 10 por ciento.

En efecto, la semana pasada el equipo económico mantuvo reuniones con las automotrices para pedirles que apliquen descuentos del 10 por ciento en los modelos nacionales. Las empresas presentaron su oferta y durante esta semana varias fueron consultadas para que mejoren su propuesta. "Se está trabajando con la industria porque estimamos que hubo incrementos internos que fueron excesivos. Creemos que si los autos estuvieran más baratos, hoy se venderían más, no hay que ser mago para hacer esa cuenta", dijo el ministro de Economía, Axel Kicillof. Se espera que la semana que viene haya anuncios.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-248472-2014-06-13.html>

Economia

GOBIERNOS Y EMPRESAS AUTOMOTRICES ACORDARON MAYORES EXPORTACIONES DESDE ARGENTINA

Arreglo con Brasil para equilibrar la cancha

El convenio establece que habrá una suba de las ventas de las terminales locales hacia el socio del Mercosur. Eso debería reactivar la industria nacional. A la vez, se fijaron las bases para la futura negociación de un acuerdo a largo plazo.

Los gobiernos de Argentina y Brasil alcanzaron un acuerdo para el sector automotor a través del cual pretenden dar previsibilidad y reactivar ambas industrias. Regirá por un año, hasta que se negocie en 2015 toda la política automotriz común, que incluye cuestiones de fondo en la definición de la estrategia sectorial regional. La medida anunciada ayer incluye un convenio entre privados para asegurar cuotas de mercado, que en el caso de los autos argentinos subirían un peldaño en el país vecino. También restablece el coeficiente flex, que limita el nivel de desequilibrio comercial. Más allá del grado de impacto concreto sobre el sector, que puede o no ser contundente, el acuerdo supone un gesto político muy relevante, dado que ambos gobiernos vienen de un período en el cual el diálogo en este tema se encontraba completamente trabado.

Reflejo de la importancia simbólica del acuerdo es que el grupo de funcionarios que encabezaron el anuncio en el Ministerio de Economía fue inusualmente abultado. "Parece la última cena", fue el chiste que se escuchó antes de que comenzaran a explicar la medida. Se sentaron, uno al lado del otro, el ministro de Economía, Axel Kicillof; su par de Industria, Débora Giorgi, y el canciller Héctor Timerman, junto a Enrique Alemañy, titular de Adefa (automotrices); Fabio Rozenblum, presidente de AFAC (autopartistas) y Gerardo Venutolo, de Adimra (metalúrgicos). Por el lado de Brasil, Mauro Borges, ministro de Industria; Antonio Carlos Meduna, de Abipeças (autopartes) y Antonio Carlos Bothelo Magale, de Anfavea (terminales). También estaban los dos embajadores, Luis María Kreckler, argentino en Brasilia, y Everton Vieira Vargas, brasileño en Buenos Aires.

Se firmó la prórroga del acuerdo sobre la Política Automotriz Común (PAC), desde el 1º de julio de este año hasta el 30 de junio de 2015. Reaparece el coeficiente flex en un valor de 1,5, es decir que por cada 1000 dólares importados, la exportación no puede superar los 1500 dólares. La intención de Brasil era definir un flex más alto, es decir, imponer menos restricciones potenciales, aunque Kicillof y Giorgi se opusieron. Por fuera del flex, rigen los aranceles, que hacen casi inviable el comercio bilateral. En la práctica, no supone un cambio rotundo, porque el flex "real" desde hace varios años está en el orden de 1,2. Pero representa una señal para el sector privado de que debe haber complementariedad en la producción a ambos lados de la frontera. El flex se había caído el año pasado porque los gobiernos no se habían puesto de acuerdo. Antes era de 1,95 para Brasil y de 2,5 para Argentina, es decir que permitía un desequilibrio mayor si es que Argentina mantenía superávit bilateral.

Otro punto del acuerdo es el establecimiento de cuotas de mercado por parte de los representantes del sector privado de ambos países. Los autos argentinos tendrán una participación

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

mínima del 11 por ciento en el país vecino. Eso debería tener impacto rápido sobre la producción local, aseguró Kicillof, puesto que en lo que va del año ese porcentaje está por debajo del 8 por ciento. En tanto, el mínimo para los autos brasileños quedó en 44,3 por ciento, en línea con la participación actual. A Brasil se le garantiza detener la caída que experimente desde niveles del 47 por ciento.

Además, los gobiernos fijaron una "hoja de ruta" de cara a la negociación del año que viene, cuando deba definirse el amplio conjunto de normas que regulan el comercio regional de autos. Se trata, por ejemplo, de las reglas de origen, que establece el mínimo de partes regionales o nacionales para que un auto sea Mercosur y acceda a los beneficios arancelarios del bloque. Ese punto tiene mucho impacto sobre la política de integración de piezas nacionales por parte de las terminales.

Durante los discursos de los funcionarios, ayer mismo, se visibilizó por qué canal pasan las discusiones y cuál es el escenario de cara al año que viene. Kicillof y Giorgi plantearon varias veces la necesidad de tener un comercio equilibrado e impulsar la integración de partes regionales. La ministra detalló que ambos países importan desde extrazona autopartes por un total de 33 mil millones de dólares al año, dando a entender el horizonte de crecimiento de la industria sustitutiva local. Al gobierno argentino le preocupa el enorme agujero de divisas que genera el sector. Borges, por su parte, se ilusionó con llegar en algún momento a la liberalización total del comercio, que favorece a la industria de ese país, que cuenta con mayor grado de eficiencia y densidad.

Fuente: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-248412-2014-06-12.html>

Uruguai

LARED 21

<http://www.lr21.com.uy>

Economía

Argentina y Brasil renuevan acuerdo comercial para enfrentar caída de ventas de autos en ambos países

Los gobiernos de Argentina y Brasil prorrogaron el miércoles en Buenos Aires hasta finales de junio de 2015 el acuerdo comercial en automotores.

Las industrias automotrices están sufriendo caídas en sus ventas internas y también de exportaciones, con su secuela de suspensiones y cesantías de personal en los dos países.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El entendimiento fue firmado en el Palacio de Hacienda por el ministro argentino de Economía, Axel Kicillof, y el titular de la cartera de Industria de Brasil, Mauro Borges, quienes prorrogaron hasta el 30 de junio de 2015 el protocolo de complementación económica bilateral.

Argentina sufrió en 2013 un déficit en la balanza comercial automotriz de unos 2.400 millones de dólares, según la consultora privada especializada Abeceb.com.

En Brasil, los empadronamientos no superaron las 240.000 unidades y la Federación Nacional de Distribuidores de Vehículos de Brasil (Fenabreve), corrigió la proyección de ventas para 2014 que caerá un 5% frente al 3,5% de baja calculada originalmente.

La venta de automotores acumuló un retroceso de 18% en el primer cuatrimestre de 2014 en Argentina, tras caer 35% en abril en relación a igual mes de 2013, lo que originó la suspensión de turnos de operarios, según el último informe de la cámara comercial del sector.

Bajo fuego de rumores

El ministerio de Industria brasileño reportó en mayo una caída global de 21,4% en el intercambio bilateral (autos y el resto de productos), respecto al mismo mes del año pasado.

De tal modo, se registra una baja por octavo mes consecutivo y acumula en lo que va del año una caída del 19,59%.

"Llegamos al acuerdo bajo un intenso fuego de rumores de que no lo lograríamos", dijo Kicillof en conferencia de prensa conjunta.

"En el bloque, formamos el tercer mercado mundial de automotores. El objetivo es que sigamos produciendo y creando empleo, con una fuerte relación bilateral", dijo el ministro.

La caída en el volumen de comercio bilateral se explica principalmente por una disminución tanto en las compras como en las ventas de Argentina a Brasil, según Abeceb.com.

Se dan tiempo para un acuerdo a cinco años

Mientras sigue vigente el acuerdo, se negociará un entendimiento a cinco años a partir de julio de 2015.

El acuerdo de comercio automotor entre ambos países fue el origen en 1986 del Mercosur, que se completa con Uruguay, Paraguay y Venezuela.

En el acumulado a mayo, se registran descensos de 19,3 % para las importaciones argentinas desde Brasil y del 19,9% para las exportaciones al mayor socio del bloque.

"Se está cayendo el mercado regional de autos y tanto en la Argentina como en Brasil hay un sobrestock de unidades. Por eso en ambos países, las terminales se vieron obligadas a comenzar a implementar suspensiones de personal y, en algunos casos, a intentar achicar estructuras", dijo Gonzalo Dalmasso, analista de Abeceb.

"Vamos a tener un año muy difícil", dijo a la prensa brasileña Flavio Meneghetti, presidente de la entidad empresaria.

De acuerdo con datos oficiales, las exportaciones brasileñas globales hacia Argentina crecieron un 9% en 2013, a 19.615 millones de dólares, en tanto que las importaciones brasileñas tan sólo aumentaron un 0,1%, hasta 16.444 millones de dólares.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Caída de ventas

Las automotrices argentinas están tratando de limitar su stock ante la caída de las ventas en el mercado interno por la presión impositiva y la reducción de las exportaciones a Brasil, adonde se dirige el 86% de la producción.

El presidente de los fabricantes brasileños de autos, Luiz Moan, dijo que las exportaciones de autos a Argentina cayeron 32% en el primer trimestre de este año.

Argentina adquiere nueve de cada 10 coches exportados por Brasil.

El acuerdo del miércoles mantiene una relación de mercado que es de 11% de vehículos argentinos en el mercado brasileño y del 44,3% de unidades brasileñas en el mercado argentino.

(AFP)

Fuente: <http://www.lr21.com.uy/economia/1180582-argentina-y-brasil-renuevan-acuerdo-comercial-para-enfrentar-caida-de-ventas-de-autos-en-ambos-paises>

EL PAÍS

www.elpais.com.uy

Información

Rocha: puerto aprobado sin habilitación ambiental

Diputados del Partido Nacional cuestionan ya no solo a la minería de gran porte sino que consideran que el puerto de "aguas profundas" de Rocha, vinculada a aquella, se está encarando sin permisos ambientales.

JUAN PABLO CORREA
jun 13 2014

El diputado por Rivera Gerardo Amarilla le dijo al ministro de Vivienda, Francisco Beltrame, el miércoles en la comisión respectiva de la Cámara baja, que el gobierno está aplicando una política de "hechos consumados" y dispuso la construcción de un nuevo puerto en Rocha sin que se hubiesen realizado los estudios ambientales correspondientes.

El cronograma que representantes del gobierno le presentaron esta semana al Parlamento del Mercosur, establece que el estudio de impacto ambiental del proyecto se presentará en septiembre de este año y que también en ese mes se obtendría la autorización ambiental del Proyecto Básico de Ingeniería. El Gobierno quiere que en octubre se llame a licitación para asignar el proyecto ejecutivo, la construcción y el financiamiento del puerto.

Los cuestionamientos de Amarilla se suman a los que hacen quienes sostienen que el puerto que costaría al menos US\$ 1.118 millones no tiene suficiente carga potencial en esta coyuntura que le dé viabilidad.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

En la misma línea que Amarilla se manifestaron en la comisión los diputados blancos José Andrés Arocena de Florida y Mario Silvera de Treinta y Tres.

Esta es la postura del candidato presidencial blanco Luis Lacalle Pou.

El gobierno está en tratativas con el Fondo de Convergencia Estructural del Mercosur (básicamente financiado por Brasil) para que contribuya con algo más de la mitad de los fondos necesarios, aunque en ese país se han levantado voces que objetan esa posibilidad. A la consultora Deloitte se le adjudicó directamente la evaluación de la viabilidad económica y social del proyecto.

El proyecto del puerto supone que ofrezca una profundidad de 22 metros, una longitud del canal de acceso de 10,7 kilómetros y un ancho en esa vía de 200 metros.

Amarilla consideró que "ahora no cabe en la cabeza de nadie que el Ministerio de Vivienda, Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente no vaya a aprobar la construcción del puerto; va a tener que hacerlo, sí o sí, aunque los estudios ambientales no se hayan realizado y se vayan a llevar a cabo después".

"Sin duda, creo que eso es un error" porque se violó la ley que establece que se deben realizar estudios ambientales previos a la decisión sobre una construcción de este tipo, sostuvo el legislador.

"Entonces, podríamos decir que la ley número 16.466 fue violada por la que creó el puerto de aguas profundas; quiere decir que una ley específica violó una ley general ambiental. Por supuesto, puede decirse que eso es constitucional, ya que una ley posterior deroga una anterior, pero, de alguna manera, en este caso, se violó un procedimiento establecido por una ley general", sostuvo.

El ministro Beltrame y el director nacional de Medio Ambiente, Jorge Rucks, no hicieron comentarios sobre este planteo de la oposición.

Como el puerto de "aguas profundas" comenzaría a construirse sobre fines de 2015, la minera Aratirí, que quiere exportar hierro desde la costa de Rocha, tiene la intención de construir una terminal propia que luego podría quedar incluida en la que proyecta el gobierno. Pero los funcionarios dijeron a los legisladores que todavía Aratirí no ha presentado los estudios ambientales necesarios para que se la autorice. Tampoco ha presentado los estudios sobre el mineroducto que llegaría a la costa, confirmaron Rucks y Beltrame.

De todas formas, Rucks aclaró que en la anterior propuesta de mineroducto se le dejó en claro a la empresa que no podía afectar a las áreas protegidas de Rocha, lo que llevó a que se realizaran ajustes en el proyecto original que luego se modificó porque el gobierno cambió de idea respecto a la ubicación del puerto y lo trasladó más al sudoeste del departamento.

Críticas de la Federación Rural

La Federación Rural del Uruguay envió la semana pasada una carta al Congreso de Intendentes en la que plantea que los estudios que realizaron las intendencias de Durazno, Florida y Treinta y Tres sobre el impacto de la minería en la zona de Cerro Chato y su micro región, vinculada al proyecto Aratirí, "no tiene los contenidos necesarios para su puesta de manifiesto" que debía terminar el

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

pasado 6 de junio cuando venció el plazo de 30 días que había comenzado a correr el 7 de mayo. La gremial reclamó que se profundicen esos estudios y se amplíe su alcance geográfico. La federación ha manifestado que apoya la recolección de firmas para que se vote la prohibición de la minería metalífera a cielo abierto. Hasta ahora los impulsores de esa iniciativa han recolectado algo más de 50.000 firmas.

"Nueve enunciados generales denominados `lineamientos estratégicos` en apenas una carilla más un pequeño croquis, no son suficientes para la exigencia legal y no constituyen un avance serio para convocar a la población a evaluarlo. En especial, cabe señalar que se soslaya la problemática minera al ser tratada con total generalidad sabiendo que, un proyecto concreto como Aratirí, de altísimo impacto, está en consideración de la Dinama del Mvotma y en debate en el país todo, condicionando su matriz productiva", dice la carta.

La gremial agrega que tampoco se dio una participación adecuada a los productores rurales en la elaboración de esos análisis. La vaguedad de las definiciones de los estudios "deja abierta `ventanas de oportunidad` para implantar proyectos y generar transformaciones sin las garantías suficientes, sin recorrer los carriles legales de planificación y participación", concluye.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/informacion/rocha-puerto-aprobado-habilitacion-ambiental-2.html>

Brasil

AGÊNCIA BRASIL

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Economia

Anfavea: IPI para automóveis sobe em 1º de janeiro

Daniel Lima - Repórter da Agência Brasil Edição: José Romildo

20/11/2014 15h05Brasília

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis será elevado a partir de 1º de janeiro, segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan. Ele esteve reunido, em Brasília, com o ministro da Fazenda, Guido Mantega. O governo reduziu o IPI em maio de 2012 para ajudar a manter a economia aquecida.

Após o encontro, Moan indicou que o ministro, em nenhum momento, sinalizou prorrogar a permanência do imposto reduzido para carros. Anteriormente, outros integrantes da equipe econômica já tinham antecipado que o IPI voltaria em 2015 com as alíquotas cheias.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Moan disse que a elevação do IPI a partir de 1º de janeiro é uma decisão do governo e não uma suposta manobra das montadoras para melhorar a venda de automóveis no fim do ano. "É uma decisão que está tomada. Vamos continuar trabalhando com um cenário de elevação do IPI na produção, nas promoções e vendas", disse o executivo.

Com a elevação, segundo Moan, o IPI do carro popular irá subir de 3% para 7%; o do carro médio de 9% para 11%, no modelo flex, e para 13% nos movidos apenas a gasolina. A decisão de repassar ou não as alíquotas integralmente para os preços, segundo ele, dependerá de cada empresa. Moan não quis antecipar o impacto do reajuste nos preços.

Moan sugeriu que a elevação do IPI não acarretará demissões no setor. "A indústria automobilística tem seus trabalhadores em um nível muito qualificado, o que significa crescimento e treinamento fortes. Então, a indústria sempre evitou fazer uma redução do pessoal em função justamente desse investimento que foi feito. Vamos lutar para continuar o máximo possível produzindo e vendendo", ponderou.

No último dia 11, Moan anunciou que estava otimista em relação ao segundo semestre do setor em comparação ao primeiro. Ele tem dito que os meses de novembro e dezembro serão melhores do que a média dos meses de junho a outubro.

O executivo da Anfavea tinha demonstrado, até então, certo pessimismo em relação a 2015 devido ao impacto do retorno do IPI a patamares vigentes antes da crise.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-11/anfavea-ipi-para-automoveis-sobe-em-1o-de-janeiro>

Folha de São Paulo

<http://www1.folha.uol.com.br>

Mercado

Brasil substituirá importação de peças de automóvel alemãs por argentinas

O Brasil aumentará suas importações de peças de automóveis da Argentina e as substituirá por parte das que atualmente compra da Alemanha, dentro do acordo bilateral no setor automotivo que mantém com o país vizinho, informaram neste sábado (17) fontes oficiais.

A substituição das importações, que suporá um aumento dos custos de produção de veículos no Brasil, é uma "antiga demanda argentina", segundo afirmou o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, em entrevista ao jornal "O Globo".

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Em contrapartida, o banco central argentino se comprometerá a fornecer divisas, cujo acesso é restringido no país, aos importadores de automóveis para facilitar as compras do Brasil, segundo Borges.

Do mesmo modo, as autoridades argentinas se comprometerão a eliminar os impedimentos administrativos que, nos últimos meses, causaram retenções de automóveis na fronteira, segundo o ministro.

Na semana passada, Argentina e Brasil chegaram a um acordo para prorrogar por um ano seu atual acordo bilateral no setor automotivo, que expira em 30 de junho, embora as partes continuem negociando um convênio definitivo.

Um dos detalhes que ainda está sendo negociado, segundo Borges, é determinar a cota de importação de veículos que cada país fixa em função do que exporta, em uma fórmula conhecida como "flex".

O Brasil quer manter a taxa de exportação média dos últimos três anos, que é propícia, enquanto a Argentina pretende reduzir seu deficit comercial com o país vizinho, segundo Borges. O acordo vigente até agora fixa uma taxa de 1,95, o que representa que por cada milhão de dólares em veículos argentinos que chegam ao Brasil, os fabricantes brasileiros têm direito a exportar automóveis por um valor de US\$ 1,95 milhão.

Segundo Borges, a proposta argentina, que o Brasil não aceita, é conseguir uma taxa de 1,3, o que implicaria em uma redução das exportações brasileiras.

A Argentina tem um especial interesse na renovação do acordo automotivo entre ambos os países, que considera de vital importância para reativar o comércio com o Brasil, que em abril passado caiu 24% frente ao mesmo mês de 2013, segundo dados oficiais.

Os fabricantes e exportadores brasileiros também pressionaram o governo já que, no primeiro trimestre, perderam 32% das exportações previstas à Argentina, segundo dados da patronal Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores).

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/05/1456126-brasil-substituiria-importacao-de-pecas-de-automovel-alemas-por-argentinas.shtml>

Economia

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Brasil vai ampliar compra de autopeças da Argentina

Para renovar acordo automotivo, país está disposto a ceder, afirma ministro do Desenvolvimento

Publicado: 17/05/14 - 6h00 - Atualizado: 17/05/14 - 8h23

BRASÍLIA - O Brasil está disposto a atender a uma antiga demanda da Argentina: a substituição de parte das importações de autopeças de fora do Mercosul por produtos argentinos. O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, afirma que a substituição faz parte da proposta de negociação para o regime automotivo, que será retomada no fim deste mês por representantes dos dois países. Segundo ele, a oferta brasileira prevê a prorrogação do regime por 12 meses, período em que serão mantidos os atuais níveis de participação de carros do Brasil na Argentina (em torno de 50%) e de automóveis argentinos no mercado brasileiro (10%), com base na média dos últimos três anos.

Como estão as negociações com a Argentina sobre o regime automotivo?

Fechamos com os representantes do setor privado a proposta brasileira, que será apresentada a autoridades argentinas no fim deste mês.

Voltará o sistema flex?

Sim, mas não aceitamos a relação de 1,3, como quer a Argentina (para cada um milhão de carros exportados, 1,3 milhão podem ser importados com tarifa zero). Queremos um número que dê conforto ao comércio bilateral, que na prática já está nesse nível. Nossa proposta prevê a manutenção das participações nos mercados domésticos com base na média dos últimos três anos. É uma referência. Também haverá uma meta de substituição de importações de autopeças extrazona por intrazona, que é uma antiga demanda argentina.

Como assim?

Por exemplo: o Brasil exporta em torno de US\$ 20 bilhões de autopeças extrazona, ou seja, de países de fora do Mercosul. Se você deixar de comprar US\$ 100 milhões da Alemanha, para comprar da Argentina, está fazendo a substituição de extra para intrazona.

Qual a vantagem dessa medida para o Brasil?

Isso fortalece a cadeia produtiva, a integração. Quanto mais suprimento doméstico, mais você gera ganho de escala. É um estímulo para o setor de autopeças e cria empregos.

E quanto aos problemas que existem no lado argentino, como dificuldades no pagamento de importações do Brasil e imposição de barreiras?

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A contrapartida é que o banco central argentino está disposto a manter a disponibilidade de divisas para a realização do comércio e, ao mesmo tempo, do lado administrativo, não haverá retenção de mercadorias.

Essa negociação terá reflexo no mercado interno?

Sim. À medida em que você estabelece que as montadoras vão envidar esforços para garantir que em torno de 50% do mercado doméstico argentino seja proveniente de exportações brasileiras, você está estimulando a produção local.

O setor automotivo reclama que está em crise.

O que estamos tentando destravar aqui é o mercado de crédito privado, com garantias sólidas e prazo um pouco mais longo. O problema do Brasil não é falta de demanda. É de acesso ao financiamento.

O governo pretende prorrogar o IPI reduzido para carros para ajudar o setor?

Isso está fora da mesa, não foi colocado em nenhum momento, não veio à tona.

Especialistas dizem que a balança comercial fechará com um déficit em 2014. O que o senhor acha?

Descartamos a possibilidade de déficit. A conta petróleo terá um déficit menor do que os US\$ 20 bilhões do ano passado. A previsão mais atualizada da ANP (Agência Nacional do Petróleo) aponta para algo em torno de US\$ 12 bilhões. Serão US\$ 8 bilhões a menos.

E quanto às exportações?

O desempenho exportador brasileiro, no mínimo, será igual ao do ano passado. Se tirássemos a conta petróleo, o Brasil teria um superávit acima de US\$ 20 bilhões. O desempenho exportador está melhor, com o crescimento de 45% das vendas para os Estados Unidos.

Há interesse em negociar um acordo entre Mercosul e EUA?

Por enquanto isso está descartado pelos dois lados. São muito mais relevantes os acordos ligados à facilitação de comércio.

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/brasil-vai-ampliar-compra-de-autopecas-da-argentina-12517503>

Negociação garante aumento de 40% na venda de veículos para a Argentina

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, acredita que no setor automotivo, a situação de comércio com a Argentina está normalizada

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, espera que haja novos avanços em relação ao acordo automotivo entre Brasil e Argentina, na reunião que os secretários dos ministérios dos dois países terão na próxima semana, em Buenos Aires. Falando nesta sexta-feira (23/5) na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Borges avaliou que o principal avanço até agora foi a suspensão dos controles de comércio do segmento automotivo.

"Como nós tínhamos acordado com o governo argentino, não está tendo retenção de autopeças e de veículos", explicou. Com isso, o comércio de automóveis brasileiros para o mercado argentino cresceu mais de 40% de abril para maio. "Esse é um indicador bastante positivo". Mauro Borges disse que o número foi repassado pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e que o ministério está acompanhando os dados, aguardando o final do mês para confirmar o resultado.

O ministro entende que no setor automotivo, a situação de comércio com a Argentina está normalizada. "Essa é a avaliação não só do governo, mas da Anfavea".

Alguns tópicos do acordo ainda deverão ser fechados na reunião de Buenos Aires. Sobre a questão do prazo, a proposta brasileira é que haja uma prorrogação automática de 12 meses, nas mesmas condições do acordo vigente. Borges informou que o único aspecto que os argentinos pediram para ser modificado em relação ao acordo atualmente em vigor é o chamado sistema flex, relativo ao limite de relação de troca bilateral que se estabelece na cadeia automotiva.

O chamado sistema flex estabelece uma contrapartida em importações da Argentina pelo Brasil para que este possa exportar sem tarifa. No acordo que venceu no final de junho de 2013 e foi prorrogado por mais um ano sem limitação de comércio, o índice era 1,95. Ou seja, para cada US\$ 1 milhão que o Brasil importa em veículos da Argentina, as montadoras brasileiras teriam direito a exportar US\$ 1,95 milhão para aquele mercado, sem imposto de importação.

Os argentinos fizeram uma proposta para que esse índice caia para 1,30. A proposta do Brasil é que haja um flex "suficiente para dar conforto e fluidez para o comércio bilateral", conforme explicou Mauro Borges. "Essa é a condição brasileira", sustentou. Esse índice é o objeto principal da reunião dos secretários dos ministérios na próxima semana. "O [índice] 1,30 hoje reflete, precisamente, o volume atual do comércio. Nós queremos uma folga, 1,60 ou 1,70".

Segundo informou a assessoria de imprensa do ministério, a pretensão é que o novo índice a ser definido valha pelo prazo de, no mínimo, um ano, ao fim do qual voltaria a vigorar o sistema de livre comércio.

Fonte: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,3/2014/05/23/internas_economia,429109/negociacao-garante-aumento-de-40-na-venda-de-veiculos-para-a-argentina.shtml

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

Novo acordo automotivo com Argentina não avança

Por Daniel Rittner e Marli Olmos | De Brasília e Buenos Aires

03/06/2014 às 05h00

Divergências em torno do estabelecimento de metas para a importação de autopeças fabricadas na Argentina por montadoras instaladas no Brasil ainda impediram o fechamento de um novo acordo automotivo entre os dois países. Uma reunião "secreta" entre autoridades brasileiras e argentinas ocorreu ontem à tarde, em Brasília, mas não conseguiu eliminar todas as pendências.

Mesmo sem nenhuma menção em sua agenda, o ministro do Desenvolvimento, Mauro Borges, recebeu em seu gabinete a ministra argentina da Indústria, Débora Giorgi, para mais uma rodada de negociações. A reunião durou mais de três horas e não foi divulgada pela assessoria de Borges.

Nem mesmo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, pôde acompanhar parte da reunião e perambulava nos corredores do ministério à espera de informações sobre o que ocorria dentro do gabinete.

O maior impasse girava em torno das compras de autopeças pelas fábricas brasileiras. Elas importam US\$ 20 bilhões por ano em partes e peças. Uma das reivindicações argentinas era ter metas progressivas para a substituição de fornecedores extra-Mercosul, como europeus e asiáticos, por produtos fabricados no país vizinho. O Brasil - tanto o governo quanto as montadoras - aceita trabalhar em um programa de estímulo à integração das cadeias produtivas, mas rejeita compromissos numéricos.

Os dois países já têm um entendimento garantido em torno do congelamento de suas atuais posições de mercado. Hoje, os carros brasileiros detêm 50% do mercado argentino; os veículos

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

argentinos detêm 10% de fatia das vendas no Brasil. A tendência é que esses percentuais sejam mantidos, como teto, durante até três anos.

O acordo automotivo expira no dia 30. Se não for renovado, mesmo que temporariamente, volta a incidir a cobrança de tarifa de importação de 35% sobre o intercâmbio de veículos dentro do Mercosul. Diante do peso que isso representaria aos dois lados, a aposta é na renovação - pelo menos por um ano - do acordo.

Os fabricantes brasileiros tentam, até o último instante, convencer o governo a não aceitar que o novo acordo inclua a volta do "flex", que limitaria superávits na balança comercial do setor.

Caso isso não seja possível e o governo ceda a essa condição do lado argentino para fechar o entendimento, a indústria ainda tentará que o coeficiente seja igual ao que vigorou até junho de 2013, quando o flex era de 1,95. Isto é: para cada US\$ 1 milhão em embarques de carros argentinos ao mercado brasileiro, o Brasil podia vender US\$ 1,95 milhão em produtos automotivos à Argentina - ou vice-versa - sem a cobrança de tarifas.

Quem olha o resultado da balança do setor automotivo pode concluir que o flex seria uma condição aceitável para o lado brasileiro, já que o superávit brasileiro é pequeno. De janeiro a abril, a vantagem do Brasil é pequena, com US\$ 2,54 bilhões em exportações de veículos e componentes para a Argentina e importações equivalentes a US\$ 2,26 bilhões.

O problema, segundo uma fonte da indústria, é que o governo argentino conseguiu aproximar os valores à custas das chamadas Djais (Declaração Jurada Antecipada de Importação), um sistema de controle por meio do qual a liberação de produtos importados depende de autorização das autoridades argentinas.

O fim das Djais foi, inclusive, colocada pela indústria como sugestão de condição para o governo brasileiro oferecer uma linha de financiamento para os importadores argentinos. Os negociadores do país vizinho, entretanto, não aceitaram essa condição.

A Argentina quer um "flex" de 1,30. O governo brasileiro não vê problemas em definir a volta do sistema, mas quer alguma coisa intermediária, entre esse número defendido pelo país vizinho e o 1,95 que é o ano vigorava até o ano passado. O mais importante, conforme uma autoridade que acompanha o assunto, é ter flexibilidade suficiente para não comprometer os embarques das montadoras à Argentina. Uma nova reunião deve ocorrer, em Buenos Aires, na semana que vem.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3572102/novo-acordo-automotivo-com-argentina-nao-avanca#ixzz33a8jkCpV>

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Empresas

Restrições na Argentina voltam a afetar montadoras

Por Eduardo Laguna | De São Paulo

07/10/2014 às 05h00

Barreiras à entrada de carros brasileiros na Argentina voltaram a derrubar as exportações das montadoras instaladas no Brasil, segundo a Anfavea, entidade que representa a indústria nacional de veículos. No mês passado, os embarques das montadoras brasileiras caíram mais de 41% na comparação com setembro de 2013 e 15,6% em relação a agosto, o que, conforme a associação, reflete novas medidas de restrição a produtos brasileiros no país vizinho, para onde vão quatro de cada cinco veículos exportados no Brasil.

Ao revisar o acordo automotivo com o Brasil em junho, o governo argentino se comprometeu a não colocar mais entraves ao comércio bilateral. Porém, a Anfavea diz que, diante da escassez de dólares para pagar importações, os veículos produzidos no Brasil voltaram a encontrar obstáculos em seu principal mercado no exterior. Em conversa com um pequeno grupo de jornalistas, o presidente da entidade, Luiz Moan, disse que o Banco Central da Argentina liberou em setembro apenas US\$ 100 milhões para pagamento de importações de carros do Brasil, quando a média das exportações brasileiras ao parceiro do Mercosul gira ao redor de US\$ 600 milhões por mês.

Antes, em entrevista coletiva para divulgar os resultados da indústria automobilística no mês passado, Moan já tinha citado, entre as restrições, a linha especial de crédito da Casa Rosada que oferece juros subsidiados apenas a automóveis produzidos na Argentina, o ProCreAuto. Com isso, exportações brasileiras não puderam pegar carona no avanço de 18% das vendas de carros na Argentina na passagem de agosto a setembro.

Na tentativa de reduzir a dependência às frequentemente tensas relações comerciais com a Argentina, dirigentes da Anfavea deram início a uma série de viagens para costurar novos acordos comerciais com países na América Latina e na África. Moan já esteve duas vezes na Colômbia para discutir o assunto com a Andi, associação que representa a iniciativa privada colombiana. A ideia é apresentar uma proposta aos governos até o mês que vem.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O presidente da Anfavea disse que também tem viagens previstas para o Uruguai e o Equador, além de países africanos, para onde a entidade pretende ampliar as vendas de tratores agrícolas. Já no começo do ano que vem, a associação negocia com a Amia, sua correlata mexicana, como vão ficar os novos termos do acordo automotivo entre Brasil e México, no qual o regime de cotas está previsto para terminar em março. "Vou virar um caixeiro-viajante", brincou Moan.

Levantamento da Anfavea mostra que, na comparação com mesmo período de 2013, a produção de veículos no país caiu 6,7% no mês passado, como resultado da queda de 4,4% do consumo interno, além da baixa nas exportações. Os estoques seguem altos, em nível suficiente para 41 dias de venda.

Fonte: <http://www.valor.com.br/empresas/3724694/restricoes-na-argentina-voltam-afetar-montadoras#ixzz3FSIIS300>

Produção de carros na Argentina ficou estagnada no mês passado

Montadoras instaladas no país vizinho sofrem com a retração das exportações de veículos para o Brasil

11 de março de 2014 | 2h 05

Ariel Palacios - Correspondente - O Estado de S.Paulo

BUENOS AIRES - O setor automotivo argentino, que desde 2003 foi a locomotiva da recuperação econômica do país, está em estado de virtual estancamento. Em fevereiro, segundo a Associação de Fabricantes de Automóveis (Adefa), a produção foi de 52.941 veículos, o equivalente a somente 0,1% a mais do que no mesmo mês de 2013. No entanto, a produção do primeiro bimestre foi de 89.097 unidades, com queda de 8,1% na comparação ao mesmo período de 2013.

A Adefa afirma que existe um clima de "incertezas em relação à futura evolução do nível de atividade". Por esse motivo, a entidade considera que é prudente esperar o encerramento do primeiro trimestre para fazer previsões sobre o ano.

A indústria automotiva está cautelosa. Motivos existem de sobra, já que em 2013 o setor havia iniciado o ano com expectativas de produzir 900 mil unidades. No entanto, as montadoras fabricaram 791 mil unidades, alta de apenas 3,5% em relação aos 764 mil veículos de 2012.

A indústria automotiva da Argentina sofre a queda nas vendas para o principal mercado externo, o Brasil. No primeiro bimestre do ano, o setor vendeu ao mercado brasileiro 39.986 unidades, volume inferior em 2.816 veículos em comparação com igual período de 2013.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Segundo a Adefa, "o atual contexto da queda da demanda externa de nossa produção desde o mercado do Brasil reforça a necessidade de trabalhar no fortalecimento do vínculo de longo prazo baseado na especialização e complementação industrial com o país vizinho, principal destino das exportações".

No primeiro bimestre deste ano, as exportações argentinas de veículos ao Brasil representaram metade do total da produção da Argentina nesse período.

Mercado interno. Os problemas do setor automotivo argentino também estão sendo causados por um retrocesso no mercado interno gerado pelo aumento dos impostos que o governo da presidente Cristina Kirchner aplica desde 2013 sobre os veículos mais caros. Além disso, o setor sofre a desvalorização do peso que, com a escalada da inflação, gerou um aumento do custo para a importação de autopeças.

O diretor da consultoria econômica Finsoport, Jorge Todesca, sustenta que as vendas no mercado interno teriam em 2014 queda de 32% em relação a 2013. O governo Kirchner deve receber os fabricantes nesta semana para avaliar a situação do setor e eventualmente aplicar uma redução dos impostos.

O setor automotivo argentino passou por diversos altos e baixos nos últimos 15 anos. Em 1998, a produção atingiu a marca de 455 mil veículos, um recorde na época. Mas, logo em seguida, a recessão provocou uma retração no setor.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,producao-de-carros-na-argentina-ficou-estagnada-no-mes-passado,1139411,0.htm>

Anfavea admite negociar regra para autopeças com Argentina

Por Rafael Bitencourt | De Brasília

20/05/2014 às 05h00

Na fase final do acordo automotivo entre Brasil e Argentina, a indústria nacional apresentou uma proposta, ontem, ao governo brasileiro, sem informar detalhes do seu pleito. Ao deixar reunião com a secretária de Desenvolvimento da Produção, Heloisa Menezes, o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan defendeu as bases do atual regime de mercado que, segundo ele, é capaz de levar à integração produtiva almejada pelos dois países.

"Hoje estamos no livre comércio e gostaríamos que os dois países permanecessem nele", disse Moan quando questionado sobre a demanda argentina para a volta do regime anterior, de comércio monitorado, em lugar do livre comércio de automóveis. Isso representaria o retorno do regime "flex", pelo qual as vendas aos argentinos seriam limitadas a um percentual do total comprado dos vizinhos.

Para a Anfavea, pode-se até discutir a inclusão, no novo acordo automotivo, de metas percentuais para a compra de partes e peças argentinas nos carros fabricados no Brasil. "Depende. Ninguém pode ser contra objetivos e metas sem ler. Que metas são estas? Se for para aumentar a integração produtiva, sou favorável ", disse Moan.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3554244/anfavea-admite-negociar-regra-para-autopecas-com-argentina#ixzz32GM9Q8bl>

BNDES vai desembolsar R\$ 16 bi para a exportação este ano

Por Francisco Góes | Do Rio

20/05/2014 às 05h00

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) deverá desembolsar R\$ 16 bilhões em operações de apoio à exportação este ano, com crescimento de 6% em relação aos R\$ 15,1 bilhões de 2013. Em dólares, porém, o banco trabalha com uma previsão de desembolsos de US\$ 6,6 bilhões para a exportação em 2014, abaixo dos US\$ 7,1 bilhões do ano passado. A diferença se explica pelo fato de o banco trabalhar com uma taxa de câmbio média maior para este ano do que no ano passado, de R\$ 2,40 por dólar, ante R\$ 2,10, em média, em 2013.

A redução em dólares também reflete, além da previsão de uma taxa de câmbio média maior, menor volume de desembolsos na linha de pré-embarque, que financia a produção do bem exportado. O pré-embarque trabalha com taxas de juros maiores tanto na linha convencional quanto no Programa de Sustentação do Investimento (PSI). "Uma vez que as linhas de trade finance dos bancos privados têm volumes e taxas adequadas, o BNDES não precisa ser tão ativo nesse segmento. Podemos atuar no segmento que tem ciclos de produção mais longos e que dependem mais do pré-embarque", disse Luciene Machado, superintendente da área de comércio exterior do BNDES.

Este ano o pré-embarque vai representar 40% dos desembolsos da área de comércio exterior do BNDES, sendo os 60% restantes de operações de pós-embarque, que financiam a comercialização do bem exportado. Os desembolsos do pós-embarque devem somar R\$ 9,6 bilhões (US\$ 4 bilhões). Nesse segmento, o financiamento aos compradores de aeronaves da Embraer, sobretudo

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

nos Estados Unidos, será um dos destaques. Outra área que vai demandar recursos importantes envolve a exportação de bens e serviços para obras de infraestrutura na América Latina e na África, incluindo projetos em Angola, Argentina, Equador e Venezuela, entre outros.

A estimativa é que o financiamento do BNDES aos compradores de aviões da Embraer, em especial do modelo E175, alcance valores de cerca de US\$ 2 bilhões este ano. As aeronaves da Embraer a serem financiadas pelo BNDES se destinam a companhias aéreas americanas como United Airlines, Republic Airways e Skywest. Só para a Skywest, haverá um grande número de entregas este ano: serão 18 aviões Embraer.

Luciene afirmou que este ano o mercado privado, incluindo bancos e o mercado de capitais, voltou a financiar com mais força a compra de aeronaves comerciais. "Estamos vendo o mercado privado voltar a financiar o setor desde 2013, mas agora [em 2014] esse movimento ganhou mais força. Imagino que em dois ou três anos, o mercado privado vai recuperar a participação que tinha antes da crise."

Em nota, a Embraer afirmou que são os seus clientes que vão ao mercado e buscam opções para financiar a compra das aeronaves. Cabe aos clientes encontrar a melhor oferta de financiamento e a solução que atenda às suas necessidades de capital. "O BNDES, por ser uma agência de crédito à exportação, pode ser uma dessas opções." Ainda não há no BNDES pedido de financiamento da American Airlines, o que pode ocorrer até o fim do ano. Em 2013, a Embraer fechou contrato de venda firme de 60 jatos E175 para a American com entrega a partir de 2015.

A Embraer também elogiou o retorno das fontes privadas de crédito ao setor aeronáutico: "É um excelente sinal para a indústria, tanto para fabricantes quanto para as empresas áreas." Para a empresa, as expectativas são de melhora progressiva na economia mundial e de crescimento da participação de bancos comerciais no setor de aviação. Já se observa no setor uma maior diversificação e entrada de novos participantes como os bancos japoneses, chineses e instituições financeiras locais do Oriente Médio e da Austrália, de acordo com a Embraer. "A participação das estruturas de leasing [aluguel] deve continuar crescendo, devendo representar 50% da frota mundial de jatos comerciais até o final da década. Já o financiamento por meio do mercado de capitais mantém-se firme, tanto para equity quanto para dívida."

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3554260/bndes-vai-desembolsar-r-16-bi-para-exportacao-este-ano#ixzz32GLrT8KD>

<http://www.estadao.com.br/>

Economia

Volks argentina tem estoque de 15 mil veículos

29 de abril de 2014 | 2h 05

Ariel Palácios, correspondente - O Estado de S.Paulo

BUENOS AIRES - A Volkswagen Argentina tem 15 mil veículos em estoque na sua fábrica da cidade de Pacheco, na Grande Buenos Aires, além dos existentes nas concessionárias em todo o país. O anúncio foi realizado pela empresa em uma reunião com a ministra da Indústria, Débora Giorgi, e representantes do Sindicato de Mecânicos Automotivos (Smata).

No encontro, a Volkswagen concordou em não demitir funcionários antes do dia 31 de maio, mas negocia com os sindicatos uma redução. A empresa já implementou a aposentadoria antecipada de 320 trabalhadores e avalia a remoção de outros 400 operários, volume que equivale a 10% do total dos funcionários na Argentina.

Ao longo das últimas duas semanas as empresas Iveco e Renault paralisaram as atividades de suas fábricas na província de Córdoba, suspendendo 1.100 trabalhadores.

O automotivo é um dos vários setores da indústria que está sentindo os efeitos da crise argentina. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (Indec), a atividade industrial caiu 5,9% em março em relação ao mesmo mês do ano passado. Esse foi o sexto mês consecutivo de queda na produção. No primeiro trimestre, por sua vez, todo o setor industrial teve queda de 3,1%.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,yolks-argentina-tem-estoque-de-15-mil-veiculos,1159912,0.htm>

AGÊNCIA BRASIL

Economia

Acordo automotivo entre Brasil e Argentina entra em vigor

Mariana Branco - Repórter da Agência Brasil* Edição: Graça Adjuto

Entra em vigor hoje (1º) o acordo automotivo firmado no início de junho pelo Brasil e a Argentina. O entendimento vale até 30 de junho de 2015. A previsão é que, no período, os dois países continuem em negociação, e, a partir do meio do ano que vem, implementem novo regime

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

bilateral, com ampliação do comércio e da política industrial comum no setor de autopeças e a garantia da segurança dos veículos. O acordo reativa o sistema flex, que prevê que o Brasil poderá vender com isenção de impostos, no máximo US\$ 1,5, para cada US\$ 1 importado do país vizinho. O protocolo assinado com os argentinos prevê ainda que os setores produtivos dos dois países mantenham uma participação mínima nos respectivos mercados de veículos, de 11% de automóveis argentinos no Brasil e 44,3% de brasileiros na Argentina. Os compromissos foram assumidos pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores e o Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores, do lado do Brasil, e pela Associação de Fábricas de Automotores, Associação de Fábricas Argentinas de Componentes e Associação de Industriais Metalúrgicos da República Argentina, do lado do país vizinho.

O secretário de Indústria argentino, Javier Lando, disse nessa segunda-feira (30) que o acordo possibilitará que um maior número de veículos argentinos seja comercializado no Brasil. O país adquire 90% do total de carros exportado pela Argentina. "Ter o acordo para que haja maior participação dos veículos no Brasil vai garantir uma reativação dos terminais para o mercado externo", declarou. Segundo ele, o protocolo com o Brasil e o Procreauto, programa de empréstimos argentino, ajudarão a aumentar a produção nacional em 120 mil unidades.

O acordo começa a vigorar em um momento de vulnerabilidade econômica para a Argentina. Depois da crise financeira de 2001, Buenos Aires conseguiu chegar a acordo com 93% dos credores para reestruturar a sua dívida e está pagando regularmente o que foi acertado. Os restantes 7%, no entanto, recusaram o acordo e um juiz norte-americano, Thomas Griesa, decidiu que a Argentina tem de pagar a fundos especulativos detentores de dívida não reestruturada, conhecidos como fundos abutres. Eles reclamam 100% do valor nominal dos títulos que têm.

Apesar de na última quinta-feira (26) a Argentina ter depositado US\$ 1 bilhão destinado a pagar os credores que aceitaram negociar, Griesa ordenou a restituição da verba às autoridades do país enquanto ocorrem negociações sobre as modalidades de pagamentos. Como os contratos de reestruturação de dívida dão um prazo de carência de 30 dias para pagamento da parcela vencida nesta segunda-feira, a Argentina tem um mês para evitar que seja declarado o calote.

*Com informações da Telam e Agência Lusa

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-06/para-abrir-acordo-automotivo-entre-brasil-e-argentina-entra-em-vigor>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Industria

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Brasil e Argentina terão pacto renovado

Possível acordo de Brasil, Uruguai e Paraguai com a Europa, no entanto, angustia o governo argentino

05.06.2014 - 12:15

O pacto comercial do setor automobilístico entre Brasil e Argentina, que termina no próximo dia 30, deve ser prorrogado por mais um ano. As negociações já estão avançadas para restabelecer o limite de importações sem o pagamento de imposto de importação, um instrumento denominado flex, que até metade do ano passado era equivalente a US\$ 1,95.

Segundo a proposta inicial, para cada dólar exportado no setor automotivo para o Brasil, a Argentina poderia importar US\$ 1,3. No novo acordo, o flex - que é rejeitado pela Anfavea - ficaria entre US\$ 1,6 e US\$ 1,7, números que o governo brasileiro estaria disposto a aceitar.

A maior resistência dos argentinos sobre o livre comércio é que investidores no setor de autopeças dêem preferência ao Brasil, já que ambos os países registram déficit nessa área e querem atrair investimentos para seus respectivos mercados. Os dois governos se comprometeram a trabalhar para compor uma lista de autopeças que podem ser fabricadas e homologas no bloco regional para reduzir a importação de países de fora do Mercosul.

Outra negociação que vem sendo dificultada pelos hermanos é um acordo de livre comércio de Brasil, Uruguai e Paraguai com a União Europeia, que objetiva a importação e exportação de veículos. O receio da Argentina é que sua produção, que é basicamente voltada para o mercado brasileiro, seja substituída por modelos europeus.

A ideia de que cada país negociasse de forma individual também é barrada pelos argentinos, que alegam que essa medida contraria os alicerces que sustentam o bloco econômico.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/jornal-do-carro/noticias/mercado,brasil-e-argentina-terao-pacto-renovado,19355,0.htm>

Internacionales

06 DE JUNIO DE 2014

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

La producción brasileña de automóviles cayó un 18%

RÍO DE JANEIRO (EFE). La producción de automóviles, camiones y autobuses en Brasil disminuyó un 18% en mayo en comparación al mismo periodo del año pasado, según los datos divulgados ayer por la Asociación Nacional de Fabricantes de Vehículos Automotores (Anfavea).

No obstante, el número de unidades manufacturadas creció un 1,9% frente a abril de este año, y alcanzó los 282.500 vehículos.

En lo que va de año, el sector registró un descenso en el número de unidades manufacturadas del 13,3% en comparación al mismo periodo de 2013 debido principalmente a la caída de las exportaciones y a una menor demanda interna, según la asociación de fabricantes brasileños.

El segmento de los camiones registró la mayor caída, con una producción total de 12.695 unidades en mayo, un 22,4% menos que en el mismo mes de 2013.

A pesar de que el mercado automovilístico brasileño se mostró estable en mayo, con ventas similares a las de abril por un total de 316.233 unidades, el sector acumula un retroceso anual del 5,5% en el número de nuevas licencias en comparación a 2013. La Anfavea explicó que la caída en la producción de automóviles responde a las medidas de ajuste adoptadas en febrero por los principales fabricantes y que incluyen la suspensión de contratos laborales y el cierre de turnos de trabajo.

El empleo también se vio reducido

El empleo en el sector se ha reducido un 2,8% en 2014 en comparación con los cinco primeros meses del año pasado.

La patronal de la industria brasileña ya había informado el martes que el sector de automotores experimentó la mayor caída de horas trabajadas en mayo (-19,4 %).

Brasil ocupa la cuarta posición en el ranking mundial de fabricantes de vehículos y posee el mayor polo de industria automotriz de América Latina.

Caídas de ventas en el exterior

El sector atraviesa momentos difíciles, presionado por la caída de las ventas al exterior, principalmente a Argentina, así como por el difícil acceso al crédito de los brasileños y el aumento de las tarifas de energía eléctrica.

A cuatro meses de las elecciones presidenciales, los fabricantes confían en que el Ejecutivo de la presidenta Dilma Rousseff consiga un acuerdo con Argentina para relajar las medidas proteccionistas adoptadas recientemente por este país y en que prolongue los incentivos fiscales que el Gobierno brasileño ofrece por la compra de automóviles, cuya retirada escalonada finaliza en el mes de julio próximo.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/internacionales/la-produccion-brasilena-de-automoviles-cayo-un-18-1252539.html>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Brasil

Montadoras podem obter ajuda para exportar à Argentina

Por Marli Olmos | De Buenos Aires

A indústria automobilística pode ser o primeiro setor a se beneficiar da ideia do governo brasileiro de criar uma linha de financiamento para exportar bens para a Argentina. O objetivo é evitar que a crescente onda de restrições à entrada de produtos importados no país vizinho provoque um colapso na atividade das montadoras, que destinam ao mercado argentino 80% das vendas externas.

Em princípio, a operação de crédito, que visa ajudar o parceiro a poupar divisas, envolveria os bancos privados, embora nem todos da equipe econômica aprovem essa ideia.

Fontes envolvidas na negociação dizem que a proposta passa, agora, pela análise dos Ministérios da Fazenda e do Desenvolvimento. A ideia agrada ao setor automotivo. Mas a inclusão dos bancos privados preocupa. A participação do BNDES ou outra instituição pública já foi descartada pelo governo. Por esse motivo, alguns dirigentes da indústria já se conformam com eventual custo financeiro extra e já chamam a provável operação de "custo Argentina".

Segundo as fontes, o financiamento valeria apenas para as montadoras com fábricas nos dois países. Ou seja, para ter direito à linha, o importador, na Argentina, teria de pertencer ao mesmo grupo que exporta a partir do Brasil. Isso engloba todos os grandes fabricantes de automóveis instalados no Brasil. Volkswagen, General Motors, Ford, Fiat, Toyota, Honda, PSA Peugeot Citroën e Renault têm fábricas nos dois lados da fronteira.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Com a crescente perda de competitividade em outros países, a indústria automobilística ficou refém do país vizinho. Nos últimos oito anos, a participação da Argentina nas exportações de veículos fabricados no Brasil saltou de 30% para 80%. Dos 596,9 mil veículos embarcados no ano passado, 475,2 mil seguiram para o mercado vizinho.

Somados a altos volumes de componentes, que abastecem as linhas de montagem na Argentina, as vendas do setor ao país vizinho alcançaram o valor de US\$ 11,19 bilhões, o que equivale a 47,8% do total de divisas que o Brasil obteve com vendas do setor automotivo ao exterior em 2013.

Do ponto de vista de intercâmbio comercial, a situação não é tão desfavorável para os argentinos. O país dificilmente conseguiria manter um parque automotivo forte como o atual não fosse a demanda brasileira. No ano passado, a exportação absorveu 54,78% da produção de veículos na Argentina, com 433,2 mil unidades. Só para o Brasil seguiram 380,1 mil (ou 87,7%) desse total.

Embora tenham amargado déficit de US\$ 2,3 bilhões quando se somam exportações e importações de todos os produtos do setor automotivo nos dois países, no ano passado, no segmento de veículos, isolado, os argentinos fecharam com superávit de US\$ 3,8 bilhões.

O problema, no entanto, não se refere ao comércio bilateral em si, que funciona, livre de impostos de importação, desde o início da década de 90, época da criação do acordo automotivo Mercosul. A dificuldade, agora, de mantê-lo sem traumas surge do desespero do governo argentino de frear todo o tipo de importação, o mesmo motivo que levou o Banco Central a permitir a súbita desvalorização do peso em janeiro.

A criação de uma linha de financiamento para pagar os carros comprados do Brasil jogaria o custo dessas importações para o futuro. Seria uma espécie de fôlego ao país que não consegue evitar a consistente queda no nível de reservas, hoje em US\$ 27,6 bilhões.

Os dirigentes do setor automobilístico veem, ainda, nesse financiamento uma esperança de não serem mais pressionados pelo governo argentino para reduzir o déficit na balança comercial do setor.

Já se tornaram corriqueiros os pedidos da equipe econômica argentina para que as montadoras reduzam as exportações do Brasil e, ao mesmo tempo, elevem os volumes no sentido contrário.

O setor também começou a ser alvo dos frequentes discursos da presidente Cristina Kirchner contra empresários. Durante a sessão de abertura do Congresso, no sábado, Cristina criticou as

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

montadoras pela elevação dos preços no mercado interno depois da desvalorização do peso, em janeiro. E apontou, ainda, a queda de demanda no mercado brasileiro como motivo da redução no ritmo de produção de veículos em seu país.

O setor automotivo está no foco da campanha do governo argentino contra importações desde o fim do ano passado. Em dezembro, a equipe de Cristina anunciou que, ao longo do primeiro trimestre de 2014, cada montadora teria que reduzir as importações de carros do Brasil em 20% em média, com casos de até 27,5%.

No início do ano, veio mais uma medida, envolvendo, desta vez toda a indústria. As empresas perderam acesso às reservas do Banco Central para pagar fornecedores do exterior. Para isso, deveriam buscar seu próprio financiamento.

Essas medidas parecem ter sido insuficientes. Nas últimas semanas, integrantes do governo começaram a pedir para que montadoras com balança negativa no lado argentino reduzam o déficit à metade. Isso vale para intercâmbio comercial com qualquer parte do mundo, mas o Brasil tem peso maior. Mesmo as que chegam a exportar mais do que importar, devem estar atentas para não reduzir o superávit. Não se trata de uma medida oficial. São orientações. Nos bastidores, o setor teme que essa pressão resulte em dificuldades para obtenção de futuras autorizações para importar.

Eventual conflito também traria consequências negativas para o acordo automotivo do Mercosul, que prevê o intercâmbio livre de impostos e expira em 30 de junho. Esperava-se que os governos do Brasil e Argentina já tivessem iniciado entendimentos para renegociá-lo. Mas, como diz uma fonte do setor, "não há clima".

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3453308/montadoras-podem-obter-ajuda-para-exportar-argentina>

Borges: Argentina aceita pagar à vista vendas do Brasil

08 de maio de 2014 | 14h 21

RENATA VERÍSSIMO - Agencia Estado

BRASÍLIA - O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, informou nesta quinta-feira, 8, em audiência pública na Comissão de Relações Exteriores do Senado, que o Banco Central argentino aceitou o pagamento à vista de todas as exportações que foram feitas pelo Brasil ao país vizinho. Como a Argentina estava com problemas de divisas, o governo estava

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

limitando a saída de moeda do País. Por conta disso, as empresas brasileiras, principalmente as montadoras, estavam preocupadas que o pagamento de suas exportações fosse represado.

"O BC argentino concordou que todos os depósitos das importações fossem feitos à vista no BC para posterior transformação em dólar. Uma vez que aceitaram que esse mecanismo fosse feito, não tem problema do ponto de vista da preocupação anterior do setor privado", disse o ministro.

Para destravar o comércio bilateral, o Brasil propôs usar o Fundo de Garantia à Exportação (FGE) para viabilizar as linhas de crédito privadas para financiar o comércio entre os dois países. Para colocar em prática as operações, as instituições financeiras exigiram garantias de recebimento do crédito. A ideia do governo brasileiro é fazer as operações dentro do Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos (CCR), um sistema de compensação de pagamentos operacionalizado pelos bancos centrais. Em caso de inadimplência do país vizinho, o FGE será o garantidor final.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,borges-argentina-aceita-pagar-a-vista-vendas-do-brasil,184211,0.htm>

Borges: acordo automotivo com Argentina será prorrogado

08 de maio de 2014 | 14h05

RENATA VERÍSSIMO - Agencia Estado

BRASÍLIA - O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Mauro Borges, informou nesta quinta-feira, 8, que o acordo automotivo Brasil e Argentina será prorrogado provisoriamente por um ano. O acordo atual expira em 30 de junho. Para os 12 meses seguintes, haverá um cronograma de trabalho para o fechamento de um acordo definitivo que leve o setor automotivo para o livre comércio.

Segundo Borges, o acordo provisório terá a volta do sistema "flex", mas ainda não foi definida a sua proporção. Até o meio do ano passado, o índice era de 1,95. Ou seja, para cada US\$ 1 milhão em veículos argentinos exportados para o Brasil, as montadoras brasileiras teriam direito a exportar US\$ 1,95 milhão à Argentina sem incidência de imposto de importação. O acordo venceu no final de junho de 2013 e foi prorrogado por mais um ano sem limitação de comércio.

A Argentina quer voltar com o sistema de "flex", mas com um índice menor, de 1,30. "A proposta brasileira é de prorrogação do acordo por um ano. Não temos objeção à volta do flex desde que esse flex dê conforto para a manutenção e o aumento da corrente de comércio Brasil-Argentina", disse Borges. Segundo ele, o Brasil não concorda com a proposta argentina por considerar 1,30

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

muito baixo. "Tem que ser 1,95 ou algo próximo que dê conforto ao fluxo de comércio", argumentou. "Mas temos condições de chegar a um acordo sobre isso", afirmou.

Segundo ele, com a prorrogação por um ano os dois países terão tempo para trabalhar um acordo de longo prazo. "O objetivo é trazer a cadeia automotiva para o livre comércio que está previsto há muito tempo nas negociações com o Mercosul, como já ocorre com todos os outros setores", disse.

Metas

Borges informou que na próxima terça-feira o setor automotivo irá apresentar as metas para a integração do comércio bilateral entre Brasil e Argentina. "Do ponto de vista do governo temos metas fixadas e o setor privado tem até terça-feira para convergir nos números que vão definir os indicadores das metas", afirmou.

O ministro informou que o Banco Central argentino também se comprometeu "a cursar todas as divisas necessárias para que o comércio bilateral se mantenha". "Isso tem que ser comemorado", disse. A Argentina estava limitando as importações do País porque estava enfrentando problemas de divisas.

Fonte: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,borgesacordo-automotivo-com-argentina-sera-prorrogado,184204,0.htm>

Argentina

LA NACIÓN (ARGENTINA)

<http://www.lanacion.com.ar/>

Economía

Crisis

General Motors de Brasil suspende sus envíos al país

No quiere que aumente la deuda en dólares de su filial local; la medida se aplicaría a otras terminales

Por José Hidalgo Pallares | LA NACION

Viernes 12 de septiembre de 2014 | Publicado en edición impresa

El sector automotor atraviesa definitivamente su annus horribilis. Al [desplome en las exportaciones y en las ventas internas](#), que provocó un fuerte ajuste en los niveles de producción y suspensiones de miles de trabajadores, se suma ahora un nuevo motivo de desvelo: como consecuencia de la millonaria deuda en dólares que las terminales acumulan con sus proveedores externos, éstos

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

están empezando a [cerrar sus exportaciones de autos hacia la Argentina](#), lo que, en un mercado donde más de la mitad de los patentamientos corresponde a modelos importados, podría provocar problemas de oferta.

La primera en adoptar esa decisión fue la filial brasileña de General Motors (GM), que suspendió las exportaciones de autos terminados hacia su par local hasta que la Argentina solucione el problema de escasez de divisas por el cual el Banco Central dejó de vender dólares a las terminales locales. En el sector temen que otros proveedores tomen medidas similares.

La decisión de la filial brasileña de GM de suspender sus exportaciones de autos a la Argentina fue dada a conocer por Jaime Ardila, presidente para América del Sur de la automotriz norteamericana que produce vehículos bajo la marca Chevrolet. De acuerdo con una nota publicada ayer en el diario brasileño Valor Econômico, Ardila vinculó la decisión con las restricciones para acceder a dólares que enfrentan las terminales argentinas. En ese contexto, GM dará prioridad al envío de autopartes para no afectar la producción local de vehículos.

"Las cosas se deben normalizar cuando el problema [de la Argentina] con los holdouts se vaya solucionando", dijo Ardila. Hasta entonces, todos los modelos que la filial local de GM importa desde Brasil se verán alcanzados por la medida. Entre esos modelos hay algunos con un peso importante en las ventas totales de la empresa en el mercado local, como el Onix, el Prisma, el Celta y la pick up S-10. Según cálculos de la consultora abeceb.com, sobre la base de información de la Asociación de Concesionarios (Acara), de los 63.000 vehículos Chevrolet que se patentaron en el país entre enero y agosto, casi 27.000 provinieron de Brasil. El Classic y el Agile se fabrican en la planta de GM en Rosario.

Para el presidente de Acara, Abel Bomrad, la decisión de GM Brasil "va a afectar mucho la red de concesionarios en la Argentina, porque no van a poder reemplazar los modelos que vienen del país vecino con vehículos fabricados localmente". Para Bomrad, eso es especialmente notorio con la pick-up S-10 (cuyas ventas en los primeros ocho meses del año rozan las 4000 unidades).

"EFECTO DOMINÓ"

En el sector advierten que otras empresas podrían adoptar la misma decisión de GM y suspender sus exportaciones a la Argentina. "Todos enfrentamos ese riesgo -dijeron en una terminal-. Los pagos de las empresas al exterior acumulan entre 160 y 190 días de retraso. Después de lo de GM se puede producir un efecto dominó."

La nota de Valor también cita al presidente de Fiat

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Chrysler para América latina, Cledorvino Belini, según quien la tendencia de la industria es disminuir los volúmenes de exportación de Brasil y continuar con la importación de autos fabricados en la Argentina.

Como consecuencia de la escasez de divisas que sufre la Argentina, el Banco Central dejó de vender divisas a las terminales para que paguen sus importaciones. En la actualidad, según estimaciones del sector, la deuda acumula alrededor de US\$ 2500 millones.

La mayor parte de esa deuda, advirtió el director de abeceb.com, Dante Sica, es con proveedores de Brasil, de donde provienen no sólo la mayoría de los autos importados, sino también un porcentaje alto de las autopartes para la producción local. "Existe un hartazgo en Brasil por el no pago de las importaciones", dijo Sica, en cuya opinión la escasez de divisas "no se solucionará mientras no se llegue a un acuerdo con los holdouts".

En este contexto, Sica cree que "las terminales seguramente van a priorizar la importación de autopartes sobre la de autos terminados para no afectar más los niveles de producción". Una reducción forzada en las importaciones de autos (es decir, no provocada por la caída de la demanda) afectará la oferta local, ya que la mayor parte de los autos que se venden en el país son importados. Según datos de Acara, el 57% de los vehículos patentados en los primeros ocho meses del año provienen del exterior. Algunos modelos muy populares, como el Volkswagen Gol, la Ford EcoSport o la Duster de Renault son fabricados en el exterior, particularmente en Brasil.

La deuda de las terminales también afecta a proveedores externos de autopartes. En ese contexto, algunas terminales esperan que con la prórroga del Pro.Cre.Auto -cuyas condiciones empiezan a discutirse hoy entre el Gobierno y las distintas empresas (ver aparte)-, las autoridades no sólo autoricen una actualización en los precios de los modelos incluidos, sino que también ofrezcan alguna solución para cancelar la deuda en dólares.

EMPIEZAN LAS AUDIENCIAS POR PRO.CRE.AUTO

Las automotrices francesas Peugeot-Citröen y Renault y la japonesa Honda concurrirán hoy al Ministerio de Industria, donde se reunirán en forma individual con técnicos de esa cartera, para evaluar las dificultades sobre una eventual continuidad voluntaria en la segunda fase del plan Pro.Cre.Auto.

Tras la ofensiva del Gobierno, y en especial de la presidenta Cristina Kirchner, quien criticó duramente a las automotrices en la celebración del Día de la Industria, las empresas analizarán con los ministros Axel Kicillof y Débora Giorgi si siguen en el plan hasta fin de año. Durante las reuniones individuales se analizarán los problemas particulares de cada terminal.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Algunas versiones señalan que el Gobierno accedería a cambiar los modelos incluidos en el programa o a permitir un aumento en los precios de aquellos que ya forman parte. No hay consenso, sin embargo, sobre si se autorizará a las terminales a girar divisas al exterior, para al menos reducir la deuda en dólares que mantienen con sus casas matrices.

2500

Millones de dólares

Es la deuda que las terminales locales acumulan con sus proveedores externos

57%

Participación de mercado

De cada 10 autos que se patentan, casi 6 son importados.

Fuente: <http://www.lanacion.com.ar/1726628-general-motors-de-brasil-suspende-sus-envios-al-pais>

Página 12

<http://www.pagina12.com.ar>

Economía

LA MINISTRA DE INDUSTRIA DESTACO EL IMPACTO DEL ACUERDO AUTOMOTOR CON BRASIL

"Vamos a exportar 130 mil autos más"

Débora Giorgi le puso números al convenio con el país vecino: sostuvo que en los próximos doce meses se despacharán 130 mil vehículos adicionales. El mercado local también mejoraría a partir de una baja en los precios de autos nacionales próxima a anunciarse.

El acuerdo automotor con Brasil permitirá exportar 130 mil vehículos más durante el próximo año, adelantó la ministra de Industria, Débora Giorgi. Ese impulso, junto al impacto positivo sobre el consumo de las paritarias y de los programas de transferencia de ingreso como la Asignación Universal por Hijo, la nueva moratoria previsional, el plan Pro.Cre.Ar y el acuerdo con el Club de París "permitirá una recuperación económica en el segundo semestre", sostuvo la funcionaria. Se manifestaron a favor del acuerdo representantes de las terminales, autopartistas y de Smata. Por el lado brasileño también se mostraron optimistas sobre los efectos de la medida, que además consolida el diálogo entre los dos países. La semana que viene habría anuncios del Gobierno en

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

torno de la baja de precios de hasta el 10 por ciento en los autos nacionales y también podría haber mejoras en el esquema de financiamiento para la compra de vehículos.

Los gobiernos de Argentina y Brasil firmaron el acuerdo con la idea de dar previsibilidad y reactivar ambas industrias. Va a regir por un año, hasta que se negocie en 2015 toda la política automotriz común, que incluye cuestiones de fondo en la definición de la estrategia sectorial regional. El convenio bilateral permitirá que la industria argentina incremente su participación en el mercado vecino. También restablece el coeficiente flex, que limita el nivel de desequilibrio comercial.

Ayer Giorgi explicitó en una entrevista con Radio Del Plata que el piso de participación de autos argentinos en Brasil del 11 por ciento acordado días atrás implica la exportación de 130 mil vehículos adicionales en el próximo año, teniendo en cuenta que el peso en lo que va de 2014 de los vehículos en el país vecino es inferior al 8 por ciento. La funcionaria remarcó que el acuerdo también “debilita fantasmas agoreros respecto del rol del Mercosur y su eje de crecimiento como plataforma en la región, y de ahí, hacia el mundo”. Puso como objetivo que ambos países, que conforman el cuarto mercado en el mundo, avancen en sustituir 34 mil millones de dólares que en la actualidad se importan de extrazona en autopartes por producción regional.

Desde el sector privado elogiaron el acuerdo. “La industria automotriz en el Mercosur alcanzó un alto grado de integración y complementación productiva a lo largo de los años. El sector destina alrededor del 50 por ciento de su producción para abastecer el mercado de Brasil y, por ese motivo, es importante haber alcanzado este acuerdo transitorio por 12 meses que asegura la continuidad del flujo de comercio”, señaló Enrique Alemañy, titular de Adefa y presidente de Ford Argentina. En tanto, Fabio Rozenblum, de AFAC, que nuclea a los autopartistas, consideró que el convenio “nos da un marco de certeza que nos permite pensar en inversiones de largo plazo. El desafío a futuro pasa no sólo por resguardar el mercado, sino también por aumentar la participación nacional en la fabricación de autopartes, y en esta materia el acuerdo ha sido muy auspicioso”. El presidente de Adimra, Gerardo Venutolo, resaltó que la medida “asegura la participación del sector en la mesa de trabajo que va a elaborar las condiciones del nuevo acuerdo que se firmará el año próximo”.

En diálogo con este diario, Antonio Carlos Meduna, de Abipeças (entidad que agrupa a autopartistas de Brasil), indicó que “en el último período, los gobiernos conversaron muy poco. Ahora, según las últimas reuniones, queda clara la voluntad política para definir un nuevo acuerdo automotor. Vamos a trabajar en conjunto para que no haya inversiones fuera del Mercosur que se destinen a abastecer la demanda del bloque regional”.

Por el lado sindical, el titular de Smata, Ricardo Pignanelli, dijo que “el acuerdo con Brasil permitirá la venta de 40 mil unidades más que el año pasado”. Adelantó también que las terminales automotrices podrían aplicar una baja de precios del orden de hasta el 10 por ciento.

En efecto, la semana pasada el equipo económico mantuvo reuniones con las automotrices para pedirles que apliquen descuentos del 10 por ciento en los modelos nacionales. Las empresas presentaron su oferta y durante esta semana varias fueron consultadas para que mejoren su

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

propuesta. "Se está trabajando con la industria porque estimamos que hubo incrementos internos que fueron excesivos. Creemos que si los autos estuvieran más baratos, hoy se venderían más, no hay que ser mago para hacer esa cuenta", dijo el ministro de Economía, Axel Kicillof. Se espera que la semana que viene haya anuncios.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-248472-2014-06-13.html>

Economía

GOBIERNOS Y EMPRESAS AUTOMOTRICES ACORDARON MAYORES EXPORTACIONES DESDE ARGENTINA

Arreglo con Brasil para equilibrar la cancha

El convenio establece que habrá una suba de las ventas de las terminales locales hacia el socio del Mercosur. Eso debería reactivar la industria nacional. A la vez, se fijaron las bases para la futura negociación de un acuerdo a largo plazo.

Los gobiernos de Argentina y Brasil alcanzaron un acuerdo para el sector automotor a través del cual pretenden dar previsibilidad y reactivar ambas industrias. Regirá por un año, hasta que se negocie en 2015 toda la política automotriz común, que incluye cuestiones de fondo en la definición de la estrategia sectorial regional. La medida anunciada ayer incluye un convenio entre privados para asegurar cuotas de mercado, que en el caso de los autos argentinos subirían un peldaño en el país vecino. También restablece el coeficiente flex, que limita el nivel de desequilibrio comercial. Más allá del grado de impacto concreto sobre el sector, que puede o no ser contundente, el acuerdo supone un gesto político muy relevante, dado que ambos gobiernos vienen de un período en el cual el diálogo en este tema se encontraba completamente trabado.

Reflejo de la importancia simbólica del acuerdo es que el grupo de funcionarios que encabezaron el anuncio en el Ministerio de Economía fue inusualmente abultado. "Parece la última cena", fue el chiste que se escuchó antes de que comenzaran a explicar la medida. Se sentaron, uno al lado del otro, el ministro de Economía, Axel Kicillof; su par de Industria, Débora Giorgi, y el canciller Héctor Timerman, junto a Enrique Alemañy, titular de Adefa (automotrices); Fabio Rozenblum, presidente de AFAC (autopartistas) y Gerardo Venutolo, de Adimra (metalúrgicos). Por el lado de Brasil, Mauro Borges, ministro de Industria; Antonio Carlos Meduna, de Abipeças (autopartes) y Antonio Carlos Bothelo Magale, de Anfavea (terminales). También estaban los dos embajadores, Luis María Kreckler, argentino en Brasilia, y Everton Vieira Vargas, brasileño en Buenos Aires.

Se firmó la prórroga del acuerdo sobre la Política Automotriz Común (PAC), desde el 1º de julio de este año hasta el 30 de junio de 2015. Reaparece el coeficiente flex en un valor de 1,5, es decir que por cada 1000 dólares importados, la exportación no puede superar los 1500 dólares. La

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

intención de Brasil era definir un flex más alto, es decir, imponer menos restricciones potenciales, aunque Kicillof y Giorgi se opusieron. Por fuera del flex, rigen los aranceles, que hacen casi inviable el comercio bilateral. En la práctica, no supone un cambio rotundo, porque el flex "real" desde hace varios años está en el orden de 1,2. Pero representa una señal para el sector privado de que debe haber complementariedad en la producción a ambos lados de la frontera. El flex se había caído el año pasado porque los gobiernos no se habían puesto de acuerdo. Antes era de 1,95 para Brasil y de 2,5 para Argentina, es decir que permitía un desequilibrio mayor si es que Argentina mantenía superávit bilateral.

Otro punto del acuerdo es el establecimiento de cuotas de mercado por parte de los representantes del sector privado de ambos países. Los autos argentinos tendrán una participación mínima del 11 por ciento en el país vecino. Eso debería tener impacto rápido sobre la producción local, aseguró Kicillof, puesto que en lo que va del año ese porcentaje está por debajo del 8 por ciento. En tanto, el mínimo para los autos brasileños quedó en 44,3 por ciento, en línea con la participación actual. A Brasil se le garantiza detener la caída que experimente desde niveles del 47 por ciento.

Además, los gobiernos fijaron una "hoja de ruta" de cara a la negociación del año que viene, cuando deba definirse el amplio conjunto de normas que regulan el comercio regional de autos. Se trata, por ejemplo, de las reglas de origen, que establece el mínimo de partes regionales o nacionales para que un auto sea Mercosur y acceda a los beneficios arancelarios del bloque. Ese punto tiene mucho impacto sobre la política de integración de piezas nacionales por parte de las terminales.

Durante los discursos de los funcionarios, ayer mismo, se visibilizó por qué canal pasan las discusiones y cuál es el escenario de cara al año que viene. Kicillof y Giorgi plantearon varias veces la necesidad de tener un comercio equilibrado e impulsar la integración de partes regionales. La ministra detalló que ambos países importan desde extrazona autopartes por un total de 33 mil millones de dólares al año, dando a entender el horizonte de crecimiento de la industria sustitutiva local. Al gobierno argentino le preocupa el enorme agujero de divisas que genera el sector. Borges, por su parte, se ilusionó con llegar en algún momento a la liberalización total del comercio, que favorece a la industria de ese país, que cuenta con mayor grado de eficiencia y densidad.

Fuente: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-248412-2014-06-12.html>

Uruguai

LARED 21

<http://www.lr21.com.uy>

Economia

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Argentina y Brasil renuevan acuerdo comercial para enfrentar caída de ventas de autos en ambos países

Los gobiernos de Argentina y Brasil prorrogaron el miércoles en Buenos Aires hasta finales de junio de 2015 el acuerdo comercial en automotores.

Las industrias automotrices están sufriendo caídas en sus ventas internas y también de exportaciones, con su secuela de suspensiones y cesantías de personal en los dos países.

El entendimiento fue firmado en el Palacio de Hacienda por el ministro argentino de Economía, Axel Kicillof, y el titular de la cartera de Industria de Brasil, Mauro Borges, quienes prorrogaron hasta el 30 de junio de 2015 el protocolo de complementación económica bilateral.

Argentina sufrió en 2013 un déficit en la balanza comercial automotriz de unos 2.400 millones de dólares, según la consultora privada especializada Abeceb.com.

En Brasil, los empadronamientos no superaron las 240.000 unidades y la Federación Nacional de Distribuidores de Vehículos de Brasil (Fenabrave), corrigió la proyección de ventas para 2014 que caerá un 5% frente al 3,5% de baja calculada originalmente.

La venta de automotores acumuló un retroceso de 18% en el primer cuatrimestre de 2014 en Argentina, tras caer 35% en abril en relación a igual mes de 2013, lo que originó la suspensión de turnos de operarios, según el último informe de la cámara comercial del sector.

Bajo fuego de rumores

El ministerio de Industria brasileño reportó en mayo una caída global de 21,4% en el intercambio bilateral (autos y el resto de productos), respecto al mismo mes del año pasado.

De tal modo, se registra una baja por octavo mes consecutivo y acumula en lo que va del año una caída del 19,59%.

"Llegamos al acuerdo bajo un intenso fuego de rumores de que no lo lograríamos", dijo Kicillof en conferencia de prensa conjunta.

"En el bloque, formamos el tercer mercado mundial de automotores. El objetivo es que sigamos produciendo y creando empleo, con una fuerte relación bilateral", dijo el ministro.

La caída en el volumen de comercio bilateral se explica principalmente por una disminución tanto en las compras como en las ventas de Argentina a Brasil, según Abeceb.com.

Se dan tiempo para un acuerdo a cinco años

Mientras sigue vigente el acuerdo, se negociará un entendimiento a cinco años a partir de julio de 2015.

El acuerdo de comercio automotor entre ambos países fue el origen en 1986 del Mercosur, que se completa con Uruguay, Paraguay y Venezuela.

En el acumulado a mayo, se registran descensos de 19,3 % para las importaciones argentinas desde Brasil y del 19,9% para las exportaciones al mayor socio del bloque.

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Se está cayendo el mercado regional de autos y tanto en la Argentina como en Brasil hay un sobrestock de unidades. Por eso en ambos países, las terminales se vieron obligadas a comenzar a implementar suspensiones de personal y, en algunos casos, a intentar achicar estructuras", dijo Gonzalo Dalmasso, analista de Abeceb.

"Vamos a tener un año muy difícil", dijo a la prensa brasileña Flavio Meneghetti, presidente de la entidad empresaria.

De acuerdo con datos oficiales, las exportaciones brasileñas globales hacia Argentina crecieron un 9% en 2013, a 19.615 millones de dólares, en tanto que las importaciones brasileñas tan sólo aumentaron un 0,1%, hasta 16.444 millones de dólares.

Caída de ventas

Las automotrices argentinas están tratando de limitar su stock ante la caída de las ventas en el mercado interno por la presión impositiva y la reducción de las exportaciones a Brasil, adonde se dirige el 86% de la producción.

El presidente de los fabricantes brasileños de autos, Luiz Moan, dijo que las exportaciones de autos a Argentina cayeron 32% en el primer trimestre de este año.

Argentina adquiere nueve de cada 10 coches exportados por Brasil.

El acuerdo del miércoles mantiene una relación de mercado que es de 11% de vehículos argentinos en el mercado brasileño y del 44,3% de unidades brasileñas en el mercado argentino.

(AFP)

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/economia/1180582-argentina-y-brasil-renuevan-acuerdo-comercial-para-enfrentar-caida-de-ventas-de-autos-en-ambos-paises>

EL PAÍS

www.elpais.com.uy

Información

Rocha: puerto aprobado sin habilitación ambiental

Diputados del Partido Nacional cuestionan ya no solo a la minería de gran porte sino que consideran que el puerto de "aguas profundas" de Rocha, vinculada a aquélla, se está encarando sin permisos ambientales.

JUAN PABLO CORREA
jun 13 2014

El diputado por Rivera Gerardo Amarilla le dijo al ministro de Vivienda, Francisco Beltrame, el miércoles en la comisión respectiva de la Cámara baja, que el gobierno está aplicando una política

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

de "hechos consumados" y dispuso la construcción de un nuevo puerto en Rocha sin que se hubiesen realizado los estudios ambientales correspondientes.

El cronograma que representantes del gobierno le presentaron esta semana al Parlamento del Mercosur, establece que el estudio de impacto ambiental del proyecto se presentará en septiembre de este año y que también en ese mes se obtendría la autorización ambiental del Proyecto Básico de Ingeniería. El Gobierno quiere que en octubre se llame a licitación para asignar el proyecto ejecutivo, la construcción y el financiamiento del puerto.

Los cuestionamientos de Amarilla se suman a los que hacen quienes sostienen que el puerto que costaría al menos US\$ 1.118 millones no tiene suficiente carga potencial en esta coyuntura que le dé viabilidad.

En la misma línea que Amarilla se manifestaron en la comisión los diputados blancos José Andrés Arocena de Florida y Mario Silvera de Treinta y Tres.

Esta es la postura del candidato presidencial blanco Luis Lacalle Pou.

El gobierno está en tratativas con el Fondo de Convergencia Estructural del Mercosur (básicamente financiado por Brasil) para que contribuya con algo más de la mitad de los fondos necesarios, aunque en ese país se han levantado voces que objetan esa posibilidad. A la consultora Deloitte se le adjudicó directamente la evaluación de la viabilidad económica y social del proyecto.

El proyecto del puerto supone que ofrezca una profundidad de 22 metros, una longitud del canal de acceso de 10,7 kilómetros y un ancho en esa vía de 200 metros.

Amarilla consideró que "ahora no cabe en la cabeza de nadie que el Ministerio de Vivienda, Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente no vaya a aprobar la construcción del puerto; va a tener que hacerlo, sí o sí, aunque los estudios ambientales no se hayan realizado y se vayan a llevar a cabo después".

"Sin duda, creo que eso es un error" porque se violó la ley que establece que se deben realizar estudios ambientales previos a la decisión sobre una construcción de este tipo, sostuvo el legislador.

"Entonces, podríamos decir que la ley número 16.466 fue violada por la que creó el puerto de aguas profundas; quiere decir que una ley específica violó una ley general ambiental. Por supuesto, puede decirse que eso es constitucional, ya que una ley posterior deroga una anterior, pero, de alguna manera, en este caso, se violó un procedimiento establecido por una ley general", sostuvo.

El ministro Beltrame y el director nacional de Medio Ambiente, Jorge Rucks, no hicieron comentarios sobre este planteo de la oposición.

Como el puerto de "aguas profundas" comenzaría a construirse sobre fines de 2015, la minera Aratirí, que quiere exportar hierro desde la costa de Rocha, tiene la intención de construir una terminal propia que luego podría quedar incluida en la que proyecta el gobierno. Pero los funcionarios dijeron a los legisladores que todavía Aratirí no ha presentado los estudios

ambientales necesarios para que se la autorice. Tampoco ha presentado los estudios sobre el mineroducto que llegaría a la costa, confirmaron Rucks y Beltrame.

De todas formas, Rucks aclaró que en la anterior propuesta de mineroducto se le dejó en claro a la empresa que no podía afectar a las áreas protegidas de Rocha, lo que llevó a que se realizaran ajustes en el proyecto original que luego se modificó porque el gobierno cambió de idea respecto a la ubicación del puerto y lo trasladó más al sudoeste del departamento.

Críticas de la Federación Rural

La Federación Rural del Uruguay envió la semana pasada una carta al Congreso de Intendentes en la que plantea que los estudios que realizaron las intendencias de Durazno, Florida y Treinta y Tres sobre el impacto de la minería en la zona de Cerro Chato y su micro región, vinculada al proyecto Aratirí, "no tiene los contenidos necesarios para su puesta de manifiesto" que debía terminar el pasado 6 de junio cuando venció el plazo de 30 días que había comenzado a correr el 7 de mayo. La gremial reclamó que se profundicen esos estudios y se amplíe su alcance geográfico. La federación ha manifestado que apoya la recolección de firmas para que se vote la prohibición de la minería metalífera a cielo abierto. Hasta ahora los impulsores de esa iniciativa han recolectado algo más de 50.000 firmas.

"Nueve enunciados generales denominados `lineamientos estratégicos` en apenas una carilla más un pequeño croquis, no son suficientes para la exigencia legal y no constituyen un avance serio para convocar a la población a evaluarlo. En especial, cabe señalar que se soslaya la problemática minera al ser tratada con total generalidad sabiendo que, un proyecto concreto como Aratirí, de altísimo impacto, está en consideración de la Dinama del Mvotma y en debate en el país todo, condicionando su matriz productiva", dice la carta.

La gremial agrega que tampoco se dio una participación adecuada a los productores rurales en la elaboración de esos análisis. La vaguedad de las definiciones de los estudios "deja abierta `ventanas de oportunidad` para implantar proyectos y generar transformaciones sin las garantías suficientes, sin recorrer los carriles legales de planificación y participación", concluye.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/informacion/rocha-puerto-aprobado-habilitacion-ambiental-2.html>

Brasil

AGÊNCIA BRASIL

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Economia

Anfavea: IPI para automóveis sobe em 1º de janeiro

Daniel Lima - Repórter da Agência Brasil Edição: José Romildo

20/11/2014 15h05Brasília

Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul

Para mais informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos automóveis será elevado a partir de 1º de janeiro, segundo o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan. Ele esteve reunido, em Brasília, com o ministro da Fazenda, Guido Mantega. O governo reduziu o IPI em maio de 2012 para ajudar a manter a economia aquecida.

Após o encontro, Moan indicou que o ministro, em nenhum momento, sinalizou prorrogar a permanência do imposto reduzido para carros. Anteriormente, outros integrantes da equipe econômica já tinham antecipado que o IPI voltaria em 2015 com as alíquotas cheias.

Moan disse que a elevação do IPI a partir de 1º de janeiro é uma decisão do governo e não uma suposta manobra das montadoras para melhorar a venda de automóveis no fim do ano. "É uma decisão que está tomada. Vamos continuar trabalhando com um cenário de elevação do IPI na produção, nas promoções e vendas", disse o executivo.

Com a elevação, segundo Moan, o IPI do carro popular irá subir de 3% para 7%; o do carro médio de 9% para 11%, no modelo flex, e para 13% nos movidos apenas a gasolina. A decisão de repassar ou não as alíquotas integralmente para os preços, segundo ele, dependerá de cada empresa. Moan não quis antecipar o impacto do reajuste nos preços.

Moan sugeriu que a elevação do IPI não acarretará demissões no setor. "A indústria automobilística tem seus trabalhadores em um nível muito qualificado, o que significa crescimento e treinamento fortes. Então, a indústria sempre evitou fazer uma redução do pessoal em função justamente desse investimento que foi feito. Vamos lutar para continuar o máximo possível produzindo e vendendo", ponderou.

No último dia 11, Moan anunciou que estava otimista em relação ao segundo semestre do setor em comparação ao primeiro. Ele tem dito que os meses de novembro e dezembro serão melhores do que a média dos meses de junho a outubro.

O executivo da Anfavea tinha demonstrado, até então, certo pessimismo em relação a 2015 devido ao impacto do retorno do IPI a patamares vigentes antes da crise.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-11/anfavea-ipi-para-automoveis-sobe-em-1o-de-janeiro>